

BIBLIOTÉCA DE FILOSOFIA ESPIRITUALISTA
MODERNA E CIÊNCIAS PSÍQUICAS

Francisco Candido Xavier

BOA NOVA

Do espírito de
(Humberto de Campos)



LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

OBRAS DE

GABRIEL

DELANNE:

**A ALMA É
IMORTAL**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

**O ESPIRI-
TISMO
PERANTE A
CIENCIA**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

**A EVOLU-
ÇÃO
ANIMICA**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

**A REINCAR-
NAÇÃO**

Br.... 9\$000
Enc.. 12\$000

Pelo correio :
— 1 vol., mais
1\$, varios, \$500
cada.

BOA NOVA

Pelo Espirito

de

HUMBERTO DE CAMPOS

Produções do médium

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

**BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO,
PÁTRIA DO EVANGELHO**

(Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos).

Br. 4\$000; enc. 7\$000

EMMANUEL

(Ditado pelo Espírito de Emmanuel).

Br. 4\$000; enc. 7\$000

A CAMINHO DA LUZ

(Ditado pelo Espírito de Emmanuel).

Br. 4\$000; enc. 7\$000

PARNASO DE ALÉM TUMULO

Br. 7\$; enc. 10\$000.

CRONICAS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos).

Br. 5\$000; enc. 8\$000

NOVAS MENSAGENS

(Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos).

Br. 4\$000; enc. 6\$000

HA DOIS MIL ANOS

(Ditado pelo Espírito de Emmanuel).

Br. 7\$000; enc. 10\$000

50 ANOS DEPOIS

(Ditado pelo Espírito de Emmanuel).

Br. 7\$000; enc. 10\$000

O CONSOLADOR

(Ditado pelo Espírito de Emmanuel).

Br. 5\$000; enc. 8\$000

BOA NOVA

(Ditado pelo Espírito de Humberto de Campos).

Br. 5\$000; enc. 8\$000

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

BOA NOVA

DITADA PELO
ESPIRITO DE

Humberto de Campos



1941

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
ESPIRITA BRASILEIRA

Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro — Brasil

Imp. Of. "Reformador"

INDICE

Pags.

Na Escola do Evangelho	7
I — Boa Nova	11
II — Jesus e o Precursor	15
III — Primeiras pregações	20
IV — A familia Zebedeu	23
V — Os Discipulos	32
VI — Fidelidade a Deus	38
VII — A luta contra o mal	44
VIII — Bom animo	50
IX — Velhos e moços	57
X — O perdão	64
XI — O sermão do monte	70
XII — Amor e renuncia	77
XIII — Pecado e punição	83
XIV — A lição a Nicodemos	89
XV — Joana de Khouza	95
XVI — O testemunho a Tomé	101
XVII — Jesus na Samária	108
XVIII — A oração dominical	115
XIX — Comunhão com Deus	121
XX — Maria de Magdala	127
XXI — A lição da vigilancia	137
XXII — A mulher e a ressurreição	143
XXIII — O servo bom	149
XXIV — A ilusão do discipulo	155
XXV — A ultima ceia	161
XXVI — A negação de Pedro	167

	Pags.
XXVII — A oração do Horto	174
XXVIII — O bom ladrão	180
XXIX — Os quinhentos da Galiléia	186
XXX — Maria	192

xxx
xxxxx
xxxxx
xxx

NA ESCOLA DO EVANGELHO

Oferecendo este esforço modesto ao leitor amigo, julgo prudente endereçar-lhe uma explicação, quanto á genese destas paginas.

Dentro delas, sou o primeiro a reconhecer que os meus temas não são os mesmos. Os que se preocupam com a expressão fenomenica da forma não encontrarão talvez o mesmo estilo. Em periodo algum, faço referencias de sabor mitologico. E, naqueles velhos amigos, que, como eu proprio aí no mundo, não conseguem atinar com as realidades da sobrevivencia, surpreendo, por antecipação, as considerações mais estranhas. Alguns perguntarão com certeza se fui promovido a ministro evangelico.

Semelhante admiração pode ser natural, mas não será muito justa. O gosto literario sempre refletiu as condições da vida do espirito. Não precisamos muitos exemplos para justificar o aserto. Minha propria atividade literaria, na Terra, divide-se em duas fases essencialmente distintas. As paginas do Conselheiro XX são muito diversas das em que vasei as emoções novas que a dor, como lampada maravilhosa, me fazia descobrir, no país de minhalma.

Meu problema atual não é o de escrever para agradar, mas o de escrever com proveito.

Sei quão singelo é o esforço presente; entretanto, desejo que ele reflita o meu testemunho de admiração por todos os que trabalham pelo Evangelho no Brasil.

Nas esferas mais proximas da Terra, os nossos labores por afeioar sentimentos á exemplificação do Cristo são também minuciosos e intensos. Escolas numerosas se multiplicam, para os espiritos desincarnados. E eu, que sou agora um discipulo humilde desses educandarios de Jesus, reconheci que os planos espirituais têm também o seu "folk-lore". Os feitos heroicos e abençoados, muitas vezes anônimos no mundo, praticados por seres desconhecidos, encerram aqui profundas lições, em que encontramos forças novas. Todas as expressões evangelicas têm, entre nós, a sua história viva. Nenhuma delas é simbolo superficial. Inumeraveis observações sobre o Mestre e seus continuadores palpitam nos corações estudiosos e sinceros.

Dos milhares de episodios desse "folk-lore" do céu, consegui reunir trinta e trazer ao conhecimento do amigo generoso que me concede a sua atenção. Concorde em que é pouco; mas, isso deve valer como tentativa util, pois estou certo de que não me faltou o auxilio indispensavel.

Hoje, não mais cogito de crer, porque sei. E aquele Mestre de Nazaré polariza igualmente as minhas esperanças. Lembro-me de que, um dia, palestrando com alguns amigos protestantes, notei que classificavam a Jesus como "rocha dos seculos". Sorri e passei, como os pretensos espiritos fortes de nossa época, aí no mundo. Hoje, porém, já não posso sorrir, nem passar. Sinto a "rocha" milenaria, luminosa e sublime, que nos sustenta o coração, atolado no pantano de misérias seculares. E aqui estou para lhe prestar o meu preito de reconhecimento com estas paginas simples, cooperando com os que trabalham devotadamente na sua causa divina, de luz e redenção.

Jesus vê que no vaso imundo de meu espirito penetrou uma gota de seu amor desvelado e compassivo. O homem perverso, que chegava da Terra, encontrou o raio de luz destinado á purificação

de seu santuario. Ele ampara os meus pensamentos com a sua bondade sem limites. A ganga terrena ainda abafa, em meu coração, o ouro que me deu da sua misericordia; mas, como Bartolomeu, já possuo o bom animo para enfrentar os inimigos de minha paz, que se abrigam em mim mesmo. Tenho a alegria do Evangelho, porque reconheço que o seu amor não me desampara. Confiado nessa proteção amiga e generosa, meu espirito trabalha e descansa.

Agora, para consolidar a estranheza dos que me lêem, com o sabor de critica, tão ao gosto do nosso tempo, justificando a substancia real das narrativas deste livro, citarei o apostolo Marcos, quando diz (4: 34): "E sem parabolos nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discipulos"; e o apostolo João, quando afirma (21: 25): "Ha, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez e que, se cada uma de per si fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem".

E é só. Como se vê, não faço referencias aos classicos da literatura antiga ou contemporanea. Cito Marcos e João. E' que existem espiritos esclarecidos e espiritos evangelizados e eu, agora, peço a Deus que abençoe a minha esperança de pertencer ao numero destes ultimos.

Pedro Leopoldo, 9 de novembro de 1940.

Humberto de Campos.

BOA NOVA

I

BOA NOVA

Os historiadores do Imperio Romano sempre observaram com espanto os profundos contrastes da gloriosa época de Augusto.

Caio Julio Cesar Otavio chegara ao poder, não obstante o lustre de sua notavel ascendencia, por uma série de acontecimentos felizes. As mentalidades mais altas da antiga Republica não acreditavam no seu triunfo. Aliando-se contra a usurpação de Antonio, com os proprios conjurados que haviam praticado o assassinio de seu pai adotivo, suas pretensões foram sempre contrariadas por sombrias perspectivas. Entretanto, suas primeiras vitorias começaram com a instituição do triunvirato e, em seguida, os desastres de Antonio, no Oriente, lhe abriram inesperados caminhos.

Como se o mundo pressentisse uma abençoada renovação de valores no tempo, em breve, todas as legiões se entregavam, sem resistencia, ao filho do soberano assassinado.

Uma nova era principiara com aquele jovem energico e magnanimo. O grande imperio do mundo, como que influenciado por um conjunto de forças estranhas, descansava numa onda de harmonia e de jubilo, depois de guerras seculares e tenebrosas.

Por toda parte levantavam-se templos e monumentos preciosos. O hino de uma paz duradoura

começava em Roma para terminar na mais remota de suas províncias, acompanhado de amplas manifestações de alegria por parte da plebe anônima e sofredora.

A cidade dos Cesares se povoava de artistas, de espíritos nobres e realizadores. Em todos os recantos, permanecia a sagrada emoção de segurança, enquanto o organismo das leis se renovava, distribuindo os bens da educação e da justiça.

No entanto, o inesquecível Imperador era franzino e doente. Os cronistas da época referem-se, por mais de uma vez, às manchas que lhe cobriam a epiderme, transformando-se, de vez em quando, em dardos dolorosos. Otávio nunca foi senhor de uma saúde completa. Suas pernas viviam sempre enroladas em faixas e sua caixa torácica convenientemente resguardada contra os golpes de ar que lhe motivavam incessantes resfriados. Com frequência, queixava-se de enxaquecas, que se faziam seguir de singulares abatimentos.

Não somente nesse particular padecia o Imperador das extremas vicissitudes da vida humana. Ele, que era o regenerador dos costumes, o restaurador das tradições mais puras da família, o maior reorganizador do Imperio, foi obrigado a humilhar os seus mais fundos e delicados sentimentos de pai e de soberano, lavrando um decreto de banimento de sua única filha, exilando-a na Ilha de Pandatária, por efeito da sua vida de condenáveis escândalos na Córte, sendo compelido, mais tarde, a tomar as mesmas providências em relação à sua neta. Notou que a companheira amada de seus dias se envolvia, na intimidade doméstica, em continuas questões de envenenamento dos seus descendentes mais diretos, experimentando ele, assim, na família, a mais angustiada ansiedade do coração.

Apesar de tudo, seu nome foi dado ao século ilustre que o viu nascer. Seus numerosos anos de governo se assinalaram por inolvidáveis iniciativas. A alma coletiva do Imperio nunca sentira

tamanha impressão de estabilidade e de alegria. A paisagem gloriosa de Roma jamais reunira tão grande número de inteligências. E' nessa época que surgem Virgílio, Horácio, Ovídio, Salsúcio, Tito Lívio e Mecenas, como favoritos dos deuses.

Em todos os lugares, lavravam-se mármorees soberbos, esplendiam jardins suntuosos, erigiam-se palácios e santuários, protegia-se a inteligência, creavam-se leis de harmonia e de justiça, num oceano de paz inigualável. Os carros de triunfo esqueciam, por algum tempo, as palmas de sangue e o sorriso da deusa Vitoria não mais se abria para os movimentos de destruição e morticínio.

O próprio Imperador, muitas vezes, em presidindo às grandes festas populares, com o coração tomado de angústia pelos dissabores de sua vida íntima, se surpreendeu, testemunhando o jubilo e a tranquilidade geral do seu povo e, sem que conseguisse explicar o mistério daquela onda interminável de harmonia, chorava de comoção, quando, do alto de sua tribuna dourada, escutava a famosa composição de Horácio, onde se destacavam estes versos de imorredoura beleza:

Oh! sol fecundo,

Que com teu carro brilhante

Abres e fechas o dia!...

Que surges sempre novo e sempre igual!

Que nunca possas ver

Algo maior do que Roma.

E' que os historiadores ainda não perceberam, na chamada época de Augusto, o século do Evangelho ou da Boa Nova. Esqueceram-se de que o nobre Otávio era também homem e não conseguiram saber que, no seu reinado, a esfera do Cristo se aproximava da Terra, numa vibração profunda de amor e de beleza. Acercavam-se de Roma e do mundo não mais espíritos belicosos, como Alexandre ou Aníbal, porém outros que se vestiriam dos andrajos dos pescadores, para servirem de base indestrutível aos eternos ensinos do Cordeiro.

Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda do Senhor e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos divinos.

E' por essa razão que o ascendente místico da éra de Augusto se traduzia na paz e no jubilo do povo que, instintivamente, se sentia no limiar de uma transformação celestial.

Ia chegar á Terra o Sublime Emissario. Sua lição de verdade e de luz ia espalhar-se pelo mundo inteiro, como chuva de bençãos magnificas e confortadoras. A humanidade vivia, então, o seculo da Boa Nova. Era a "festa do noivado" a que Jesus se referiu no seu ensinamento imorredouro.

*

Depois dessa festa dos corações, qual roteiro indelevel para a concordia dos homens, ficaria o Evangelho como o livro mais vivaz e mais formoso do mundo, constituindo a mensagem permanente do céu, entre as creaturas em transito pela Terra, o mapa das abençoadas altitudes espirituais, o guia do caminho, o manual do amor, da coragem e da perene alegria.

E, para que essas características se conservassem entre os homens, como expressão de sua sábia vontade, Jesus recomendou aos seus apóstolos que iniciassem o seu glorioso testamento com os hinos e os perfumes da natureza, sob a claridade maravilhosa de uma estrela a guiar reis e pastores á mangedoura rústica, onde se entoavam as primeiras notas do seu cantico de amor, e o terminassem com a luminosa visão da humanidade futura, na posse das bençãos de redenção. E' por esse motivo que o Evangelho de Jesus, sendo o livro do amor e da alegria, começa com a descrição da gloriosa noite de Natal e termina com a profunda visão da Jerusalém libertada, entrevista por João, nas suas divinas profecias do Apocalipse.

II

JESUS E O PRECURSOR

Após a famosa apresentação de Jesus aos doutores do templo de Jerusalém, Maria recebeu a visita de Isabel e de seu filho, em sua casinha pobre de Nazaré.

Depois das saudações habituais, no desdobramento dos assuntos familiares as duas primas entraram a falar de ambas as crianças, cujo nascimento fôra antecedido por acontecimentos singulares e cercado de estranhas circunstancias. Enquanto o patriarca José atendia ás ultimas necessidades diarias de sua officina humilde, entretinham-se as duas em curiosa palestra, trocando carinhosamente as mais ternas confidencias maternas.

— O que me espanta — dizia Isabel com caricioso sorriso — é o temperamento de João, dado ás mais fundas meditações, apesar da sua pouca idade. Não raro, procuro-o inutilmente em casa, para encontra-lo, quasi sempre, entre as figueiras bravas, ou caminhando ao longo das estradas adustas, como se a pequena frente estivesse dominada por graves pensamentos.

— Essas crianças, a meu ver — respondeu-lhe Maria, intensificando o brilho suave de seus olhos — trazem para a humanidade a luz divina de um

caminho novo. Meu filho também é assim, envolvendo-me o coração numa atmosfera de incessantes cuidados. Por vezes, vou encontra-lo a sós, junto das águas, e, de outras, em conversação profunda com os viajantes que demandam a Samária ou as aldeias mais distantes, nas adjacências do lago. Quasi sempre, surpreendo-lhe a palavra caridosa que dirige às lavadeiras, aos transeuntes, aos mendigos sofrendores... Fala de sua comunhão com Deus com uma eloquência que nunca encontrei nas observações dos nossos doutores e, constantemente, ando a cismar, em relação ao seu destino.

— Apesar de todos os valores da crença — murmurou Isabel, convicta — nós, as mães, temos sempre o espírito abalado por injustificáveis receios.

Como se se deixasse empolgar por amorosos temores, Maria continuou:

— Ainda ha alguns dias, estivemos em Jerusalém, nas comemorações costumeiras, e a facilidade de argumentação com que Jesus elucidava os problemas que lhe eram apresentados pelos orientadores do templo nos deixaram a todos receiosos e perplexos. Sua ciência não pode ser deste mundo: vem de Deus, que certamente se manifesta por seus labios amigos da pureza. Notando-lhe as respostas, Eleazar chamou a José, em particular, e o advertiu de que o menino parece haver nascido para a perdição de muitos poderosos em Israel.

Com a prima a lhe escutar atentamente a palavra, Maria prosseguiu, de olhos humidos, após ligeira pausa:

— Ciente desse aviso, procurei Eleazar, afim de interceder por Jesus, junto de suas valiosas relações com as autoridades do templo. Pensei na sua infancia desprotegida e receio pelo seu futuro. Eleazar prometeu interessar-se pela sua sorte; todavia, de regresso a Nazaré, experimentei singular multiplicação dos meus temores. Conversei com José, mais detidamente, acerca do pequeno, preocupada com o seu preparo conveniente para a

vida!... Entretanto, no dia que se seguiu ás nossas intimas confabulações, Jesus se aproximou de mim, pela manhã, e me interpelou: — “Mãe, que queres tu de mim? Acaso não tenho testemunhado a minha comunhão com o Pai que está no Céu?!” Altamente surpreendida com a sua pergunta, respondi-lhe hesitante: — “Tenho cuidado por ti, meu filho! Reconheço que necessitas de um preparo melhor para a vida...” Mas, como se estivesse em pleno conhecimento do que se passava em meu intimo, ponderou ele: “Mãe, toda preparação util e generosa no mundo é preciosa; entretanto, eu já estou com Deus. Meu Pai, porém, deseja de nós toda a exemplificação que seja boa e eu escolherei, desse modo, a escola melhor”. No mesmo dia, embora soubesse das belas promessas que os doutores do templo fizeram na sua presença a seu respeito, Jesus aproximou-se de José e lhe pediu, com humildade, o admitisse em seus trabalhos. Desde então, como se nos quizesse ensinar que a melhor escola para Deus é a do lar e a do esforço proprio — concluiu a palavra materna com singeleza — ele aperfeiçoa as madeiras da oficina, empunha o martelo e a enxó, enchendo a casa de animo, com a sua doce alegria!

Isabel lhe escutava atenta a narrativa, e, depois de outras pequenas considerações materiais, ambas observaram que as primeiras sombras da noite desciam na paisagem, acinzentando o céu sem nuvens.

A carpintaria já estava fechada e José buscava a serenidade do interior domestico para o repouso.

As duas mães se entreolharam inquietas e perguntavam a si proprias para onde teriam ido as duas crianças.

*

Nazaré, com a sua paisagem, das mais belas de toda a Galiléia, é talvez o mais formoso recanto

da Palestina. Suas ruas humildes e pedregosas, suas casas pequeninas, suas lojas singulares se agrupam numa ampla concavidade em cima das montanhas, ao norte do Esdrelon. Seus horizontes são estreitos e sem interesse; contudo, os que subam um pouco além, até onde se localizam as casinhas mais elevadas, encontram para o olhar assombrado as mais formosas perspectivas. O céu parece alongar-se, cobrindo o conjunto maravilhoso, numa dilatação infinita.

Maria e Isabel avistaram seus filhos, lado a lado, sobre uma eminência banhada pelos dardos de raios vespertinos. De longe, afigurou-se-lhes que os cabelos de Jesus esvoaçavam ao sopro caricioso das brisas do alto. Seu pequeno indicador mostrava a João as paisagens que se multiplicavam à distancia, como um grande general que desse a conhecer as minudências dos seus planos a um soldado de confiança. Ante seus olhos surgiam as montanhas da Samária, o cume de Maggedo, as eminências de Gelboé, a figura esbelta do Thabor, onde, mais tarde, ficaria inesquecível o instante da Transfiguração, o vale do rio sagrado do Cristianismo, os cumes de Safed, o golfo de Khaifa, o elevado cenário do Pereu, num soberbo conjunto de montes e vales, ao lado das águas cristalinas.

Quem poderia saber qual a conversação solitária que se travava entre ambos? Distanciados no tempo, devemos presumir que fosse, na Terra, a primeira combinação entre o amor e a verdade, para a conquista do mundo. Sabemos, porém, que, na manhã imediata, em partindo o precursor na carinhosa companhia de sua mãe, perguntou Isabel a Jesus, com gracioso interesse: — “Não queres vir conosco?”, ao que o pequeno carpinteiro de Nazaré respondeu, profeticamente, com inflexão de profunda bondade: — “João partirá primeiro”.

Transcorridos alguns anos, vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à verdade, precedendo o trabalho divino do amor, que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

João, de facto, partiu primeiro, afim de executar as operações iniciais para a grandiosa conquista. Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da misericórdia e da bondade. O Mestre dos mestres quiz colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os símbolos imortais do Cristianismo. Salomé representa a futilidade do mundo, Herodes e sua mulher o convencionalismo político e o interesse particular. João era a verdade e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magôa, deixando-se levar aos sacrifícios extremos.

Como a dor que precede às poderosas manifestações da luz no íntimo dos corações, ela recebe o bloco de mármore bruto e lhe trabalha as asperezas para que a obra do amor surja, em sua pureza divina. João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo rude da verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o reino de Deus prevaleça nos corações. Expressando a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as próprias imperfeições do seu mundo interior, afim de estabelecer em si mesmo o santuário de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: — “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos.”

III

PRIMEIRAS PREGAÇÕES

Nos primeiras dias do ano 30, antes de suas gloriosas manifestações, avistou-se Jesus com o Batista, no deserto triste da Judéia, não muito longe das areias ardentes da Arabia. Ambos estiveram juntos, por alguns dias, em plena natureza, no campo ríspido do jejum e da penitencia do grande precursor, até que o Mestre Divino, despedindo-se do companheiro, demandou o oasis de Jericó, uma benção de verdura e agua fresca, entre as inclemencias da estrada agreste. De Jericó dirigiu-se então a Jerusalém, onde repousou, ao cair da noite.

Sentado como um peregrino, nas adjacencias do tempio, Jesus foi notado por um grupo de sacerdotes e pensadores ociosos, que se sentiram atraídos pelos seus traços de formosa originalidade e pelo seu olhar lúcido e profundo. Alguns deles se afastaram, sem maior interesse, mas Hanan, que seria, mais tarde, o juiz inclemente de sua causa, aproximou-se do desconhecido e dirigiu-se-lhe com orgulho:

— Galileu, que fazes na cidade?

— Passo por Jerusalém, buscando a fundação do Reino de Deus — exclamou o Cristo, com modesta nobreza.

— Reino de Deus? — tornou o sacerdote com acentuada ironia. E que pensas tu venha a ser isso?

— Esse Reino é a obra divina no coração dos homens! — esclareceu Jesus, com grande serenidade.

— Obra divina em tuas mãos? — revidou Hanan, com uma gargalhada de desprezo.

E, continuando as suas observações ironicas, perguntou:

— Com quem contas para levar avante essa difficil empreza? Quais são os teus seguidores e companheiros?... Acaso terás conquistado o apoio de algum principe desconhecido e illustre, para auxiliar-te na execução de teus planos?

— Meus companheiros hão de chegar de todos os lugares — respondeu o Mestre com humildade.

— Sim — observou Hanan — os ignorantes e os tolos estão em toda parte da Terra. Certamente que esse representará o material de tua edificação. Entretanto, propões-te realizar uma obra divina e já viste alguma estatua perfeita modelada em fragmentos de lama?

— Sacerdote — replicou-lhe Jesus, com energia serena — nenhum marmore existe mais puro e mais formoso do que o do sentimento e nenhum cinzel é superior ao da boa vontade sincera.

Impressionado com a resposta firme e intelligente, o famoso juiz ainda interrogou:

— Conheces Roma ou Atenas?

— Conheço o amor e a verdade — disse Jesus convictamente.

— Tens ciencia dos codigos da Côrte Provincial e das leis do Templo? — inquiriu Hanan, inquieto.

— Sei qual é a vontade de meu Pai que está nos céus — respondeu o Mestre, brandamente.

O sacerdote o contemplou irritado e, dirigindo-lhe um sorriso de profundo desprezo, demandou a

Torre Antonia, em atitude de orgulhosa superioridade.

No dia seguinte, pela manhã, o mesmo formoso peregrino foi ainda visto a contemplar as maravilhas do santuario, antes alguns minutos de inter-nar-se pelas estradas banhadas de sol, a caminho de sua Galiléia distante.

*

Dai a algum tempo, depois de haver passado por Nazaré, descansando igualmente em Caná, Jesus se encontrava nas circunvizinhanças da cidadezinha de Cafarnaum, como se procurasse, com viva atenção, algum amigo que estivesse á sua espera.

Em breves instantes, ganhou as margens do Tiberiades e se dirigiu, resolutamente, a um grupo alegre de pescadores, como se, de antemão, os conhecesse a todos.

A manhã era bela, no seu manto diáfano de radiosas neblinas. As aguas transparentes vinham beijar os eloendros da praia, como se brincassem ao sôpro das virações perfumadas da natureza. Os pescadores entoavam uma cantiga rude e, dispondo inteligentemente as barcaças moveis, deitavam as rêdes, em meio de profunda alegria.

Jesus aproximou-se do grupo e, assim que dois deles desembarcaram em terra, falou-lhes com amizade:

— Simão e André, filhos de Jonas, venho da parte de Deus e vos convido a trabalhar pela instituição de seu reino na Terra!

André lembrou-se de já o ter visto, nas cercanias de Bethsaida e do que lhe haviam dito a seu respeito, enquanto que Simão, embora agradavelmente surpreendido, o contemplava, enleiado. Mas, quasi a um só tempo, dando expansão aos seus

temperamentos acolhedores e sinceros, exclamaram, respeitosamente:

— Sêde benvindo!...

Jesus então lhes falou docemente do Evangelho, com o olhar incendiado de jubilos divinos.

Estando muitos outros companheiros do lago a observar de longe os tres, André, manifestando a sua tocante ingenuidade, exclamou comovido:

— Um reino? mas em Cafarnaum existem tão poucas casas!...

Ao que Pedro obtemperou, como se a boa vontade devesse suprir todas as deficiencias:

— O lago é muito grande e ha varias aldeias circundando estas aguas. O reino poderá abrangelas todas!

Isso dizendo, fixou em Jesus o olhar perquiridor, como se fôra uma grande criança meiga e sincera, desejosa de demonstrar compreensão e bondade. O Senhor esboçou um sorriso sereno e, como se adiasse com prazer as suas explicações para mais tarde, inquiriu generosamente:

— Quereis ser meus discipulos?

André e Simão se interrogaram a si mesmos, permutando sentimentos de admiração embevecida. Refletia Pedro: que homem seria aquele? onde já lhe escutara o timbre carinhoso da voz intima e familiar? Ambos os pescadores se esforçavam por dilatar o dominio de suas lembranças, de modo a encontra-lo nas recordações mais queridas. Não sabiam, porém, como explicar aquela fonte de confiança e de amor que lhes brotava no amago do espirito e, sem hesitarem, sem uma sombra de dúvida, responderam simultaneamente:

— Senhor, seguiremos os teus passos.

Jesus os abraçou com imensa ternura e, como os demais companheiros se mostrassem admirados e trocassem entre si diterios ridicularizadores, o Mestre, acompanhado de ambos e de grande grupo de curiosos, se encaminhou para o centro de Cafarnaum, onde se erguia a Intendencia de

Antipas. Entrou calmamente na coletoria e, avistando um funcionario culto, conhecido publicano da cidade, perguntou-lhe:

— Que fazes tu, Leví?

O interpelado fixou-o com surpresa; mas, seduzido pelo suave magnetismo de seu olhar, respondeu sem demora:

— Recolho os impostos do povo, devidos a Herodes.

— Queres vir comigo para recolher os bens do céu? — perguntou-lhe Jesus, com firmeza e doçura.

Leví, que seria mais tarde o apóstolo Mateus, sem que pudesse definir as santas emoções que lhe dominaram a alma, atendeu comovido:

— Senhor, estou pronto!...

Então, vamos — disse Jesus, abraçando-o.

Em seguida, o numeroso grupo se dirigiu para a casa de Simão Pedro, que oferecera ao Messias acolhida sincera em sua residencia humilde, onde o Cristo fez a primeira exposição de sua consoladora doutrina, esclarecendo que a adesão desejada era a do coração sincero e puro, para sempre, ás claridades do seu reino. Iniciou-se naquele instante a eterna união dos inseparáveis companheiros.

*

Na tarde desse mesmo dia, o Mestre fez a primeira pregação da Boa Nova na praça ampla cercada de verdura e situada naturalmente junto ás aguas.

No céu, vibravam harmonias vespertinas, como se a tarde possuísse também uma alma sensível. As arvores vizinhas acenavam os ramos verdes ao vento do crepusculo, como mãos da natureza que convidassem os homens á celebração daquele primeiro ágape. As aves ariscas pousavam de leve nas alcaparreiras mais proximas, como se também desejassem senti-lo e na praia estensa se acotovelava-

va a grande multidão de pescadores rusticos, de mulheres aflitas por continuadas flagelações, de crianças sujas e abandonadas, misturados publicanos pecadores com homens analfabetos e simples que haviam acorrido, ansiosos por ouvi-lo.

Jesus contemplou a multidão e enviou-lhe um sorriso de satisfação. Contrariamente ás ironias de Hanan, ele aproveitaria o sentimento como marmore precioso e a boa vontade como cinzel divino. Os ignorantes do mundo, os fracos, os sofredores, os desalentados, os doentes e os pecadores seriam em suas mãos o material de base para a sua construção eterna e sublime. Converteria toda miseria e toda dor num cantico de alegria e, tomado pelas inspirações sagradas de Deus, começou a falar da maravilhosa beleza do seu reino. Magnetizado pelo seu amor, o povo o escutava num grande transporte de ventura. No céu, havia uma vibração de claridade desconhecida.

Ao longe, no firmamento de Cafarnaum, o horizonte se tornara um deslumbramento de luz e, bem no alto, na cúpola dourada e silenciosa, as nuvens delicadas e alvas tomavam a forma suave das flores e dos arcanjos do paraíso.

IV

A FAMÍLIA ZEBEDEU

Na manhã que se seguiu á primeira manifestação da sua palavra defronte do Tiberiades, o Mestre se aproximou de dois jovens que pescavam nas margens e os convocou para o seu apostolado:

— Filhos de Zebedeu — disse, bondoso — desejais participar das alegrias da Boa Nova?!

Tiago e João, que já conheciam as pregações do Batista e que o tinham ouvido na véspera, tomados de emoção, se lançaram para ele, transbordantes de alegria:

— Mestre! Mestre! — exclamavam felizes.

Como se fossem irmãos bem amados que se encontrassem depois de longa ausência, tocados pela força do amor que se irradiava do Cristo, fonte inspiradora das mais profundas dedicações, falaram largamente da ventura de sua união peregrina, no futuro, das esperanças com que deveriam avançar para o porvir, proclamando as belezas do esforço pelo Evangelho do Reino. Os dois rapazes galileus eram de temperamento apaixonado. Profundamente generosos, tinham carinhosas e simples, ardentes e sinceras as almas. João tomou das mãos do Senhor e beijou-as afetuosamente, enquanto Jesus lhe acariciava os anéis macios dos cabelos. Tiago, como se quizesse hipotecar a sua

solidariedade inteira, aproximou-se do Messias e lhe colocou a dextra sobre os ombros, em amoroso transporte.

Os dois novos apóstolos, entretanto, eram ainda muito jovens e, em regressando á casa com o espirito arrebatado por imensa alegria, relataram á sua mãe o que se passara.

Salomé, a esposa de Zebedeu, apesar de bondosa e sensível, recebeu a noticia com certo cuidado. Também ela ouvira o profeta de Nazaré nas suas gloriosas afirmativas da véspera. Poz-se então a ponderar consigo mesma: não estaria próximo aquele reino prometido por Jesus? Quem sabe se o filho de Maria não falava na cidade em nome de algum príncipe? Ah! o Cristo deveria ser o interprete de algum desconhecido ilustre que recrutava adeptos entre os homens trabalhadores e mais fortes. A quem seriam confiados os postos mais altos, dentro da nova fundação? Seus filhos queridos bem os mereciam. Precisava agir, enquanto era tempo. O povo, de ha muito, falava em revolução contra os romanos e os comentadores mais indiscretos anteviam a queda proxima dos Antipas. O novo reinado estava proximo e, alucinada pelos sonhos maternos, Salomé procurou o Messias, no circulo dos seus primeiros discipulos.

— Senhor — disse, atenciosa — logo após a instituição do teu reino, eu desejaria que os meus filhos se sentassem um á tua direita e outro á tua esquerda, como as duas figuras mais nobres do teu trono.

Jesus sorriu e obtemperou com gesto bondoso:

— Antes de tudo, é preciso saber se eles quererão beber do meu cálice!...

A progenitora dos dois jovens embarçou-se. Além disso, o grupo que rodeava o Messias a observava com indiscreção e manifesta curiosidade. Reconhecendo que o instante não lhe permitia mais amplas explicações, retirou-se apressada, collocando o seu velho esposo ao corrente dos factos.

*

Ao entardecer, cessado o labor do dia, Zebedeu acompanhado pelos dois filhos procurou o Mestre em casa de Simão Pedro. Jesus lhes recebeu a visita com extremo carinho, enquanto o velho galileu expunha as suas razões, humilde e respeitoso.

— Zebedeu — respondeu-lhe Jesus, tu, que conheces a lei e lhe guardas os preceitos no coração, sabes de algum profeta de Deus que, no seu tempo, fosse amado pelos homens do mundo?

— Não, Senhor.

— Que fizeram de Moisés, de Jeremias, de Jonas? Todos os emissários da verdade divina foram maltratados e trucidados, ou banidos do berço em que nasceram. Na Terra, o preço do amor e da verdade tem sido o martírio e a morte.

O pai de Tiago e João o ouvia humilde e repetia: — Sim, Senhor.

E Jesus, como se aproveitasse o momento para esclarecer todos os pontos em dúvida, continuou:

— O reino de Deus tem de ser fundado no coração das criaturas; o trabalho árduo é o meu gozo; o sofrimento o meu cálice; mas, o meu espírito se ilumina da sagração certa da vitória.

— Então, Senhor — exclamou Zebedeu, respeitoso — o vosso reino é o da paz e da resignação que os crentes de Elias esperavam.

Jesus com um sorriso de benignidade acrescentou:

— A paz da consciência pura e a resignação suprema á vontade de meu Pai são do meu reino; mas, os homens costumam falar de uma paz que é ociosidade de espírito e de uma resignação que é vício do sentimento. Trago comigo as armas para que o homem combata os inimigos que lhe subjuguem o coração e não descansarei, enquanto não tocarmos o porto da vitória. Eis porque o

meu cálice, agora, tem de transbordar de fel, que são os esforços ingentes que a obra reclama.

E, como se quizesse pormenorizar os esclarecimentos, prosseguiu:

— Ha homens poderosos no mundo que morrem comodamente em seus palácios, sem nenhuma paz no coração, transpondo em desespero e com a noite na consciência os umbrais da eternidade; ha lutadores que morrem na batalha de todos os momentos, muita vez vencidos e humilhados, guardando, porém, completa serenidade de espírito, porque, em todo o bom combate, repousaram o pensamento no seio amoroso de Deus. Outros ha que aplaudem o mal, numa falsa atitude de tolerancia, para lhe sofrer amanhã os efeitos destruidores. Os verdadeiros discipulos das verdades do céu esses não aprovam o erro, nem exterminam os que os sustentam. Trabalham pelo bem, porque sabem que Deus tambem está trabalhando. O Pai não tolera o mal e o combate, por muito amar a seus filhos. Vê, pois, Zebedeu, que o nosso reino é de trabalho perseverante pelo bem real da humanidade inteira.

Enquanto os dois apostolos fitavam em Jesus os olhos calmos e venturosos, Zebedeu o contemplava como se tivesse á sua frente o maior profeta do seu povo.

— Grande reino! — exclamou o velho pescador e, dando expansão ao entusiasmo que lhe enchia o coração, disse, ditoso:

— Senhor! trabalharemos convosco, pregaremos o vosso Evangelho, aumentaremos o numero dos vossos seguidores!...

Ouvindo estas ultimas palavras, o Mestre elucidou, pondo enfase nas suas expressões:

— Ouve, Zebedeu! nossa causa não é a do numero; é a da verdade e do bem. E' certo que ela será um dia a causa do mundo inteiro, mas, até lá, precisamos esmagar a serpente do mal sob

os nossos pés. Por enquanto, o numero pertence aos movimentos da iniquidade. A mentira e a tirania exigem exercitos e monarcas, espadas e riquezas imensas para dominarem as creaturas. O amor, porém, essencia de toda gloria e de toda vida, pede um coração e sabe ser feliz. A impostura reclama interminavel fileira de defensores, para espalhar a destruição; basta, no entanto, um homem bom para ensinar a verdade de Deus e exaltar-lhe as glorias eternas, confortando a infinita legião de seus filhos. Quem será maior perante Deus? A multidão que se congrega para entronizar a tirania, esmagando os pequeninos, ou um homem sózinho e bem intencionado que com um simples sinal salva uma barca cheia de pescadores?

Empolgado pela sabedoria daquelas considerações, Zebedeu perguntou:

— Senhor, então o Evangelho não será bom para todos?

— Em verdade — replicou o Mestre — a mensagem da Boa Nova é excelente para todos; contudo, nem todos os homens são ainda bons e justos para com ela. E' por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e ainda por isso que deixarei o jubilo e a energia como as melhores armas aos meus discipulos. Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um glorioso campo de batalha. Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé. Não repousaremos até ao dia da vitoria final. Não nos deteremos numa falsa contemplação de Deus, á margem do caminho, porque o Pai nos falará através de todas as creaturas trazidas á boa estrada; estaremos juntos na tempestade, porque aí a sua voz se manifesta com mais retumbancia. Alegregar-nos-emos nos instantes transitorios da dor e da derrota, porque aí o seu coração amoroso nos dirá — "Vem, filho meu, estou nos teus sofrimentos com a luz dos meus ensinamentos!" Combate-

remos os deuses dos triunfos faceis, porque sabemos que a obra do mundo pertence a Deus, compreendendo que a sua sabedoria nos convoca para completa-la, edificando o seu reino de venturas sem fim no intimo dos corações.

*

Jesus guardou silencio por instantes. João e Tiago se lhe aproximaram, magnetizados pelo seu olhar energico e carinhoso. Zebedeu, como se não pudesse resistir á propria emotividade, fechara os olhos, com o peito oprimido de jubilo. Diante de si, num vasto futuro espirital, via o reino de Jesus desdobrar-se ao infinito. Parecia ouvir a voz de Abraão e o éco grandioso de sua posteridade numerosa. Todos abençoavam o Mestre num hino glorificador. Até ali, seu velho coração conhecera a lei rígida e temera Jeová com a sua voz de trovão sobre as sarças de fogo; Jesus lhe revelara o Pai carinhoso e amigo de seus filhos, que acolhe os velhos, os humildes e os derrotados da sorte, com uma expressão de bondade sempre nova. O velho pescador de Cafarnaum soltou as lagrimas que lhe rebentavam do peito e ajoelhou-se. Adiantando-se-lhe, Jesus exclamou:

— Levanta-te, Zebedeu! Os filhos de Deus vivem de pé para o bom combate!

Avançando, então, dentro da pequena sala, o pai dos apostolos tomou a dextra do Mestre e a humedeceu com as suas lagrimas de felicidade e de reconhecimento, murmurando:

— Senhor, meus filhos são vossos.

Jesus, atraindo-o decemente ao coração, lhe afagou os cabelos brancos, dizendo:

— Chora, Zebedeu! porque as tuas lagrimas de hoje são formosas e benditas!... Temias a Deus; agora o amas; estavas perdido nos raciocinios humanos sobre a lei; agora, tens no coração a fonte da fé viva!

V

OS DISCIPULOS

Frequentemente, era nas proximidades de Cafarnaum que o Mestre reunia a grande comunidade dos seus seguidores. Numerosas pessoas o aguardavam ao longo do caminho, ansiosas por lhe ouvirem a palavra instrutiva. Não tardou, porém, que ele compuzesse o seu reduzido collegio de discipulos.

Depois de uma das suas pregações do novo reino, chamou os doze companheiros que, desde então, seriam os interpretes de sua ação e de seus ensinios. Eram eles os homens mais humildes e simples do lago de Genesaré.

Pedro, André e Felipe eram filhos de Betsaida, de onde vinham igualmente Tiago e João, descendentes de Zebedeu. Leví, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e de sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infancia, sendo muitas vezes chamados "os irmãos do Senhor", á vista de suas profundas afinidades afetivas. Tomé descendia de um antigo pescador de Dalmanuta e Bartolomeu nascera de uma familia laboriosa de Caná da Galiléia. Simão, mais tarde denominado "o Zelota", deixara a sua terra de Canaan para dedicar-se á pescaria e somente um deles, Judas, destoava um pouco desse concerto, pois nascera em Iscariote e se consagrara ao pequeno commercio em Cafarnaum, onde vendia peixes e quinquilharias.

O reduzido grupo de companheiros do Messias experimentou a principio certas difficuldades para harmonizar-se. Pequenas contendas geravam a separatividade entre eles. De vez em quando, o Mestre os surpreendia em discussões inuteis sobre qual deles seria o maior no reino de Deus; de outras vezes, desejavam saber qual, dentre todos, revelava sabedoria maior, no campo do Evangelho.

Leví continuava nos seus trabalhos da coletoria local, enquanto Judas prosseguia nos seus pequenos negocios, embora se reunissem diariamente aos demais companheiros. Os dez outros viviam quasi que constantemente com Jesus, junto ás aguas transparentes do Tiberiades, como se participassem de uma festa incessante de luz.

Iniciando-se, entretanto, o periodo de trabalhos ativos pela difusão da nova doutrina, o Mestre reuniu os doze em casa de Simão Pedro e lhes ministrou as primeiras instruções referentes ao grande apostolado.

*

De conformidade com a narrativa de Mateus, as recomendações iniciais do Messias aclaravam as normas de ação que os discipulos deviam seguir para as realizações que lhes competia concretizar.

— Amados — entrou Jesus a dizer-lhes, com mansidão extrema — não tomareis o caminho largo por onde anda toda a gente, levada pelos interesses faceis e inferiores; buscareis a estrada escabrosa e estreita dos sacrificios pelo bem de todos. Também não penetrareis nos centros das discussões estereis, á moda dos samaritanos, nos das contendas que nada aproveitam ás edificações do verdadeiro reino nos corações com sincero esforço.

Ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de Nosso Pai, que se encontram em aflição e voluntariamente desterradas de seu divino amor. Reuní convosco todos os que se encontram de coração angustiado e dissei-lhes, de minha parte, que é chegado o reino de Deus.

Trabalhai em curar os enfermos, limpar os leprosos, ressuscitar os que estão mortos nas sombras do crime ou das desilusões ingratas do mundo, esclarecei todos os espiritos que se encontram em trevas, dando de graça o que de graça vos é concedido.

Não exibais ouro ou prata em vossas vestimentas, porque o reino do céu reserva os mais belos tesouros para os simples.

Não ajunteis o superfluo em alforjes, tunicas ou alpercatas para o caminho, porque digno é o operario do seu sustento.

Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes buscai saber quem deseje aí os bens do céu, com sinceridade e devotamento a Deus, e reparti as bênçãos do Evangelho com os que sejam dignos, até que vos retireis.

Quando penetrardes nalguma casa, saudai-a com amor.

Se essa casa merecer as bênçãos de vossa dedicação, desça sobre ela a vossa paz; se, porém, não for digna, torne essa mesma paz aos vossos corações.

Se ninguém vos receber, nem desejar ouvir as vossas instruções, retirai-vos sacudindo o pó de vossos pés, isto é, sem conservardes nenhum rancor e sem vos contaminardes da alheia iniquidade.

Em verdade vos digo que dia virá em que menos rigor haverá para os grandes pecadores, do que para quantos procuram a Deus com os lábios da falsa crença, sem a sinceridade do coração.

E' por essa razão que vos envio como ovelhas ao antro dos lobos, recomendando-vos a simplicidade das pombas e a prudencia das serpentes.

Acautelai-vos, pois, dos homens, nossos irmãos, porque sereis entregues aos seus tribunais e sereis açoitados nos seus templos suntuosos, de onde está exilada a idéia de Deus.

Sereis conduzidos, como réus, á presença de

governadores e reis, de tiranos e descrentes, afim de testemunhardes a minha causa.

Mas, nos dias dolorosos da humilhação, não vos dê cuidado como haveis de falar, porque minha palavra estará convosco e sereis inspirados, quanto ao que houverdes de dizer.

Porque não somos nós que falamos; o espirito amoroso de Nosso Pai é que fala em todos nós.

Nesses dias de sombra, em que se lutará no mundo por meu nome, o irmão entregará á morte o proprio irmão, o pai os filhos, espalhando-se nos caminhos o rastro sinistro dos lobos da iniquidade.

Os que me seguirem serão desprezados e odiados por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo.

Quando, pois, fordes perseguidos numa cidade, transportai-vos para outra, porque em verdade vos afirmo que jamais estareis nos caminhos humanos sem que vos acompanhe o meu pensamento.

Se tendes de sofrer, considerai que tambem eu vim á Terra para dar o testemunho e não é o discipulo mais do que o mestre, nem o servo mais que o seu senhor.

Se o adversario da luz vai reunir contra mim as tentações e as zombarias, o ridiculo e a crueldade, que não fará aos meus discipulos?

Todavia, sabeis que acima de tudo está o Nosso Pai e que, portanto, é preciso não temer, pois que, um dia, toda a verdade será revelada e todo o bem triunfará.

O que vos ensino em particular, difundi publicamente; porque o que agora escutais aos ouvidos será objeto de vossas pregações de cima dos telhados.

Trabalhai pelo reino de Deus e não temais os que matam o corpo, mas não podem aniquilar a alma; temei antes os sentimentos malignos que mergulham o corpo e a alma no inferno da consciencia.

Não se vendem dois passarinhos por um ceitil?

Entretanto, nenhum deles cae dos seus ninhos sem a vontade do nosso Pai. Até mesmo os cabelos de nossas cabeças estão contados.

Não temais, pois, porque um homem vale mais que muitos passarinhos.

Empregai-vos no amor do Evangelho e qualquer de vós que me confessar diante dos homens, eu o confessarei igualmente diante de meu Pai que está nos céus.

*

As recomendações de Jesus foram ouvidas ainda por algum tempo e, terminada a sua alocução, no semblante de todos perpassava a nota íntima da alegria e da esperança. Os apóstolos criam contemplar o glorioso porvir do Evangelho do Reino e estremeciam do júbilo de seus corações.

Foi quando Judas Iscariote, como que despertando, antes de todos os companheiros, daquelas profundas emoções de encantamento, se adiantou para o Messias, declarando em termos respeitosos e resolutos:

— Senhor, os vossos planos são justos e preciosos; entretanto, é razoável considerarmos que nada poderemos edificar sem a contribuição de algum dinheiro.

Jesus contemplou-o serenamente e redarguiu:

— Será que Deus precisou das riquezas precárias para construir as belezas do mundo? Em mãos que saibam domina-lo, o dinheiro é um instrumento útil, mas nunca será tudo, porque, acima dos tesouros perecíveis, está o amor com os seus infinitos recursos.

Em meio da surpresa geral, Jesus, depois de uma pausa, continuou:

— No entanto, Judas, embora eu não tenha qualquer moeda do mundo, não posso desprezar o primeiro alvitre dos que contribuirão comigo para a edificação do reino de meu Pai, no espirito das

creaturas. Põe em prática a tua lembrança, mas tem cuidado com a tentação das posses materiais. Organiza a tua bolsa de cooperação e guarda-a contigo; nunca, porém, procures o que ultrapasse o necessario.

Ali mesmo, pretextando a necessidade de incentivar os movimentos iniciais da grande causa, o filho de Iscariote fez a primeira coleta entre os discipulos. Todas as possibilidades eram mínimas, mas alguns pobres denarios foram recolhidos com interesse. O Mestre observava a execução daquela primeira providencia, com um sorriso cheio de apreensões, enquanto Judas guardava cuidadosamente o fruto modesto de sua lembrança material. Em seguida, apresentando a Jesus a bolsa minúscula, que se perdia nas dobras de sua tunica, exclamou satisfeito:

— Senhor, a bolsa é pequenina, mas constitue o primeiro passo para que se possa realizar alguma coisa...

Jesus fitou-o serenamente e retrucou em tom profetico:

— Sim, Judas, a bolsa é pequenina; contudo, permita Deus que nunca sucumbas ao seu peso!

VI

FIDELIDADE A DEUS

Depois das primeiras prédicas de Jesus, respeito aos trabalhos ingentes que a edificação do reino de Deus exigia dos seus discipulos, esboçou-se na fraterna comunidade um leve movimento de incompreensão. Que? pois a Boa Nova reclamaria tamanhos sacrificios? Então o Senhor, que sondava o intimo de seus companheiros diletos, os reuniu, uma noite, quando a turba os deixara a sós e já algumas horas haviam passado sobre o pôr do sol.

Interrogando-os vivamente, provocou a manifestação dos seus pensamentos e duvidas mais intimas. Após escutar-lhes as confidencias simples e sinceras, o Mestre ponderou:

— Na causa de Deus, a fidelidade deve ser uma das primeiras virtudes. Onde o filho e o pai que não desejem estabelecer, como ideal de união, a confiança integral e reciproca? Nós não podemos duvidar da fidelidade do Nosso Pai para conosco. Sua dedicação nos cerca os espiritos, desde o primeiro dia. Ainda não o conheciamos e já ele nos amava. E, acaso, poderemos desdenhar a possibilidade da retribuição? Não seria repudiarmos o titulo de filhos amorosos, o facto de nos deixarmos absorver no afastamento, favorecendo a negação?

Como os discipulos o escutassem atentos, bebendo-lhe os ensinios, o Mestre acrescentou:

— Tudo na vida tem o preço que lhe corresponde. Se vacilais receiosos ante as bênçãos do sacrificio e as alegrias do trabalho, meditai nos tributos que a fidelidade ao mundo exige. O prazer não costuma cobrar do homem um imposto alto e doloroso? Quanto pagarão, em flagelações intimas, o vaidoso e o avarento? Qual o preço que o mundo reclama ao gozador e ao mentiroso?

Ao clarão alvarento da lua, como pai bondoso rodeado de seus filhinhos, Jesus reconheceu que os discipulos, diante das suas cariciosas perguntas, haviam transformado a attitude mental, como que iluminados por subito clarão.

Timidamente, Tiago, filho de Alfeu, contou a historia de um amigo que arruinara a saude, por excessos nos prazeres condenaveis.

Tadeu falou de um conhecido que, depois de ganhar grande fortuna, se havia tornado avarento e mesquinho, a ponto de privar-se do necessario, para multiplicar o numero de suas moedas, acabando assassinado pelos ladrões.

Pedro recordou o caso de um pescador de sua intimidade, que sucumbira tragicamente, por efeito de sua desmedida ambição.

Jesus, depois de ouvi-los, satisfeito, perguntou:

— Não achais enorme o tributo que o mundo exige dos que se apegam aos seus gozos e riquezas? Se o mundo pede tanto, porque não poderia Deus pedir-nos lealdade ao coração? Trabalhamos agora pela instituição divina do seu reino na Terra; mas, desde quando estará o Pai trabalhando por nós?

As interrogativas pairavam no espaço sem resposta dos discipulos, porque, acima de tudo, eles ouviam a que lhes dava o proprio coração. Do firmamento infinito os reflexos do luar se projetavam no lençol tranquilo do lago, dando a impressão de encantador caminho para o horizonte, aberto sobre as aguas, por entre deslumbramentos de luz.

Enquanto os companheiros meditavam no que dissera Jesus, Tiago se lhe dirigiu, nestes termos:

— Mestre, tenho um amigo de Corazin que vos ouviu a palavra santificante e desejava seguir-vos; porém, asseverou-me que o reino pregado pela vossa bondade está cheio de numerosos obstáculos, acrescentando que Deus deve mostrar-se a nós outros somente na vitória e na ventura. Devo confessar que hesitei ante as suas observações, mas, agora, esclarecido pelos vossos ensinamentos, melhor vos compreendo e afirmo-vos que nunca esquecerei minha fidelidade ao reino!...

A voz do apóstolo, na sua confissão espontânea, se revelava tocada de entusiasmo doce e amigo e o Senhor, aproveitando a hora para a sementeira divina, exclamou bondadoso:

— Tiago, nem todos podem compreender a verdade de uma só vez. Devemos considerar que o mundo está cheio de crentes que não entendem a proteção do céu, senão nos dias de tranquilidade e de triunfo. Nós, porém, que conhecemos a vontade suprema, temos que lhe seguir o roteiro. Não devemos pensar no deus que concede, mas no Pai que educa; não no deus que recompensa, sim no Pai que aperfeiçoa. Daí se segue que a nossa batalha pela redenção tem de ser perseverante e sem treguas...

Nesse interim, todos os companheiros de apóstolo, manifestando o interesse que os esclarecimentos da noite lhes causavam, se puzeram a perguntar, com respeito e carinho.

— Mestre — exclamou um deles — não seria melhor fugirmos do mundo para viver na incessante contemplação do reino?...

— Que diríamos do filho que se conservasse em perpetuo repouso, junto de seu pai que trabalha sem cessar, no labor da grande família? — respondeu Jesus.

— Mas, de que modo se ha de viver como

homem e como apóstolo do reino de Deus na face deste mundo? — inquiriu Tadeu.

— Em verdade — esclareceu o Messias — ninguém pode servir, simultaneamente, a dois senhores. Fôra absurdo viver ao mesmo tempo para os prazeres condenáveis da Terra e para as virtudes sublimes do céu. O discípulo da Boa Nova tem de servir a Deus, servindo á sua obra neste mundo. Ele sabe que se acha a laborar com muito esforço num grande campo, propriedade de seu Pai, que o observa com carinho e atenta com amor nos seus trabalhos. Imaginemos que esse campo estivesse cheio de inimigos: por toda parte, vermes asquerosos, víboras peçonhentas, tratos de terra improdutivo. E' certo que as forças destruidoras reclamarão a indiferença e a submissão do filho de Deus; mas, o filho de coração fiel a seu Pai se lança ao trabalho com perseverança e boa vontade. Entrará em luta silenciosa com o meio, sofrer-lhe-á os tormentos com heroísmo espiritual, por amor do reino que traz no coração, plantará uma flor onde haja um espinho, abrirá uma senda, embora estreita, onde estejam em confusão os parasitos da terra, cavará pacientemente, buscando as entranhas do sólo para que surja uma gota d'agua onde queime um deserto. Do intimo desse trabalhador brotará sempre um cantico de alegria, porque Deus o ama e segue com atenção.

— Qual a primeira qualidade a cultivar no coração — perguntou um dos filhos de Zebedeu — para que nos sintamos plenamente identificados com a grandeza espiritual da tarefa?

— Acima de todas as coisas — respondeu o Mestre — é preciso ser fiel a Deus.

A pequena assembléia parecia altamente enlevada e satisfeita; mas, André inquiriu:

— Mestre, estes ultimos dias, tenho-me sentido doente e receio não poder trabalhar como os demais companheiros. Como poderei ser fiel a Deus, estando enfermo?

— Ouvi — replicou o Senhor com certa enfase. Nos dias de calma, é facil provar-se fidelidade e confiança. Não se prova, porém, dedicação, verdadeiramente, senão nas horas tormentosas, em que tudo parece contrariar e perecer. O enfermo tem consigo diversas possibilidades de trabalhar para Nosso Pai, com mais altas probabilidades de exito no serviço. Tateando ou rastejando, busquemos servir ao Pai que está nos céus, porque nas suas mãos divinas vive o universo inteiro!...

André, se algum dia teus olhos se fecharem para a luz da Terra, serve a Deus com a tua palavra e com os ouvidos; se ficares mudo, toma, assim mesmo, a charrúa, valendo-te das tuas mãos. Ainda que ficasses privado dos olhos e da palavra, das mãos e dos pés, poderias servir a Deus com a paciência e a coragem, porque a virtude é o verbo dessa fidelidade que nos conduzirá ao amor dos amores!

O grupo dos apóstolos calara-se, impressionado, ante aquelas recomendações. O luar esplendia sobre as aguas silenciosas. O mais leve ruido não traía o silencio augusto da hora.

André chorava de emoção, enquanto os outros observavam a figura do Cristo, iluminada pelos clarões da lua, deixando entrever um amoroso sorriso. Então, todos, impulsionados por soberana força interior, disseram, quasi a um só tempo:

— Senhor, seremos fieis!...

*

Jesus continuou a sorrir, como quem sabia a intensidade da luta a ser travada e conhecia a fragilidade das promessas humanas. Entretanto, do coração dos apóstolos jamais se apagou a lembrança daquela noite luminosa de Cafarnaum, aureolada pelo ensinamento divino. Humilhados e perseguidos, crucificados na dor e esfolados vivos, souberam ser fieis, através de todas as vicissitudes

da natureza, e, transformando suas angustias e seus trabalhos num cantico de glorificação, sob a eterna inspiração do Mestre renovaram a face do mundo.

VII

A LUTA CONTRA O MAL

De todas as ocorrências da tarefa apostólica, os encontros do Mestre com os endemoninhados constituíam os factos que mais impressionavam os discípulos.

A palavra "diabo" era então compreendida na sua justa acepção. Segundo o sentido exato da expressão, era ele o adversário do bem, simbolizando o termo, dessa forma, todos os maus sentimentos que dificultavam o acesso das almas á aceitação da Boa Nova e todos os homens de vida perversa, que contrariavam os propósitos da existência pura, que deveriam caracterizar as atividades dos adeptos do Evangelho.

Dentre os companheiros do Messias, Tadeu era o que mais se deixava impressionar por aquelas cenas dolorosas. Aguçavam-lhe, sobremaneira, a curiosidade de homem os gritos desesperados dos espiritos malfazejos, que se afastavam de suas vítimas sob a amorosa determinação do Mestre Divino. Quando os pobres obsidiados deixavam escapar um suspiro de alívio, Tadeu voltava os olhos para Jesus, maravilhado de seus feitos.

Certo dia em que o Senhor se retirara, com Tiago e João, para os lados de Cesaréia de Felipe, uma pobre demente lhe foi trazida, afim de que ele, Tadeu, anulasse a atuação dos espiritos perturbadores que a subjugavam. Entretanto, apesar

de todos os esforços de sua boa vontade, Tadeu não conseguiu modificar a situação. Somente no dia imediato, ao entardecer, na presença confortadora do Messias, foi possível á infeliz dementada recuperar o senso de si mesma.

Observando o facto, Tadeu caiu em sério e profundo cismar. Por que razão o Mestre não lhes transmitia, automaticamente, o poder de expulsar os demonios malfazejos, para que pudessem dominar os adversários da causa divina? Se era tão facil a Jesus a cura integral dos endemoninhados, por que motivo não provocava ele de vez a aproximação geral de todos os inimigos da luz, afim de que, pela sua autoridade, fossem definitivamente convertidos ao reino de Deus? Com o cerebro torturado por graves cogitações e sonhando possibilidades maravilhosas para que cessassem todos os combates entre os ensinamentos do Evangelho e os seus inimigos, o discípulo inquieto procurou avistar-se particularmente com o Senhor, de modo a expor-lhe com humildade suas idéias intimas.

*

Numa noite tranquila, depois de lhe escutar as ponderações, perguntou-lhe Jesus, em tom austero:

— Tadeu, qual o principal objetivo das atividades de tua vida?

Como se recebesse uma centelha de inspiração superior, respondeu o discípulo com sinceridade:

— Mestre, estou procurando realizar o reino de Deus no coração.

— Se procuras semelhante realidade, porque a reclamas no adversario em primeiro lugar? Seria justo esqueceres as tuas proprias necessidades nesse sentido? Se buscamos atingir o infinito da sabedoria e do amor em Nosso Pai, indispensavel se

faz reconheçamos que todos somos irmãos no mesmo caminho!...

— Senhor, os espiritos do mal são também nossos irmãos? — inquiriu admirado o apóstolo.

— Toda a criação é de Deus. Os que vestem a túnica do mal envergarão um dia a da redenção pelo bem. Acaso, poderias tu duvidar disso? O discípulo do Evangelho não combate propriamente o seu irmão, como Deus nunca entra em luta com seus filhos; aquele apenas combate toda manifestação de ignorância, como o Pai, que trabalha incessantemente pela vitória do seu amor, junto da humanidade inteira.

— Mas, não seria justo — ajuntou o discípulo, com certa convicção — convocarmos todos os genios malfazejos para que se convertessem á verdade dos céus?

O Mestre, sem se surpreender com essa observação, disse:

— Por que motivo não procede Deus assim?... Porventura, teríamos nós uma substancia de amor mais sublime e mais forte do que a do seu coração paternal? Tadeu, jamais olvidemos o bom combate. Se alguém te convoca ao labor ingrato da má semente, não desdenhes a boa luta pela vitória do bem, encarando qualquer posição difficil como ensejo sagrado para revelares a tua fidelidade a Deus. Abraça sempre o teu irmão. Se o adversario do reino te provoca ao esclarecimento de toda a verdade, não desprezes a hora de trabalhar pelo triunfo da luz; mas, segue o teu caminho no mundo atento aos teus proprios deveres, pois não nos consta que Deus abandonasse as suas atividades divinas, para impor a renovação moral dos filhos ingratos, que se rebelaram na sua casa. Se o mundo parece povoar-se de sombras, é preciso reconhecer que as leis de Deus são sempre as mesmas, em todas as latitudes da vida.

E' indispensavel meditar na lição de nosso Pai e não estacionar a meio do caminho que per-

corremos. Os inimigos do reino se empenham em batalhas sangrentas? Não olvides o teu proprio trabalho. Padecem no inferno das ambições desmedidas? Caminha para Deus. Lançam a perseguição contra a verdade? Tens contigo a verdade divina que o mundo não te poderá roubar, nunca. Os grandes patrimonios da vida não pertencem ás forças da Terra, mas ás do Céu. O homem que dominasse o mundo inteiro com a sua força, teria de quebrar a sua espada sangrenta, ante os direitos inflexiveis da morte. E, além desta vida, ninguém te perguntará pelas obrigações que tocam a Deus, mas unicamente pelo mundo interior que te pertence a ti mesmo, sob as vistas amoraveis de Nosso Pai.

Que diríamos de um rei justo e sabio que perguntasse a um só de seus súditos pela justiça e pela sabedoria do reino inteiro? Entretanto, é natural que o súdito seja inquirido acerca dos trabalhos que lhe foram confiados, no plano geral, sendo também justo se lhe pergunte pelo que foi feito de seus pais, de sua companheira, de seus filhos e irmãos. Andas assim tão esquecido desses problemas faceis e singelos? Aceita a luta, sempre que fores julgado digno dela e não te esqueças, em todas as circunstancias, de que construir é sempre melhor.

Tadeu contemplou o Mestre, tomado de profunda admiração. Seus esclarecimentos lhe caíam no espirito como gotas imensas de uma nova luz.

— Senhor — disse ele — vossos raciocinios me iluminam o coração; mas, terei errado externando meus sentimentos de piedade pelos espiritos malfazejos? Não devemos então convocá-los ao bom caminho?

— Toda intenção excelente — redarguiu Jesus — será levada em justa conta no céu, mas precisamos compreender que não se deve tentar a Deus. Tenho aceitado a luta como o Pai me envia e tenho esclarecido que a cada dia basta o seu trabalho. Nunca reuni o collegio dos meus compa-

nhieiros para provocar as manifestações dos que se comprazem na treva; reuni-os, em todas as circunstancias e oportunidades, suplicando para o nosso esforço a inspiração sagrada do Todo-Poderoso. O adversario é sempre um necessitado que comparece ao banquete das nossas alegrias e, por isso, embora não o tenha convocado, convidando somente os aflitos, os simples e os de boa vontade, nunca lhe fechei as portas do coração, encarando a sua vinda como uma oportunidade de trabalho, de que Deus nos julga dignos.

O apóstolo humilde sorriu, saciado em sua fome de conhecimento, porém, acrescentou, preocupado com a impossibilidade em que se via de atender eficazmente á vitima que o procurara:

— Senhor, vossas palavras são sempre sábias; entretanto, de que necessitarei para afastar as entidades da sombra, quando o seu imperio se estabeleça nas almas?!...

— Voltamos assim ao inicio das nossas explicações — retrucou Jesus — pois para isso necessitas da edificação do reino no amago do teu espirito, sendo este o objetivo de tua vida. Só a luz do amor divino é bastante forte para converter uma alma á verdade. Já viste algum contendor da Terra convencer-se sinceramente tão só pela força das palavras do mundo? As dissertações filosoficas não constituem toda a realização. Elas podem ser um recurso facil da indiferença ou uma tunica brilhante, acobertando penosas necessidades. O reino de Deus, porém, é a edificação divina da luz. E a luz ilumina, dispensando os longos discursos. Capacita-te de que ninguem pode dar a outrem aquilo que ainda não possui no coração. Vai! Trabalha sem cessar pela tua grande vitoria. Zela por ti e ama a teu proximo, sem olvidares que Deus cuida de todos.

*

Tadeu guardou os esclarecimentos de Jesus, para retirar de sua substancia o mais elevado proveito no futuro.

No dia seguinte, desejando destacar, perante a comunidade dos seus seguidores, a necessidade de cada qual se atirar ao esforço silencioso pela sua propria edificação evangelica, o Mestre esclareceu, com seus apólogos singelos, como se encontra dentro da narrativa de Lucas: — “Quando o espirito imundo sae do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso e não o achando diz: — Voltarei para a casa donde sai; e, ao chegar, acha-a varrida e adornada. Depois vai e leva consigo mais sete espiritos piores do que ele que ali entram e habitam; e o ultimo estado daquele homem fica sendo pior do que o primeiro”.

Então, todos os ouvintes das pregações do lago compreenderam que não bastava ensinar o caminho da verdade e do bem aos espiritos perturbados e malfazejos; que indispensavel era edificasse cada um a fortaleza luminosa e sagrada do reino de Deus, dentro de si mesmo.

VIII

BOM ANIMO

O apóstolo Bartolomeu foi dos mais dedicados discípulos do Cristo, desde os primeiros tempos de suas pregações, junto ao Tiberiades. Todas as suas possibilidades eram empregadas em acompanhar o Mestre, na sua tarefa divina. Entretanto, Bartolomeu era triste e, vezes inúmeras, o Senhor o surpreendia em meditações profundas e dolorosas.

Foi, talvez, por isso que, uma noite, enquanto Simão Pedro e sua família se entregavam a inadiáveis afazeres domésticos, Jesus aproveitou alguns instantes para lhe falar mais demoradamente ao coração.

Após uma interrogativa afetuosa e fraternal, Bartolomeu deixou falasse o seu espírito sensível.

— Mestre — exclamou, timidamente — não saberia nunca explicar-vos o porque de minhas tristezas amargurosas. Só sei dizer que o vosso Evangelho me enche de esperanças para o reino de luz que nos espera os corações, além, nas alturas... Quando esclarecesteis que o vosso reino não é deste mundo, experimentei uma nova coragem para atravessar as miserias do caminho da Terra, pois, aqui, o selo do mal parece obscurecer as coisas mais puras!... Por toda parte,

é o triunfo do crime, o jogo das ambições, a colheita dos desenganos!...

A voz do apóstolo se tornara quasi abafada pelas lágrimas. Todavia, Jesus fitou-o brandamente e lhe falou, com serenidade:

— A nossa doutrina, entretanto, é a do Evangelho ou da Boa Nova e já viste, Bartolomeu, uma boa notícia não produzir alegria? Fazes bem, conservando a tua esperança, em face dos novos ensinamentos; mas, não quero senão acender o bom animo no espírito dos meus discípulos. Se já tive ocasião de ensinar que o meu reino ainda não é deste mundo, isso não quer dizer que eu desdenhe o trabalho de estende-lo, um dia, aos corações que mourejam na Terra. Achas, então, que eu teria vindo a este mundo, sem essa certeza confortadora? O Evangelho terá de florescer, primeiramente, na alma das criaturas, antes de frutificar para o espírito dos povos. Mas, venho de meu Pai, cheio de fortaleza e confiança, e a minha mensagem ha de proporcionar grande jubilo a quantos a receberem de coração.

Depois de uma pausa, em que o discípulo o contemplava silencioso, o Mestre continuou:

— A vida terrestre é uma estrada prodigiosa, que conduz aos braços amorosos de Deus. O trabalho é a marcha. A luta comum é a caminhada de cada dia. Os instantes deliciosos da manhã e as horas noturnas de serenidade são os pontos de repouso; mas, ouve-me bem! Na atividade ou no descanso físico, a oportunidade de uma hora, de uma leve ação, de uma palavra humilde é o convite de Nosso Pai para que semeemos as suas bênçãos sacrossantas. Em geral, os homens abusam desse ensejo precioso para anteporem a sua vontade imperfeita aos designios superiores, perturbando a propria marcha. Daí resultam as jornadas mais ásperas, a colheita dos espinhos, as paradas obrigatórias para retificação das faltas cometidas, os infrutíferos labores. Em vista destas

razões, observamos que os viajores da Terra estão sempre desalentados. Na obsecção de sua vontade própria, ferem a fronte nas pedras da estrada, cerram os ouvidos á realidade espiritual, vendam os olhos com a sombra da rebeldia e passam em lagrimas, em desesperadas imprecações e amargurados gemidos, sem enxergarem a fonte cristalina, a estrela cariciosa do céu, o perfume da flor, a palavra de um amigo, a claridade das experiências que Deus espalhou, para a sua jornada, em todos os aspectos do caminho.

Houve um pequeno intervalo nas considerações afetuosas, depois do que, sem mesmo perceber inteiramente o alcance de suas palavras, Bartolomeu interrogou:

— Mestre, os vossos esclarecimentos dissipam os meus pesares; mas, o Evangelho exige de nós a fortaleza permanente?

— A verdade não exige, transforma. O Evangelho não poderia reclamar estados especiais de seus discipulos; porém, é preciso considerar que a alegria, a coragem e a esperança devem ser traços constantes de suas atividades em cada dia. Porque nos firmarmos no pesadelo de uma hora, se conhecemos a realidade gloriosa da eternidade com o Nosso Pai?

— E quando os negocios do mundo nos são adversos? e quando tudo parece em luta contra nós? — perguntou o pescador, de olhar inquieto.

Jesus, todavia, como se percebesse, inteiramente, a finalidade de suas perguntas, esclareceu com bondade:

— Qual o melhor negocio do mundo, Bartolomeu? Será a aventura que se efetua a peso de ouro, muita vez amordaçando-se o coração e a consciencia, para aumentar as preocupações da vida material, ou a iluminação definitiva da alma para Deus, que se realiza tão só pela boa vontade do homem, que deseje marchar para o seu amor, por entre as luzes do caminho? Não será a adver-

sidade nos negocios do mundo um convite amigo para a creatura semear com mais amor, um apelo indireto que a arranque ás ilusões da Terra para as verdades do reino de Deus?

Bartolomeu guardou aquela resposta no coração, não, todavia, sem experimentar certa estranheza. E logo, lembrando-se de que sua progenitora partira, havia pouco tempo, para a sombra do tumulto, interpelou ainda, ansioso:

— Mestre, e não será justificavel a tristeza quando perdemos um ente amado?

— Mas, quem estará perdido, se Deus é o Pai de todos nós?... Se os que estão sepultados no lodo dos crimes hão de vislumbrar, um dia, a alvorada da redenção, porque lamentarmos, em desespero, o amigo que partiu ao chamado do Todo-Poderoso? A morte do corpo abre as portas de um mundo novo para a alma. Ninguém fica verdadeiramente orfão sobre a Terra, como nenhum sêr está abandonado, porque tudo é de Deus e todos somos seus filhos. Eis porque todo discipulo do Evangelho tem de ser um sementeiro de paz e de alegria!...

Jesus entrou em silencio, como se houvera terminado a sua exposição judiciosa e serena.

E, pois que a hora já ia adeantada, Bartolomeu se despediu. O olhar do Mestre oferecia ao seu naquela noite uma luz mais doce e mais brilhante; suas mãos lhe tocaram os ombros, levemente, deixando-lhe uma sensação salutar e desconhecida.

*

Embora nascido em Caná da Galiléia, Bartolomeu residia, então, em Dalmanuta, para onde se dirigiu, meditando gravemente nas lições que havia recebido. A noite pareceu-lhe formosa como nunca. No alto, as estrelas se lhe afiguravam as luzes gloriosas do palacio de Deus á espera das suas

criaturas, com hinos de alegria. As águas de Genesaré, aos seus olhos, estavam mais placidas e felizes. Os ventos brandos lhe sussurravam ao entendimento cariciosas inspirações, como um cor-reio delicado que chegasse do céu.

Bartolomeu começou a recordar as razões de suas tristezas intraduzíveis, mas, com surpresa, não mais as encontrou no campo do coração. Lembrava-se de haver perdido a afetuosa progenitora; refletiu, porém, com mais amplitude, quanto aos designios da Providencia Divina. Deus não lhe era pai e mãe nos céus? Recordou os contratempos da vida e ponderou que seus irmãos pelo sangue o aborreciam e caluniavam. Entretanto, Jesus não lhe era um irmão generoso e sincero? Passou em revista os insucessos materiais. Contudo, que eram as suas pescarias ou a avareza dos negociantes de Betsaida e de Cafarnaum, comparados á luz do reino de Deus, que ele trabalhava por edificar no coração?

Chegou á casa pela madrugada. Ao longe, os primeiros clarões do sol lhe pareciam mensageiros do conforto celestial. O canto das aves ecoava em seu espirito como notas harmoniosas de profunda alegria. O proprio mugido dos bois apresentava nova tonalidade aos seus ouvidos. Sua alma estava agora clara, o coração aliviado e feliz.

Em rangendo os gonzos da porta, seus irmãos dirigiram-lhe improperios, acusando-o de mau filho, de vagabundo e traidor da lei. Bartolomeu, porém, recordou o Evangelho e sentiu que só ele tinha bastante alegria para dar a seus irmãos. Em vez de reagir asperamente, como de outras vezes, sorriu-lhes com a bondade das explicações amigas. Seu velho pai o acusou, igualmente, es-corraçando-o. O apóstolo, no entanto, achou natural. Seu pai não conhecia a Jesus e ele o conhecia. Não conseguindo esclarece-los, guardou os bens do silencio e achou-se na posse de uma alegria nova.

Depois de repousar alguns momentos, tomou as suas rêdes velhas e demandou sua barca. Teve para todos os companheiros de serviço uma frase consoladora e amiga. O lago como que estava mais acolhedor e mais belo; seus camaradas de trabalho, mais delicados e acessíveis. De tarde, não questionou com os comerciantes, enchendo-lhes, aliás, o espirito de boas palavras e de atitudes cativantes e educativas.

Bartolomeu havia convertido todos os desalentos num cantico de alegria, ao sópro regenerador dos ensinamentos do Cristo; todos o observavam com admiração, exceto Jesus, que conhecia, com jubilo, a nova atitude mental de seu discípulo.

*

No sabado seguinte, o Mestre demandou as margens do lago, cercado de seus numerosos seguidores. Ali, aglomeravam-se homens e mulheres do povo, judeus e funcionarios de Antipas, a par de grande numero de soldados romanos.

Jesus começou a pregar a Boa Nova e, á certa altura, contou, conforme a narrativa de Mateus, que — “o reino dos céus é semelhante a um tesouro que, oculto num campo, foi achado e escondido por um homem que, movido de gozo, vendeu tudo o que possuía e comprou aquele campo”.

Nesse instante, o olhar do Mestre pousou sobre Bartolomeu que o contemplava, embevecido; a luz branda de seus olhos generosos penetrou fundo no intimo do apóstolo, pela ternura que evidenciava, e o pescador humilde compreendeu a delicada alusão do ensinamento, experimentando a alma leve e satisfeita, depois de haver alijado todas as vaidades de que ainda se não desfizera,

para adquirir o tesouro divino, no campo infinito da vida.

Enviando a Jesus um olhar de amor e reconhecimento, Bartolomeu limpou uma lagrima. Era a primeira vez que chorava de alegria. O pescador de Dalmanuta aderira, para sempre, aos eternos jubilos do Evangelho do Reino.

IX

VELHOS E MOÇOS

Não era raro observar-se, na pequena comunidade dos discípulos, o entrechoque das opiniões, dentro do idealismo quente dos mais jovens. Muita vez, o sequito humilde dividia-se em discussões, relativamente aos projetos do futuro.

Enquanto Pedro e André se punham a ouvir os companheiros, com a ingenuidade de seus corações simples e sinceros, João comentava os planos de luta no porvir; Tiago, seu irmão, falava do bom aproveitamento de sua juventude, ao passo que o jovem Tadeu fazia promessas maravilhosas.

— Somos jovens! — diziam. Iremos á Terra inteira, pregaremos o Evangelho ás nações, renovaremos o mundo!...

Tão logo o Mestre permitisse, saíam da Galiléia, pregariam as verdades do reino de Deus naquela Jerusalém atulhada de preconceitos e de falsos interpretes do pensamento divino. Sentiam-se fortes e bem dispostos. Respiravam a longos haustos e supunham-se os unicos discípulos habilitados a traduzir com fidelidade os novos ensinamentos. Por longas horas, questionavam acerca de suas possibilidades, apresentavam as suas vantagens, debatiam seus projetos imensos. E pensavam consigo: que poderia realizar Simão Pedro,

chefe de família e encarcerado nos seus pequeninos deveres? Mateus não estava igualmente enlaçado por inadiáveis obrigações de cada dia? André e o irmão os escutavam despreocupados, para meditarem apenas quanto às lições do Messias.

Entretanto, Simão, mais tarde chamado o "Zelota", antigo pescador do lago, acompanhava semelhantes conversações sentindo-se humilhado. Algo mais velho que os companheiros, suas energias, a seu ver, já não se coadunavam com os serviços do Evangelho do Reino. Ouvindo as palavras fortes da juventude dos filhos de Zebedeu, perguntava a si próprio o que seria de seu esforço singelo, junto de Jesus. Começava a sentir mais fortemente o declínio das forças da vida. Suas energias pareciam descer de uma grande montanha, embora o espírito se lhe conservasse firme e vigilante, no ritmo da vida.

Deixando-se, porém, impressionar vivamente, procurou entender-se com o Mestre, buscando extinguir-se das dúvidas que lhe roíam o coração.

*

Depois de expor os seus receios e vacilações, observou que Jesus o fitava, sem surpresa, como se tivesse pleno conhecimento de suas emoções.

— Simão — disse o Mestre com desvelado carinho — poderíamos acaso perguntar a idade de Nosso Pai? E, se fossemos contar o tempo, na ampulheta das inquietações humanas, quem seria o mais velho de todos nós? A vida, na sua expressão terrestre, é como uma árvore grandiosa. A infância é a sua ramagem verdejante. A mocidade se constitui de suas flores perfumadas e formosas. A velhice é o fruto da experiência e da sabedoria. Ha ramagens que morrem depois do primei-

ro beijo do sol e flores que caem ao primeiro sopro da primavera. O fruto, porém, é sempre uma benção do Todo-Poderoso. A ramagem é uma esperança, a flor uma promessa, o fruto é realização; só ele contém o doce misterio da vida, cuja fonte se perde no infinito da divindade!...

Ao passo que o discípulo lhe meditava os conceitos, com sincera admiração, Jesus prosseguia, esclarecendo:

— Esta imagem pode ser também a da vida do espírito, na sua radiosa eternidade, apenas com a diferença de que aí as ramagens e as flores não morrem nunca, marchando sempre para o fruto da edificação. Em face da grandeza espiritual da vida, a existencia humana é uma hora de aprendizado, no caminho infinito do tempo; essa hora minúscula encerra o que existe no todo. E' por isso que aí vemos, por vezes, jovens que falam com uma experiencia milenaria e velhos sem flexão e sem esperança.

— Então, Senhor, de qualquer modo, a velhice é a meta do espírito? — perguntou o discípulo, emocionado:

— Não a velhice enferma e amargurada, que se conhece na Terra, mas a da experiencia que edifica o amor e a sabedoria. Ainda aqui, devemos recordar o simbolo da arvore, para reconhecer que o fruto perfeito é a frescura da ramagem e a beleza da flor, encerrando o conteúdo divino do mel e da semente.

Percebendo que o Mestre estendera seus conceitos em amplas imagens simbólicas, o apóstolo voltou a retrair-se em seu caso particular e obtemperou:

— A verdade, Senhor, é que me sinto depauperado e envelhecido, temendo não resistir aos esforços a que se abriga a minh'alma, na sementeira da vossa doutrina santa.

— Mas, escuta, Simão — redarguiu-lhe Jesus, com serenidade energica — achas que os moços

de amanhã poderão fazer alguma coisa sem os trabalhos dos que agora estão envelhecendo?!... Poderia a árvore viver sem a raiz, a alma sem Deus?! Lembra-te da tua parte de esforço e não te preocupes com a obra que pertence ao Todo Poderoso. Sobretudo, não olvides que a nossa tarefa, para dignidade perfeita de nossas almas, deve ser intransferível. João também será velho e os cabelos brancos de sua frente contarão profundas experiências. Não te magôe a palestra dos jovens da Terra. A flor no mundo pode ser o princípio do fruto, mas pode também enfeitar o cortejo das ilusões. Quando te cerque o borborinho da mocidade, ama aos jovens que revelem trabalho e reflexão; entretanto, não deixes de sorrir, igualmente, para os levianos e inconstantes; são crianças que pedem cuidado, abelhas que ainda não sabem fazer o mel. Perdoa-lhes os entusiasmos sem rumo, como se devem esquecer os impulsos de um menino na inconsciência dos seus primeiros dias de vida. Esclarece-os, Simão, e não penses que outro homem pudesse efetuar, no conjunto da obra divina, o esforço que te compete. Vae e tem bom animo!... Um velho sem esperança em Deus é um irmão triste da noite; mas eu venho trazer ao mundo as claridades de um dia perene.

Dando Jesus por terminado o seu esclarecimento, Simão, o Zelota, se retirou satisfeito, como se houvesse recebido no coração uma energia nova.

*

Voltando á casa pobre, encontrou Tiago, filho de Cleofas, falando á margem do lago com alguns jovens, apelando ardentemente para as suas forças realizadoras. Avistando o velho companheiro, o apóstolo mais moço não o ofendeu, porém fez uma

pequena alusão á sua idade, para destacar as palavras de sua exortação aos companheiros pescadores. Simão, no entanto, sem experimentar qualquer laivo de ciúme, recordou as elucidações do Mestre e logo que se fez silencio, em reconhecendo que Tiago estava só, falou-lhe, com brandura:

— Tiago, meu irmão, será que o espirito tem idade? Se Deus contasse o tempo como nós, não seria ele o mais velho de toda a criação? E que homem do mundo guardará a presunção de se igualar ao Todo-Poderoso? Um rapaz não conseguiria realizar a sua tarefa na Terra, se não tivesse a precede-lo as experiencias de seus pais. Não nos detenhamos na idade, esqueçamos as circunstancias, para lembrar somente os fins sagrados de nossa vida, que deve ser a edificação do Reino no intimo das almas.

O filho de Alfeu escutou-lhe as observações singelas e reconheceu que eram ditas com uma fraternidade tão pura, que não lhe chegavam a ferir, nem de leve, o coração. Admirando a ternura serena do companheiro e sem esquecer o padrão de humildade que o Mestre cultivava, refletiu um momento e exclamou, comovido:

— Tens razão.

O velho apóstolo não esperou qualquer justificativa de sua parte e, dando-lhe um abraço, mostrou-lhe um sorriso bom, deixando perceber que ambos deviam esquecer, para sempre, aquele minuto de divergencia, afim de se unirem cada vez mais em Jesus Cristo.

Naquela mesma tarde, quando o Messias começou a ensinar a sabedoria do Reino de Deus, Simão, o Zelota, notou que havia na praia duas criancinhas inconscientes. Dominada pela nova luz que fluía dos ensinamentos do Mestre, a mãe delas não vira que se distanciavam, ao longo do primeiro lençol raso das aguas; o velho pescador, atento á pregação e ás demais necessidades da hora em

curso, observou os dois pequeninos e acompanhou-os. Com uma boa palavra, tomou-os nos braços, sentando-se numa pedra e, terminada que foi a reunião, os restituiu ao colo maternal, em meio de suave alegria e sincero reconhecimento. Inspirado por uma força estranha á sua alma, o discípulo compreendeu que o jubilo daquela tarde não teria sido completo se duas crianças houvessem desaparecido no seio imenso das aguas, separando-se para sempre dos braços amoráveis de sua mãe. No amago do seu espirito, havia um jubilo sincero. Compreendera com o Cristo o prazer de servir, a alegria de ser útil.

Nessa noite, Simão, o Zelota, teve um sonho glorioso para a sua alma simples. Adormecendo de consciencia feliz, sonhou que se encontrava com o Messias, no cume de um monte que se elevava em estranhas fulgurações. Jesus o abraçou com carinho e lhe agradeceu o fraterno esclarecimento fornecido a Tiago, em sua lembrança, manifestando-lhe reconhecimento pelo seu cuidado terno com duas crianças desconhecidas por amor de seu nome.

O discípulo sentia-se venturoso naquele momento sublime. Jesus, do alto da colina prodigiosa, mostrava-lhe o mundo inteiro. Eram cidades e campos, mares e montanhas... Em seguida, o antigo pescador compreendeu que seus olhos assombrados divisavam as paisagens do futuro. Ao lado de seu deslumbramento, passava a imensa familia humana. Todas as creaturas fitavam o Mestre, com os olhos agradecidos e refulgentes de amor. As crianças lhe chamavam "amigo fiel", os jovens "verdade do céu", os velhos "sagrada esperanza".

Simão acordou, experimentando indefinível alegria. Na manhã imediata, antes do trabalho, procurou o Senhor e beijou-lhe a fimbria humilde da túnica, exclamando jubilosamente:

— Mestre, agora vos compreendo!...

Jesus contemplou-o com amor e respondeu:

— Em verdade, Simão, ser moço ou velho, no mundo, não interessa!... Antes de tudo, é preciso ser de Deus!...

X

O PERDÃO

As primeiras peregrinações do Cristo e de seus discípulos, em torno do lago, haviam alcançado inolvidáveis triunfos. Eram doentes atribulados que agradeciam o alívio buscado ansiosamente; trabalhadores humildes que se enchiam de santas consolações ante as promessas divinas da Boa Nova.

Aquelas atividades, entretanto, começaram a despertar a reação dos judeus rigoristas, que viam em Jesus um perigoso revolucionário. O amor que o profeta nazareno pregava vinha quebrar antigos princípios da lei judaica. Os senhores da terra observavam cuidadosamente as palestras dos escravos, que permutavam imenso júbilo, proveniente das esperanças num novo reino que não chegavam a compreender. Os mais egoístas pretendiam ver no profeta generoso um conspirador vulgar, que desejava levantar as iras populares contra a dominação de Herodes; outros presumiam na sua figura um feiticeiro incomum, que era preciso evitar.

Foi assim que a viagem do Mestre a Nazaré redundou numa excursão de grandes dificuldades, provocando de sua parte as observações quasi amargas que se encontram no Evangelho, com

respeito ao berço daqueles que o deveriam guardar no santuário do coração. Não foram poucos os adversários de suas idéias renovadoras que o precederam na cidade minúscula, buscando neutralizar-lhe a ação por meio de falsas notícias e desmoralizá-lo, argumentando com informações mal alinhavadas de alguns nazarenos.

Jesus sentiu de perto a delicadeza da situação que se lhe creara com a primeira investida dos inimigos gratuitos de sua doutrina; mas, aproveitou todas as oportunidades para as melhores ilações na esfera do ensinamento.

No entanto, o mesmo não aconteceu a seus discípulos. Felipe e Simão Pedro chegaram a questionar seriamente com alguns senhores da região, trocando palavras ásperas, em torno das edificações do Messias. As gargalhadas ironicas, as apreciações menos dignas lhes acendiam no animo propositos impulsivos de defesas apaixonadas. Não faltavam os que viam no Senhor um servo ativo do espirito do mal, um inimigo de Moisés, um assecla de príncipes desconhecidos, ou de traidores ao poder politico de Antipas. Tamanhas foram as discussões em Nazaré, que os seus reflexos nocivos se faziam sentir fortemente sobre toda a comunidade dos discípulos. Pedro e André advogavam a causa do Mestre com expressões incisivas e sinceras, Tiago aborrecia-se com a análise dos companheiros, Levi protestava, expressando o desejo de instituir debates publicos, de maneira a evidenciar-se a superioridade dos ensinamentos do Messias, em confronto com os velhos textos.

Jesus compreendeu os acontecimentos e, calmamente, ordenou a retirada, afastando-se da cidade com tranqüilo sorriso.

Não obstante a determinação e apesar do regresso a Cafarnaum, a maioria dos apóstolos prosseguiu em discussão, estranhando que o Mestre nada fizesse, reagindo contra as envenenadas insinuações a seu respeito.

*

Dai a alguns dias, obedecendo às circunstâncias ocorrentes naquela situação, Pedro e Felipe procuraram avistar-se com o Senhor, ansiosos pela clareza dos seus ensinamentos.

— Mestre, chamaram-vos servo de Satanaz e reagimos prontamente! — dizia Pedro, com sinceridade ingenua.

— Observávamos que por vós mesmo nunca oporieis a contradita — ajuntava Felipe, convicto de haver prestado excelente serviço ao Mestre bem amado — e por isso revidámos aos ataques com a maior força de nossas expressões.

Não obstante o calor daquelas afirmativas, Jesus meditava com uma doce placidez no olhar profundo, enquanto os interlocutores o contemplavam, ansiando pela sua palavra de franqueza e de amor.

Afinal, saindo de suas reflexões silenciosas, o Mestre interrogou:

— Acaso poderemos colher uvas nos espinheiros? De modo algum me empenharia em Nazaré numa contradita esteril aos meus opositores. Contudo, procurei ensinar que a melhor replica é sempre a do nosso proprio trabalho, do esforço util que nos seja possível. Nesse particular, não deixei de operar na minha esfera de ação, de modo a produzir resultados a nossa excursão á cidade vizinha, tornando-a proveitosa, sem desdenhar as palavras construtivas no instante oportuno. De que serviriam as longas discussões publicas, inçadas de doestos e zombarias? Ao termo de todas elas, teríamos apenas menores probabilidades para o triunfo glorioso do amor e maiores motivos para a separatividade e odiosas dissensões. Só devemos dizer aquilo que o coração pode testificar mediante atos sinceros, porque, de outra forma, as afirmações são simples ruído sonoro de uma caixa vasia.

— Mestre — atalhou Felipe, quasi com magua

— a verdade é que a maioria de quantos compareceram ás pregações de Nazaré falava mal de vós!

— Mas, não será vaidade exigirmos que toda gente faça de nossa personalidade elevado conceito? — interrogou Jesus com energia e serenidade. Nas ilusões que as creaturas da Terra inventaram para a sua propria vida, nem sempre constitue bom atestado da nossa conduta o falarem todos bem de nós, indistintamente. Agradar a todos é marchar pelo caminho largo, onde estão as mentiras da convenção. Servir a Deus é tarefa que deve estar acima de tudo e, por vezes, nesse serviço divino, é natural que desagrademos aos mesquinhos interesses humanos. Felipe, sabes de algum emissario de Deus que fosse bem apreciado no seu tempo? Todos os portadores da verdade do céu são incompreendidos de seus contemporaneos. Portanto, é indispensavel consideremos que o conceito justo é respeitavel, mas, antes dele, necessitamos obter a aprovação legitima da consciencia, dentro de nossa lealdade para com Deus.

— Mestre — obtemperou Simão Pedro, a quem as explicações da hora calavam profundamente — nos acontecimentos mais fortes da vida, não deveremos, então, utilizar as palavras energicas e justas?

— Em toda circunstancia, convem naturalmente que se diga o necessario, porém, é tambem imprescindivel que não se perca tempo.

Deixando transparecer que as elucidações não lhe satisfaziam plenamente, perguntou Felipe:

— Senhor, vossos esclarecimentos são indiscutíveis; entretanto, preciso acrescentar que alguns dos companheiros se revelaram insuportaveis nessa viagem a Nazaré; uns me acusaram de brigão e desordeiro, outros de mau entendedor de vossos ensinamentos. Se os proprios irmãos da comunidade apresentam essas falhas, como ha de ser o futuro do Evangelho?

O Mestre refletiu um momento e retrucou:

— Estas são perguntas que cada discípulo deve fazer a si mesmo. Mas, com respeito à comunidade, Felipe, pelo que me compete esclarecer, cumpre-me perguntar-te se já edificaste o reino de Deus no intimo do teu espirito.

— E' verdade que ainda não — respondeu hesitante o apóstolo.

— De dentro dessa realidade, podes observar que, se o nosso collegio fosse constituído de irmãos perfeitos, teria deixado de ser irrepreensível pela adesão de um amigo que ainda não houvesse conquistado a divina edificação.

Ambos os discípulos compreenderam e se puzeram a meditar, enquanto o Cristo continuava:

— O que é indispensavel é nunca perdermos de vista o nosso proprio trabalho, sabendo perdoar com verdadeira espontaneidade de coração. Se nos labores da vida um companheiro nos parece insupportavel, é possível que tambem, algumas vezes, sejamos considerados assim. Temos que perdoar aos adversarios, trabalhar pelo bem dos nossos inimigos, auxiliar os que zombam da nossa fé.

Nesse ponto de suas afirmativas, Pedro atalhou-o, dizendo:

— Mas, para perdoar não deveremos aguardar que o inimigo se arrependa? E que fazer, na hipotese do malfetor assumir a attitude dos lobos sob a pele da ovelha?

— Pedro, o perdão não exclue a necessidade da vigilancia, como o amor não prescinde da verdade. A paz é um patrimonio que cada coração está obrigado a defender, para bem trabalhar no serviço divino que lhe foi confiado. Se o nosso irmão se arrepende e procura o nosso auxilio fraterno, amparemo-lo com as energias que possamos despende; mas, em nenhuma circumstancia cogites de saber se o teu irmão está arrependido. Esquece o mal e trabalha pelo bem. Quando ensinei que cada homem deve conciliar-se depressa com o adversario, busquei salientar que ninguem pode ir

a Deus com um sentimento de odiosidade no coração. Não poderemos saber se o nosso adversario está disposto á conciliação; todavia, podemos garantir que nada se fará sem a nossa boa vontade e pleno esquecimento dos males recebidos. Se o irmão infeliz se arrepender, estejamos sempre dispostos a ampara-lo e, a todo momento, precisamos e devemos olvidar o mal.

Foi quando, então, fez Simão Pedro a sua celebre pergunta:

— “Senhor, quantas vezes pecará meu irmão contra mim, que lhe hei de perdoar? Será até sete vezes?”

Jesus respondeu-lhe, calmamente:

— Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes.

*

Dá por diante, o Mestre sempre aproveitou as menores oportunidades para ensinar a necessidade do perdão reciproco, entre os homens, na obra sublime da redenção.

Acusado de feiticeiro, de servo de Satanaz, de conspirador, Jesus demonstrou, em todas as ocasiões, o maximo de boa vontade para com os espiritos mais rasteiros de seu tempo. Sem desprezar a boa palavra, no instante oportuno, trabalhou a todas as horas pela vitoria do amor, com o mais alto idealismo construtivo. E, no dia inesquecível do Calvario, frente aos seus perseguidores e verdugos, revelando aos homens ser indispensavel a immediata conciliação entre o espirito e a harmonia da vida, foram estas as suas ultimas palavras — “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!...”

XI

O SERMÃO DO MONTE

Difundidas as primeiras claridades da Boa Nova, todos os enfermos e derrotados da sorte, habitantes de Corazin, Magdala, Betsaida, Dalmanuta e outras aldeias importantes do lago enchiam as ruas de Cafarnaum em turbas ansiosas.

Os companheiros do Mestre eram os mais visados pela multidão, por motivo do permanente contacto em que viviam com o seu amor. De vez em quando, Felipe era assaltado, em caminho, por uma onda de doentes; Pedro tinha a casa rodeada de criaturas desalentadas e tristes. Todos queriam o auxilio de Jesus, o beneficio immediato de sua poderosa virtude.

Aos primeiros dias do apostolado, um pequeno grupo de infelizes procurou Levi na sua residencia confortavel. Desejavam explicações sobre o Evangelho do Reino, de modo a trabalharem com mais acerto na observancia dos ensinamentos do Cristo. O coletor da cidade manifestou certa estranheza.

— Afinal — disse ele aos infortunados que o procuravam — o novo reino congregará todos os corações sinceros e de boa vontade, que desejem irmanar-se como filhos de Deus. Mas, que podeis fazer na situação em que vos encontrais?

E, dirigindo-se a tres deles, seus conhecidos pessoais, falou convicto:

— Que poderás realizar, Lisandro, aleijado como és?! E tu, Aquila, não foste abandonado pela propria familia, sob o peso de sérias acusações? E tu Paphos? Acaso edificarias alguma coisa com as tuas atuais aflições?

Os interpelados entreolharam-se cabisbaixos, humilhados. Somente então chegavam a reconhecer as suas penosas deficiencias. A palavra rude de Levi os despertara. Tomara-os uma dor sem limites. Jesus dissera, nas suas pregações carinhosas, que seu amor viera buscar todos os que se encontrassem em tristeza e em angustias do coração. Quando o Mestre chegara, haviam experimentado a restauração de todas as energias. Jubilosos, guardavam as suas promessas, relativamente ao Pai justo e bom, que amava aos filhos mais infelizes, renovando nos corações as esperanças mais puras. Achavam-se exhaustos; mas, a lição de Jesus lhes trouxera novo consolo ás almas desamparadas de qualquer conforto material. Queriam ser de Deus, vibrar com a exaltação das promessas do Cristo, porém, a palavra de Levi novamente os arrojara á condição desditosa.

O grupo de pobres e infortunados retirou-se em desalento; no entanto, o Mestre pregaria no monte, aquela tarde, e, quem sabe, ministraria os ensinamentos de que necessitavam?!...

*

Decorridos alguns instantes, Jesus, em companhia de André, deu entrada em casa de Levi, onde se puzeram os tres em animada palestra. O coletor, á certa altura da conversação, a sorrir ingenuamente, relatou a occorrença, terminando alegremente a sua exposição, com estas palavras:

— Que conseguiria o Evangelho do Reino, com esses aleijados e mendigos? — Mas, lembrando-se de súbito que os demais companheiros eram criaturas pobres e humildes, acrescentou: — E' justo esperemos alguma coisa dos pescadores de Cafarnaum; são homens fortes e desassombrados e o bom trabalho lhes cabe. Não vejo, porém, como aceitar a contribuição desses desafortunados e vencidos que nos procuram.

Jesus fixou o olhar no discípulo com profundo desvelo e falou com bondade, batendo-lhe levemente no ombro:

— No entanto, Levi, precisamos amar e aceitar a preciosa colaboração dos vencidos do mundo!... Se o Evangelho é a Boa Nova, como não ha de ser a mensagem divina para eles, tristes e desherdados na imensa familia humana? Os vencedores da Terra não necessitam de boas noticias. Nas derrotas da sorte, as criaturas ouvem mais alto a voz de Deus. Buscando os oprimidos, os aflitos e os caluniados, sentimo-los tão unidos ao céu, nas suas esperanças, que reconhecemos, na coragem tranqüila que revelam, um sublime reflexo da presença de Nosso Pai em seus espiritos. Já observaste algum vencedor do mundo com mais alta preocupação do que a de defender o fruto de sua vitoria material?

Levi sentia-se comovido e, aproveitando a pequena pausa que se fizera, exclamou algo desapontado:

— Senhor, minhas observações partiram tão só do meu intenso desejo de apressar a supremacia do Evangelho, entre os que governam no mundo!...

— Quem governa o mundo é Deus — afirmou o Mestre, convictamente — e o amor não age com inquietação. Agora, imaginemos, Levi, que os triunfadores da Terra viessem até nós, ensarilhando suas armas exteriores. Figuremos alguns generais romanos chegando a Cafarnaum, com os seus tro-

féus numerosos e sangrentos, afirmando-se desejosos de aceitar o Evangelho do Reino de Deus e oferecendo-se para cooperar no nosso esforço. Certamente trariam consigo legiões de guardas e soldados, funcionarios e escribas, carros de triunfo, espadas e prisioneiros... Começariam protestando contra as nossas pregações pelas estradas desataviadas da natureza. Por não estarem, no intimo, desarmados das vaidades das vitorias, edificariam suntuosos templos de pedra, em cuja construção lutariam duramente por hegemonias inferiores; uns desejariam palacios soberbos, outros empreenderiam a construção de jardins maravilhosos. Recordando a ação das espadas mortíferas, talvez pretendessem disputar a ferro e fogo o estabelecimento do Reino de Deus, exterminando-se reciprocamente, por não cederem uns aos outros, de seus pontos de vista, desde que cada vencedor se julga, no mundo, com maior soma de direitos e de importancia. A pretexto de lutarem em nome do céu espalhariam possivelmente incendios e devastações em toda a Terra. E seria justo, Levi, trabalhássemos por cumprir a vontade do Nosso Pai, aniquilando seus filhos, nossos irmãos?

O apostolo o ouvia assombrado, em face da profundidade de sua argumentação. O Mestre continuou:

— Até que a esponja do tempo absorva as imperfeições terrestres, através de seculos de experiencia necessaria, os triunfadores do mundo são pobres seres que caminham por entre tenebrosos abismos. E' imprescindível, pois, atentemos na alma branda e humilde dos vencidos. Para os seus corações Deus carrega bençãos de infinita bondade. Esses quebraram os élos mais fortes que os acorrentavam ás ilusões e marcham para o Infinito do amor e da sabedoria. O leito de dor, a exclusão de todas as facilidades da vida, a incompreensão dos mais amados, as chagas e as cicatrizes do espirito são luzes que Deus acende na noite som-

bria das creaturas. Levi, é necessario amemos intensamente aos desafortunados do mundo. Suas almas são a terra fecundada pelo adubo das lagrimas e das esperanças mais ardentes, onde as sementes do Evangelho desabrocharão para a luz da vida. Eles saíram das convenções nefastas e dos enganos do caminho terrestre e bendizem do Nosso Pai, como sentenciados que experimentassem, no primeiro dia de liberdade, o clarão reconfortante do sol amigo e radioso que os seus corações haviam perdido! E' também sobre os vencidos da sorte, sobre os que suspiram por um ideal mais santo e mais puro do que as vitorias faceis da Terra, que o Evangelho assentará suas bases divinas!...

André e Levi escutavam de olhos humidos os conceitos do Senhor, cheios de sublimada emoção. Nesse interim, chegaram Tiago, João e Pedro e todo o grupo se dirigiu, alegre, para um dos montes proximos.

*

O crepusculo descia num deslumbramento de ouro e brisas cariciosas. Ao longo de toda a encosta, acotovelava-se a turba imensa. Muitas centenas de creaturas se aglomeravam ali, afim de ouvirem a palavra do Senhor, dentro da paisagem que se aureolava dos brilhos singulares de todo o horizonte pincelado de luz. Eram velhinhos tremulos, lavradores simples e generosos, mulheres do povo agarradas aos filhinhos. Entre os mais fortes e sadios, viam-se cegos e crianças doentes, homens maltrapilhos, exibindo as verminas que lhes corroiam as mãos e os pés. Todos se comprimiam ofegantes. Ante os seus olhares felizes, a figura do Mestre surgiu na eminencia enfeitada de verduras, onde perpassavam brandamente os ventos amigos da tarde. Deixando perceber que

se dirigia aos vencidos e sofredores do mundo inteiro e como que esclarecendo o espirito de Levi, que representava a aristocracia intelectual entre os seus discipulos, na sua qualidade de cobrador dos tributos populares, Jesus, pela primeira vez, pregou as bemaventuranças celestiais. Sua voz caia como balsamo eterno, sobre os corações desditosos.

Bemaventurados os pobres e os aflitos!

Bemaventurados os sedentos de justiça e misericordia!...

Bemaventurados os pacificos e os simples de coração!...

Por muito tempo falou do Reino de Deus, onde o amor edificaria maravilhas perenes e sublimadas. Suas promessas pareciam dirigidas ao incomensuravel futuro humano. Do alto do monte, soprava um vento leve, em deliciosas vagas de perfume. As brisas da Galiléia se haviam impregnado da virtude poderosa e indestrutivel daquelas palavras e, obedecendo a uma determinação superior, iam espalhar-se entre todos os aflitos da Terra.

Quando Jesus terminou a sua allocução, algumas estrelas brilhavam já no firmamento, como radiosas benções divinas. Muitas mães sofredoras e oprimidas, com suave fulgor nos olhos, lhe trouxeram os filhinhos para que ele os abençoasse. Anciãos de fronte nevadas pelos invernos da vida lhe beijaram as mãos. Cegos e leprosos rodeavam-no com semblante sorridente e diziam: — Bendito seja o filho de Deus! Jesus acolhia-os satisfeito, enviando a todos o sorriso de sua afeição.

Levi sentiu que, naquele crepusculo inolvidavel, uma emoção diferente lhe dominava a alma. Havia compreendido os que abandonam as illusões do mundo para se elevarem a Deus. Observando as filas dos humildes populares que se retiravam, tomados de imenso conforto, o discipulo percebeu que os pobres amigos que o visitaram á tarde desciam o monte, abraçados, com uma expressão de grande ventura, como se os animasse um jubilo

sem limites. O coletor de Cafarnaum aproximou-se e os saudou transbordante de alegria, compreendendo que o ensino do Mestre, em toda a sua luz, abrangia o porvir infinito do mundo. Grande esperança e indefinível paz lhe haviam penetrado o amago do sêr. No dia imediato, o ex-publicano abriu suas portas a todos os convivas daquele crepusculo memorável. Jesus participou da festa, partiu o pão e se alegrou com eles. E, quando Levi abraçou o aleijado Lisandro, com a sinceridade de sua alma fiel, o Mestre o contemplou enternecido e disse: — Leví, meu coração se rejubila hoje contigo, porque são também bemaventurados todos os que ouvem e compreendem a palavra de Deus!...

XII

AMOR E RENUNCIA

O manto da noite caía de leve sobre a paisagem de Cafarnaum e Jesus, depois de uma das grandes assembléias populares do lago, se recolhia á casa de Pedro em companhia do apóstolo. Com a sua palavra divina havia tecido luminosos comentários em torno dos mandamentos de Moisés, Simão, no entanto, ia pensativo como se guardasse uma dúvida no coração.

Inquirido com bondade pelo Mestre, o apóstolo esclareceu:

— Senhor, em face dos vossos ensinamentos, como deveremos interpretar a vossa primeira manifestação, transformando a agua em vinho, nas bodas de Caná? Não se tratava de uma festa mundana? O vinho não iria cooperar para o desenvolvimento da embriaguez e da gula?

Jesus compreendeu o alcance da interpelação e sorriu.

— Simão — disse ele — conheces a alegria de servir a um amigo?

Pedro não respondeu, pelo que o Mestre continuou:

— As bodas de Caná foram um simbolo da nossa união na Terra. O vinho ali foi bem o da alegria com que desejo selar a existencia do Reino

de Deus nos corações. Estou com os meus amigos e amo-os a todos. Os afetos dalma, Simão, são laços misteriosos que nos conduzem a Deus. Sabíamos santificar a nossa afeição, proporcionando aos nossos amigos o maximo da alegria; seja o nosso coração uma sala iluminada onde eles se sintam tranquilos e ditosos. Tenhamos sempre jubilos novos que os reconfortem, nunca contaminemos a fonte de sua simpatia com a sombra dos pesares! As mais belas horas da vida são as que empregamos em ama-los, enriquecendo-lhes as satisfações intimas.

Contudo, Simão Pedro, manifestando a estranheza que aquelas advertencias lhe causavam, interpelou ainda o Mestre, com certa timidez:

— E como deveremos proceder quando os amigos não nos entendam, ou quando nos retribuam com ingratidão?

Jesus, poz nele o olhar lucido e respondeu:

— Pedro, o amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensas. A renuncia é o seu ponto de apoio, como o ato de dar é a essencia de sua vida. A capacidade de sentir grandes afeições já é em si mesma um tesouro. A compreensão de um amigo deve ser para nós a maior recompensa. Todavia, quando a luz do entendimento tarde no espirito daqueles a quem amamos, devemos lembrar-nos de que temos a sagrada compreensão de Deus, que nos conhece os propositos mais puros. Ainda que todos os nossos amigos do mundo se convertessem, um dia, em nossos adversarios, ou mesmo em nossos algozes, jamais nos poderiam privar da alegria infinita de lhes haver dado alguma coisa!...

E com o olhar agora absorto na paisagem crepuscular, onde vibravam sutis harmonias, Jesus ponderou, profeticamente:

— O vinho de Caná poderá transformar-se, um dia, no vinagre da amargura; contudo, sentirei, mesmo assim, jubilo em sorve-lo, por minha dedi-

cação aos que vim buscar para o amor do Todo-Poderoso.

Simão Pedro, ante a argumentação consoladora e amiga do Mestre, dissipou as suas derradeiras duvidas, enquanto a noite se apoderava do ambiente, ocultando o conjunto das coisas no seu leque imenso de sombras.

*

Muito tempo ainda não decorrera sobre essa conversação, quando o Mestre, em seus ensinamentos, deixou perceber que todos os homens, que não estivessem decididos a colocar o Reino de Deus acima de pais, mães e irmãos terrestres, não podiam ser seus discipulos.

No dia desses novos ensinamentos, terminados os labores evangelicos, o mesmo apostolo interpelou o Senhor, na penumbra de suas expressões indecisas:

— Mestre, como conciliar estas palavras tão duras com as vossas anteriores observações, relativamente aos laços sagrados entre os que se estimam?!

Sem deixar transparecer nenhuma surpresa, Jesus esclareceu:

— Simão, a minha palavra não determina que o homem quebre os élos santos de sua vida; antes exalta os que tiverem a verdadeira fé para collocarem o poder de Deus acima de todas as coisas e de todos os seres da criação infinita. O amor dos pais não constitue uma lembrança da bondade permanente de Deus? O afeto dos filhos não representa um suave perfume do coração?! Tenho dado aos meus discipulos o titulo de amigos, por ser o maior de todos.

O Evangelho — continuou o Mestre, estando o apostolo a ouvi-lo, atentamente — não pode

condenar os laços de família, mas coloca acima deles o laço indestrutível da paternidade de Deus. O reino do céu no coração deve ser o tema central de nossa vida. Tudo mais é accessorio. A família, no mundo, está igualmente subordinada aos imperativos dessa edificação. Já pensaste, Pedro, no supremo sacrificio de renunciar? Todos os homens sabem conservar, são raros os que sabem privar-se. Na construção do reino de Deus, chega um instante de separação, que é necessario se saiba suportar com sincero desprendimento. E essa separação não é apenas a que se verifica pela morte do corpo, muitas vezes proveitosa e providencial, mas também a das posições estimáveis no mundo, a da família terrestre, a do viver nas paisagens queridas, ou, então, a de uma alma bem amada que preferiu ficar á distancia, entre as flores venenosas de um dia!...

Ah! Simão, quão poucos sabem partir, por algum tempo, do lar tranquilo, ou dos braços adorados de uma afeição, por amor desse reino que é o tabernáculo da vida eterna!! Quão poucos saberão suportar a calunia, o apêdo, a indiferença, por desejarem permanecer dentro de suas criações individuais, cerrando ouvidos á advertencia do céu para que se afastem tranquilamente!... Como são raros os que sabem ceder e partir em silencio, por amor do reino, esperando o instante em que Deus se pronuncia! Entretanto, Pedro, ninguém se edificará, sem conhecer essa virtude de saber renunciar com alegria, em obediência á vontade de Deus, no momento oportuno, compreendendo a sublimidade de seus designios. Por essa razão, os discipulos necessitam aprender a partir e a esperar onde as determinações de Deus os conduzam, porque a edificação do reino do céu no coração dos homens deve constituir a preocupação primeira, a aspiração mais nobre da alma, as esperanças centrais do espirito!...

Ainda não havia anoitecido. Jesus, porém, deu

por concluidas as suas explicações, enquanto as mãos calosas do apóstolo passavam, de leve, sobre os seus olhos humidos.

*

Dando o testemunho real de seus ensinamentos, o Cristo soube ser, em todas as circunstancias, o amigo fiel e dedicado. Nas elucidações de João, vemo-lo a exclamar: — “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; tenho-vos chamado amigos, porque vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai!” E, na narrativa de Lucas, ouvimo-lo dizer, antes da hora extrema: — “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Pascoa, antes da minha paixão”.

Ninguém no mundo já conseguiu elevar á altura em que o Senhor as colocou a beleza e a amplitude dos élos afetivos, mesmo porque a sua obra inteira é a de reunir, pelo amor, todas as nações e todos os homens, no circulo divino da família universal. Mas, também, por demonstrar que o reino de Deus deve constituir a preocupação primeira das almas, ninguém como ele soube retirar-se das posições, no instante oportuno, em obediência aos designios divinos. Depois da magnifica victoria da entrada em Jerusalém, é traído por um dos discipulos amados; negam-no os seus seguidores e companheiros; suas idéias são tidas como perversoras e revolucionarias; é acusado como bandido e feiticeiro; sua morte passa por ser a de um ladrão.

Jesus, entretanto, ensina ás creaturas, nessa hora suprema, a excelsa virtude de retirar-se com a solidão dos homens, mas com a proteção de Deus. Ele, que transformara toda a Galiléia numa fonte divina; que se levantara com desassombro contra as hipocrisias do farisaismo do tempo; que

desapontara os cambistas, no proprio templo de Jerusalém, como advogado energico e superior de todas as grandes causas da verdade e do bem, passa, no dia do Calvario, em espetaculo para o povo, com a alma num maravilhoso e profundo silencio. Sem proferir a mais leve accusação, caminha humilde, coroado de espinhos, sustendo nas mãos uma cana imunda á guisa de cetro, vestindo a tunica da ironia, sob as cusparadas dos populares exaltados, de faces sangrentas e passos vacilantes, sob o peso da cruz, vilipendiado, sem articular uma queixa.

No momento do Calvario, Jesus atravessa as ruas de Jerusalém, como se estivesse diante da humanidade inteira, ensinando a virtude da renuncia por amor do reino de Deus, revelando ser essa a sua derradeira lição.

XIII

PECADO E PUNIÇÃO

Jesus havia terminado uma de suas pregações na praça publica, quando percebeu que a multidão se movimentava em alvoroço. Alguns populares mais exaltados prorrompiam em gritos, enquanto uma mulher ofegante, cabelos desgrehados e faces macilentas, se aproximava dele, com uma supplica de protecção a lhe sair dos olhos tristes. Os muitos judeus ali aglomerados excitavam o animo geral, reclamando o apedrejamento da pecadora, na conformidade das antigas tradições.

Solicitado, então, a se constituir juiz dos costumes do povo, o Mestre exclamou com serenidade e desassombro, causando estupefação aos que o ouviram:

— Aquele que estiver sem peccado atire a primeira pedra.

Por toda a assembléia se fez sentir uma surpresa inquietante. As accusações morreram nos labios mais exaltados. A multidão ensimesmava-se, para comprehender a sua propria situação. Enquanto isso, o Mestre poz-se a escrever no solo despreocupadamente.

Aos poucos, o local ficara quasi deserto. Apenas Jesus e alguns discipulos lá se conservavam,

tendo ao lado a mulher a ocultar as faces com as mãos.

Em dado instante, o Mestre Divino ergueu a fronte e perguntou á infeliz:

— Mulher, onde estão os teus juizes?

Observando que a pecadora lhe respondia apenas com o olhar reconhecido, onde as lagrimas aljofravam num mixto de agradecimento e alegria, Jesus continuou:

— Ninguém te condenou? Também eu não te condeno. Vai e não peques mais.

A infeliz creatura retirou-se experimentando uma sensação nova no espirito. A generosidade do Messias lhe iluminava o coração, em claridades vivas que lhe banhavam a alma toda. Mas, enquanto a pecadora se retirava, presa de intensa alegria, os poucos discipulos que se encontravam junto do Senhor não conseguiam ocultar a estranheza que lhes causara o seu gesto. Porque não condenara ele aquella mulher de vida censuravel aos olhos de todos? Não se tratava de uma adúltera? Nesse interim, João se aproximou e interrogou:

— Mestre, porque não condenastes a meretriz de vida infame?

Jesus fixou no discipulo o olhar calmo e bondoso e redarguiu:

— Quais as razões que aduzes em favor dessa condenação? Sabes o motivo por que essa pobre mulher se prostituiu? Terás sofrido alguma vez a dureza das vicissitudes que ela atravessou em sua vida? Ignoras o vulto das necessidades e das tentações que a fizeram succumbir a meio do caminho. Não sabes quantas vezes tem sido ela objeto do escarneio dos pais, dos filhos e dos irmãos das mulheres mais felizes. Não seria justo agravar-lhe os padecimentos infernais da consciencia pesados e sem rumo.

— Entretanto — exclamou João, defendendo os principios da lei antiga — ela pecou e fez jús

á punição. Não está escrito que os homens pagarão, ceitil por ceitil, os seus proprios erros?

O Mestre sorriu sem se perturbar e esclareceu:

— Ninguém pode contestar que ela tenha pecado, mas quem estará irrepreensivel na face da Terra? Ha sacerdotes da lei, magistrados e philosophos, que prostituíram suas almas por mais baixo preço; contudo, ainda não lhes vi os acusadores. A hipocrisia costuma campear impune, enquanto se atiram pedras ao sofrimento. João, o mundo está cheio de tumulos caídos. Deus, porém, é o Pai de Bondade Infinita que aguarda os filhos pródigos em sua casa. Poder-se-ia desejar para a pecadora humilde tormento maior do que aquele a que ela propria se condenou por tempo indeterminado? Quantas vezes lhe tem faltado pão á boca faminta ou a manifestação de um carinho sincero á alma angustiada? Raras dores no mundo serão identicas ás agonias de suas noites silenciosas e tristes. Esse o seu doloroso inferno, sua aflitiva condenação. E' que, em todos os planos da vida, o instituto da justiça divina funciona, naturalmente, com seus principios de compensação.

Cada sêr traz consigo a fagulha sagrada do Creador e erige, dentro de si, o santuario de sua presença ou a muralha sombria da negação; mas, só a luz e o bem são eternos e, um dia, todos os redutos do mal cairão, para que Deus resplandeça no espirito de seus filhos. Não é para ensinar outra coisa que está escrito na lei — "Vós sois deuses!" Porventura, não sabes que a herança de um pai se divide entre os filhos em partes iguais? As creaturas transviadas são as que não souberam entrar na posse de seu quinhão divino, permutando-o pela satisfação de seus caprichos no desregramento ou no abuso, na egolatria ou no crime, pagando alto preço pelas suas decisões voluntarias. Examinada a situação dos homens por esse prisma, temos de reconhecer no mundo uma vasta escola de regeneração, onde todas as creaturas se reabilitam da

traição aos seus próprios deveres. A Terra, portanto, pode ser tida na conta de um grande hospital, onde o pecado é a doença de todos; o Evangelho, no entanto, traz ao homem enfermo o remédio eficaz, para que todas as estradas se transformem em suave caminho de redenção.

E' por isso que não condeno o pecador para afastar o pecado e, em todas as situações, prefiro acreditar sempre no bem. Quando observares, João, os seres mais tristes e miseráveis, arrastando-se numa noite pejada de sombra e desolação, lembra-te da semente grosseira que encerra um germen divino e que um dia se elevará do seio da terra para o beijo de luz do sol.

Terminada a explicação do Mestre, o filho de Zebedeu, deixando transparecer na luz do olhar a sua profunda admiração, poz-se a meditar nos ensinamentos recebidos.

*

Muito tempo ainda não transcorreria depois desse acontecimento, quando Jesus subiu de Cafarnaum para Jerusalém, acompanhado por alguns de seus discipulos. Celebravam-se festas tradicionais entre os judeus. O Messias chegou num sabado, sob a fiscalização severa dos espiritos rigoristas de sua época. Não foram poucos os paraliticos que o cercaram, ansiosos pelo beneficio de sua virtude salvadora. Escandalizando os fanaticos, o Mestre curava e consolava, na sua jornada de gloriosa redenção. Explicando que o sabado fôra feito para o homem e não o homem para o sabado, enfrentava sorridente as preocupações dos mais exigentes. Vendo tantos cegos e aleijados aglomerados á passagem, Tiago o interpelou:

— Mestre, sendo Deus tão misericordioso, porque pune seus filhos com defeitos e molestias tão horriveis?...

— Acreditas, Tiago — respondeu Jesus — que Deus desça de sua sabedoria e de seu amor para punir seus próprios filhos? O Pai tem o seu plano determinado com respeito á criação inteira; mas, dentro desse plano, a cada creatura cabe uma parte na edificação, pela qual terá de responder. Abandonando o trabalho divino, para viver ao sabor dos caprichos proprios, a alma crêa para si a situação correspondente, trabalhando para reintegrar-se no plano divino, depois de se haver deixado levar pelas sugestões funestas, contrarias á sua propria paz.

João compreendeu que a palavra do Messias era a confirmação dos ensinamentos que já ouvira de seus lábios, na tarde em que a multidão exigia o apedrejamento da pecadora.

Afastaram-se, em seguida, do Tanque de Bethesda, cujas aguas eram tidas, em Jerusalém, na conta de miraculosa e onde o Mestre fizera andar paraliticos, dera vista a cegos e limpava leprosos. Na companhia de Tiago e João, o Senhor encaminhou-se para o templo, onde um dos paraliticos que ele havia curado relatava o acontecido, cheio de sincera alegria. Jesus aproximou-se dele e deixando entrever aos seus discipulos que desejava confirmar os ensinamentos sobre pecado e punição, falou-lhe abertamente, como se lê no texto evangelico de João: — "Eis que estás são. Não peques mais, para que te não suceda coisa pior."

*

Desde que esses ensinamentos foram dados, novas idéias de fraternidade povoaram o mundo, com respeito aos transviados, aos criminosos e aos inimigos, atingindo a propria organização politica dos Estados.

O Imperio Romano vulgarisara os mais ne-

fandos processos de regeneração ou de vingança. Escravos ignorantes eram pasto das feras, nos divertimentos publicos, pelas faltas mais insignificantes nas casas dos patricios. Só de uma vez, trinta mil desses servos, a quem se negava qualquer bem do espirito, foram crucificados numa festa, proximo aos soberbos aquedutos da Via Appia. Os açoites humilhantes eram castigo suave.

Entretanto, desde a tarde em que Jesus se encontrou com a pecadora frente á multidão, um pensamento novo entrou a dominar aos poucos o espirito do mundo. A substancia evangelica do ensino inolvidavel penetrou o aparelho judiciario de todos os povos. A sociedade começou a compreender suas obrigações e procurou segregar o criminoso, como se isola um doente, buscando auxiliar-lhe a reforma definitiva, por todos os meios ao seu alcance. Os menores delinquentes foram amparados pelas numerosas escolas de regeneração. Todo o sistema da justiça humana evoluiu para os principios da magnanimidade e os juizes modernos, lavrando suas sentenças, sem nunca haverem manuseado o Novo Testamento, talvez ignorem que procedem assim por ter sido Jesus o grande reformador da criminologia.

XIV

A LIÇÃO A NICODEMOS

Em face dos novos ensinamentos de Jesus, todos os fariseus do templo se tomavam de inextinguíveis cuidados, pelo seu extremado apêgo aos textos antigos. O Mestre, porém, nunca perdeu ensejo de esclarecer as situações mais difíceis com a luz da verdade que a sua palavra divina trazia ao pensamento do mundo. Grande numero de doutores não conseguia ocultar o seu descontentamento, porque, não obstante suas atividades derrotistas, continuavam as ações generosas de Jesus, beneficiando os aflitos e os sofredores. Discutiam-se os novos principios, no grande templo de Jerusalém, nas praças publicas e nas sinagogas. Os mais humildes e pobres viam no Messias o emissario de Deus, cujas mãos repartiam em abundancia os bens da paz e da consolação. As personalidades importantes temiam-no.

E' que o profeta não se deixava seduzir pelas grandes promessas que lhe faziam com referencia ao seu futuro material. Jamais, temperava a sua palavra de verdade com as conveniencias do comodismo da época. Apesar de magnanimo para com todas as faltas alheias, combatia o mal com tão intenso ardor, que para logo se fazia objeto de hostilidade para todas as

intenções inconfessáveis. Mormente em Jerusalém que, com o seu cosmopolitismo, era um expressivo retrato do mundo, as idéias do Senhor acendiam as mais apaixonadas discussões. Eram populares que se entregavam á apologia franca da doutrina de Jesus, servos que o sentiam com todo o calor do coração reconhecido, sacerdotes que o combatiam abertamente, convencionalistas que não o toleravam, individuos abastados que se insurgiam contra os seus ensinos.

Todavia, sem embargo das dissensões naturais que precedem o estabelecimento definitivo das idéias novas, alguns espiritos acompanhavam o Messias, tomados de vivo interesse pelos seus elevados principios. Entre estes, figurava Nicodemos, fariseu notavel pelo coração bem formado e pelos dotes da intelligencia. Assim, uma noite, ao cabo de grandes preocupações e longos raciocinios, procurou a Jesus, em particular, seduzido pela magnanimidade de suas ações e pela grandeza de sua doutrina salvadora. O Messias estava acompanhado apenas de dois dos seus discipulos e recebeu a visita com a sua bondade costumeira.

Após a saudação habitual e revelando as suas ansias de conhecimento, depois de fundas meditações, Nicodemos dirigiu-se-lhe respeitoso:

— Mestre, bem sabemos que vindes de Deus, pois somente com a luz da assistencia divina poderíeis realizar o que tendes efetuado, mostrando o sinal do céu em vossas mãos. Tenho empregado a minha existencia em interpretar a lei, mas desejava receber a vossa palavra sobre os recursos de que deverei lançar mão para conhecer o Reino de Deus!

O Mestre sorriu bondosamente e esclareceu:

— Primeiro que tudo, Nicodemos, não basta que tenhas vivido a interpretar a lei. Antes de raciocinar sobre as suas disposições, deverias ter-lhe sentido os textos. Mas, em verdade devo dizer-

te que ninguém conhecerá o reino do do céu, sem nascer de novo.

— Como pode um homem nascer de novo, sendo velho? — interrogou o fariseu altamente surpreendido. Poderá, porventura, regressar ao ventre de sua mãe?

O Messias fixou nele os olhos calmos, consciante da gravidade do assunto em fóco e acrescentou:

— Em verdade, reafirmo-te ser indispensavel que o homem nasça e renasça, para conhecer plenamente a luz do reino!...

— Entretanto, como pode isso ser? — perguntou Nicodemos, perturbado.

— E's mestre em Israel e ignoras estas coisas? — inquiriu Jesus, como surpreendido. E' natural que cada um somente testifique daquilo que saiba; porém, precisamos considerar que tu ensinas. Apesar disso, não aceitas os nossos testemunhos. Se falando eu de coisas terrenas sentes dificuldade em compreende-las com os teus raciocinios sobre a lei, como poderás aceitar as minhas afirmativas quando eu disser das coisas celestiais? Seria loucura destinar os alimentos apropriados a um velho para o organismo fragil de uma criança.

Extremamente confundido, retirou-se o fariseu, ficando André e Tiago empenhados em obter do Messias o necessario esclarecimento, acerca daquela lição nova.

*

Jerusalém quasi dormia sob o véu espesso da noite alta. Silencio profundo se fizera sobre a paisagem. Jesus no entanto e aqueles dois discipulos continuavam presos á conversação particular que haviam entabulado. Os dois desejavam ardentemente penetrar o sentido oculto das palavras do Mestre. Como seria possivel aquele renascimento?

Não obstante os seus conhecimentos, também partilhavam da perplexidade que levava Nicodemos a se retirar fundamente surpreso.

— Porque tamanha admiração, em face destas verdades? — perguntou-lhes Jesus bondosamente. As árvores não renascem depois de podadas? Com respeito aos homens, o processo é diferente, mas o espírito de renovação é sempre o mesmo. O corpo é uma veste. O homem é seu dono. Toda roupagem material acaba rôtá, porém o homem, que é filho de Deus, encontra sempre em seu amor os elementos necessários á mudança do vestuário. A morte do corpo é essa mudança indispensável, porque a alma caminhará sempre, através de outras experiências, até que consiga a imprescindível provisão de luz para a estrada definitiva no reino de Deus, com toda a perfeição conquistada, ao longo dos rudes caminhos.

André sentiu que uma nova compreensão lhe felicitava o espírito simples e perguntou:

— Mestre, já que o corpo é como a roupa material das almas, porque não somos todos iguais no mundo? Vejo belos jovens, junto de aleijados e paralisados...

— Acaso não tenho ensinado — disse Jesus — que tem de chorar todo aquele que se transforma em instrumento do escândalo? Cada alma conduz consigo própria o inferno ou o céu que edificou no amago da consciência. Seria justo conceder-se uma segunda veste mais perfeita e mais bela ao espírito rebelde que estragou a primeira? Que diríamos da sabedoria de Nosso Pai, se facultasse as possibilidades mais preciosas aos que as utilizaram na véspera para o roubo, o assassinio, a destruição? Os que abusaram da túnica da riqueza vestirão depois as dos famulos e escravos mais humildes, como as mãos que feriram podem vir a ser cortadas.

— Senhor, compreendo agora o mecanismo do resgate — murmurou Tiago, externando a alegria

do seu entendimento. Mas, observo que, desse modo, o mundo precisará sempre do clima do escândalo e do sofrimento, desde que o devedor, para saldar seu débito, não poderá fazê-lo sem que outro lhe tome o lugar com a mesma dívida.

O Mestre apreendeu a amplitude da objeção e esclareceu os discípulos, perguntando:

— Dentro da lei de Moisés, como se verifica o processo da redenção?

Tiago meditou um instante e respondeu:

— Também na lei está escrito que o homem pagará “olho por olho, dente por dente”.

— Também tu, Tiago, estás procedendo como Nicodemos — replicou Jesus com generoso sorriso. Como todos os homens, aliás, tens raciocinado, mas não tens sentido. Ainda não ponderaste, talvez, que o primeiro mandamento da lei é uma determinação de amor. Acima do “não matarás”, do “não adulterarás”, do “não cobiçarás”, está o “amar a Deus sobre todas as coisas, de todo coração e de todo entendimento”. Como poderá alguém amar ao Pai, aborrecendo-lhe a obra? Contudo, não estranhe a exiguidade de visão espiritual com que examinaste o texto dos profetas. Todas as criaturas hão feito o mesmo. Investigando as revelações do céu com o egoísmo que lhes é próprio, organizaram a justiça como o edifício mais alto do idealismo humano. Eu, entretanto, coloco o amor acima da justiça do mundo e tenho ensinado que só ele cobre a multidão dos pecados. Se nos prendemos á lei de Talião, somos obrigados a reconhecer que onde existe um assassino haverá, mais tarde, um homem que necessita ser assassinado; com a lei do amor, porém, compreendemos que o verdugo e a vítima são dois irmãos, filhos de um mesmo Pai. Basta que ambos sintam isso para que a fraternidade divina afaste os fantasmas do escândalo e do sofrimento.

Ante as elucidações do Mestre, os dois discípulos estavam maravilhados. Aquela lição profunda esclarecia-os para sempre..

Tiago então aproximou-se e sugeriu a Jesus que proclamasse aquelas verdades novas na pregação do dia seguinte. O Mestre dirigiu-lhe um olhar de admiração e interrogou:

— Será que não compreendeste? Pois, se um doutor da lei saiu daqui sem que eu lhe pudesse explicar toda a verdade, como queres que proceda de modo contrario, para com a compreensão simplista do espirito popular? Alguem constroe uma casa iniciando pelo teto o trabalho? Além disso, mandarei mais tarde o Consolador, afim de esclarecer e dilatar os meus ensinios.

Eminentemente impressionados, André e Tiago calaram as derradeiras interrogações. Aquela palestra particular, entre o Senhor e os discipulos, permaneceria guardada na sombra leve da noite em Jerusalém; mas, a lição a Nicodemos estava dada. A lei da reencarnação estava proclamada para sempre, no Evangelho do Reino.

XV

JOANA DE Khouza

Entre a multidão que invariavelmente acompanhava a Jesus nas pregações do lago, achava-se sempre uma mulher de rara dedicação e nobre caracter, das mais altamente colocadas na sociedade de Cafarnaum. Tratava-se de Joana, consorte de Khouza, intendente de Antipas, na cidade onde se conjugavam interesses vitais de comerciantes e de pescadores.

Joana possuia verdadeira fé; entretanto, não conseguia forrar-se ás amarguras domesticas, porque seu companheiro de lutas não aceitava as claridades do Evangelho. Considerando seus dissabores intimos, a nobre dama procurou o Messias, numa ocasião em que ele descansava em casa de Simão e lhe expoz a longa série de suas contrariedades e padecimentos. O esposo não tolerava a doutrina do Mestre. Alto funcionario de Herodes, em perene contacto com os representantes do Imperio, repartia as suas preferencias religiosas, ora com os interesses da comunidade judaica, ora com os deuses romanos, o que lhe permitia viver em tranquillidade facil e rendosa. Joana confessou ao Mestre os seus temores, suas lutas e desgostos no ambiente domestico, expondo suas amarguras em face das divergencias religiosas existentes entre ela e o companheiro.

Após ouvir-lhe a longa exposição, Jesus lhe ponderou:

— Joana, só ha um Deus, que é o Nosso Pai, e só existe uma fé para as nossas relações com o seu amor. Certas manifestações religiosas, no mundo, muitas vezes não passam de vícios populares nos habitos exteriores. Todos os templos da Terra são de pedra; eu venho, em nome de Deus, abrir o templo da fé viva no coração dos homens. Entre o sincero discípulo do Evangelho e os erros milenários do mundo, começa a travar-se o combate sem sangue da redenção espiritual. Agradece ao Pai o haver-te julgado digna do bom trabalho, desde agora. Teu esposo não te compreende a alma sensível? Compreender-te-á um dia. E' leviano e indiferente? Ama-o, mesmo assim. Não te acharias ligada a ele, se não houvesse para isso razão justa. Servindo-o com amorosa dedicação, estarás cumprindo a vontade de Deus. Falas-me de teus receios e de tuas duvidas. Deves, pelo Evangelho, ama-lo ainda mais. Osãos não precisam de medico. Além disso, não poderemos colher uvas nos abrolhos, mas podemos amannhar o solo que produziu cardos envenenados, afim de cultivarmos nele mesmo a videira maravilhosa do amor e da vida.

Joana deixava entrever no brilho suave dos olhos a intima satisfação que aqueles esclarecimentos lhe causavam; mas, patenteando todo o seu estado d'alma, interrogou:

— Mestre, vossa palavra me alivia o espirito atormentado; entretanto, sinto dificuldade extrema para um entendimento reciproco no ambiente do meu lar. Não julgais acertado que lute por impor os vossos principios? Agindo assim, não estarei reformando o meu esposo para o céu e para o vosso reino?

O Cristo sorriu serenamente e retrucou:

— Quem sentirá mais dificuldade em estender as mãos fraternas, será o que atingiu as margens

seguras do conhecimento com o Pai, ou aquele que ainda se debate entre as ondas da ignorancia ou da desolação, da inconstancia ou da indolencia do espirito? Quanto á imposição das idéias — continuou Jesus, acentuando a importancia de suas palavras — por que motivo Deus não impõe a sua verdade e o seu amor aos tiranos da Terra? Porque não fulmina com um raio o conquistador desalmado que espalha a miseria e a destruição, com as forças sinistras da guerra? A sabedoria celeste não extermina as paixões: transforma-as. Aquele que semeou o mundo de cadaveres desperta, ás vezes, para Deus, apenas com uma lagrima. O Pai não impõe a reforma a seus filhos: esclarece-os no momento oportuno. Joana, o apostolado do Evangelho é o de colaboração com o céu, nos grandes principios da redenção. Sê fiel a Deus, amando ao teu companheiro do mundo, como se fôra teu filho. Não percas tempo em discutir o que não seja razoavel. Deus não trava contendias com as suas creaturas e trabalha em silencio, por toda a Creação. Vai!... Esforça-te tambem no silencio e, quando convocada ao esclarecimento, fala o verbo doce ou energico da salvação, segundo as circunstancias! Volta ao lar e ama ao teu companheiro como o material divino que o céu colocou em tuas mãos para que talhes uma obra de vida, sabedoria e amor!...

Joana de Khouza experimentava um brando alivio no coração. Enviando a Jesus um olhar de carinhoso agradecimento, ainda lhe ouviu as ultimas palavras:

— Vai, filha!... Sê fiel!

*

Desde esse dia, memoravel para a sua existencia, a mulher de Khouza experimentou na alma a claridade constante de uma resignação sempre

pronta ao bom trabalho e sempre ativa para a compreensão de Deus. Como se o ensinamento do Mestre estivesse agora gravado indelevelmente em sua alma, considerou que, antes de ser esposa na Terra, já era filha daquele Pai que, do Céu, lhe conhecia a generosidade e os sacrifícios. Seu espírito divisiu em todos os labores uma luz sagrada e oculta. Procurou esquecer todas as características inferiores do companheiro, para observar somente o que possuía ele de bom, desenvolvendo, nas menores oportunidades, o embrião vacilante de suas virtudes eternas. Mais tarde, o céu lhe enviou um filhinho, que veio duplicar os seus trabalhos; ela, porém, sem olvidar as recomendações de fidelidade que Jesus lhe havia feito, transformava suas dores num hino de triunfo silencioso em cada dia.

Os anos passaram e o esforço perseverante lhe multiplicou os bens da fé, na marcha laboriosa do conhecimento e da vida. As perseguições políticas desabaram sobre a existência do seu companheiro. Joana, contudo, se mantinha firme. Torturado pelas idéias odiosas de vingança, pelas dividas insolúveis, pelas vaidades feridas, pelas molestias que lhe verminaram o corpo, o ex-intendente de Antipas voltou ao plano espiritual, numa noite de sombras tempestuosas. Sua esposa, todavia, suportou os dissabores mais amargos, fiel aos seus ideais divinos edificados na confiança sincera. Premida pelas necessidades mais duras, a nobre dama de Cafarnaum procurou trabalho para se manter com o filhinho, que Deus lhe confiara. Algumas amigas lhe chamaram a atenção, tomadas de respeito humano. Joana, no entanto, buscou esclarece-las, alegando que Jesus, igualmente, havia trabalhado, calejando as mãos nos serrotes de uma carpintaria singela e que, submetendo-se a uma situação de subalternidade no mundo, se dedicara primeiramente ao Cristo, de quem se havia feito escrava devotada.

Cheia de alegria sincera, a viuva de Khouza esqueceu o conforto da nobreza material, dedicou-se aos filhos de outras mãis, ocupou-se com os mais subalternos afazeres domesticos, para que seu filhinho tivesse pão. Mais tarde, quando a neve das experiências do mundo lhe alvejou os primeiros aneis da fronte, uma galera romana a conduzia em seu bojo, na qualidade de serva humilde.

*

No ano 68, quando as perseguições ao Cristianismo iam intensas, vamos encontrar, num dos espetáculos sucessivos do circo, uma velha discipula do Senhor amarrada ao poste do martirio, ao lado de um homem novo, que era seu filho.

Ante o vozerio do povo, foram ordenadas as primeiras flagelações.

— Abjura!... — exclama um executor das ordens imperiais, de olhar cruel e sombrio. Mas, a antiga discipula do Senhor contempla o céu, sem uma palavra de negação ou de queixa. Então o açoite vibra sobre o rapaz semi-nú, que exclama, entre lágrimas: — “Repudia a Jesus, minha mãe!... Não vês que nos perdemos?! Abjura!... Abjura por mim que sou teu filho!...”

Pela primeira vez, dos olhos da martir corre a fonte abundante das lágrimas. As rogativas do filho são espadas de angustia que lhe retalham o coração.

— Abjura!... Abjura!

Joana ouve aqueles gritos, recordando a existência inteira. O lar risonho e festivo, as horas de ventura, os desgostos domesticos, as emoções maternais, os fracassos do esposo, sua desesperação e sua morte, a viuvez, a desolação e as necessidades mais duras... Em seguida, ante os apelos desesperados do filhinho, recordou que Maria também

fôra mãe e, vendo o seu Jesus crucificado no madeiro da infamia, soubera conformar-se com os designios divinos. Acima de todas as recordações, como alegria suprema de sua vida, pareceu-lhe ouvir ainda o Mestre, em casa de Pedro, a lhe dizer: — “Vai filha! Sê fiel!” — Então, possuída de força sobrehumana, a viúva de Khouza contemplou a primeira vítima ensanguentada e, fixando no jovem um olhar profundo e inexprimível, na sua dor e na sua ternura exclamou firmemente:

— Cala-te, meu filho! Jesus era puro e não desdenhou o sacrifício. Saibamos sofrer na hora dolorosa, porque, acima de todas as felicidades transitorias do mundo, é preciso ser fiel a Deus!

A esse tempo, com os aplausos delirantes do povo, os verdugos lhe incendiavam, em derredor, achas de lenha embebidas em resina inflamável. Em poucos instantes, as labaredas lamberam-lhe o corpo envelhecido. Joana de Khouza contemplou, com serenidade, a massa de povo que lhe não entendia o sacrifício. Os gemidos de dor lhe morriam abafados no peito oprimido. Os algozes da martir cercaram-lhe de improperios a fogueira:

— O teu Cristo soube apenas ensinar-te a morrer? perguntou um dos verdugos.

A velha discipula, concentrando a sua capacidade de resistencia, teve ainda forças para murmurar:

— Não apenas a morrer, mas também a vos amar!...

Nesse instante, sentiu que a mão consoladora do Mestre lhe tocava suavemente os ombros, e lhe escutou a voz carinhosa e inesquecível:

— Joana, tem bom animo!... Eu aqui eston!...

XVI

O TESTEMUNHO A TOMÉ

Conta a narrativa de Marcos que, voltando Jesus de uma das suas excursões, se encaminhou para o território de Dalmanuta, onde varios fariseus se puzeram a discutir com ele, para experimenta-lo. Entremostrando a dor que lhe causava a incompreensão ambiente, o Mestre exclamou com a sua energia serena: — “Porque pede esta geração um sinal do céu?”

Era frequente buscarem o Messias com a preocupação exclusiva do maravilhoso. Alguns exigiam os milagres mais extravagantes, no ar, no firmamento, nas aguas. Jesus não afirmava ser o Filho de Deus?!... No exercicio do seu ministerio, não expulsara espiritos malignos, não curara paraliticos e leprosos? Os fariseus principalmente eram os que desejavam crer nos ensinamentos novos, mas, dentro das normas do velho egoismo humano, reclamavam prévias compensações do sobrenatural ao apoio do dia seguinte.

De todos os discipulos, era Tomé o que mais se preocupava com a dilatação, que lhe parecia necessaria, da zona de influenciação do Senhor junto dos homens considerados os mais importantes e os mais ricos. Não raro, insistia com Jesus para que atendesse ás exigencias dos fariseus bem aquinhoados de autoridade e de riqueza.

Naquele dia de breve repouso em Dalmanuta, o Mestre descansava na choupana de um velho pescador por nome Zacarias, quando o discípulo surgiu inesperadamente, reclamando-lhe a atenção nestes termos:

— Senhor, numerosos homens de importância estão na localidade e desejam o sinal de vossa missão divina.

Reparando que Jesus guardara silencio, Tomé continuou a falar, desejoso de acender entusiasmo em torno do seu alvitre.

— São altos funcionarios de Herodes, em companhia de doutores de Jerusalém, que excursionam por estas paragens... Além disso, estão acompanhados de patricios romanos, interessados em conhecer o lago e as suas aldeias mais influentes. Esses viajantes ilustres fizeram-me portador de um convite atencioso e amavel, pois vos esperam em casa do centurião Cornelio Cimbrio!...

Jesus, entretanto, depois de longo silencio, no qual pareceu examinar detidamente a attitude mental do interlocutor, perguntou com serenidade, mas em tom algo doloroso:

— Que desejam de mim?

— Querem conhecer-vos, Mestre! — replicou o apostolo mais confortado.

— Não é necessario que me vejam a mim; mas, que sintam a verdade que trago de Nosso Pai — redarguiu Jesus, com tranquila firmeza.

Deixando transparecer o desgosto que aquela resposta lhe causava, Tomé insistiu:

— Mestre, Mestre, atendei-os!... Que será do Evangelho do Reino e de nós mesmos, sem o apoio dos influentes e prestigiosos? Acreditais na vitoria sem o amparo das energias que dominam o mundo? Mostrai-vos a esses homens, revelai-lhes o vosso poder divino, pois que, ao demais, eles apenas desejam conhecer-vos de perto!...

— Tomé — exclamou o Senhor, com energia — Deus não exige que os homens o conheçam,

senão no santuario do perfeito conhecimento de si mesmos. Eu venho de meu Pai e tenho de ensinar as suas verdades divinas. Nunca reclamei dos meus discipulos as suas homenagens pessoais, apenas tenho recomendado a todos que se amem, reciprocamente, através da vida!

E, desfazendo as ponderações descabidas do discípulo, continuou:

— Julgas então que o Evangelho do Reino seja uma causa dos homens pereciveis? Se assim fosse, as nossas verdades seriam tão mesquinhas como as edificações precarias do mundo, destinadas á renovação pela morte, nos eternos caminhos do tempo. Os patricios romanos e os doutores de Jerusalém não terão de entregar a alma a Deus, algum dia? Quem será, desse modo, o mais forte e poderoso? Deus, que é o Pai de sabedoria infinita, na eternidade de sua gloria, ou um cesar romano, que terá de rolar do seu trono enfeitado de purpura, para o pó tenebroso da sepultura?!

Tomé escutava-o, surpreso e entristecido; todavia, com o proposito de se justificar, acrescentou comovido:

— Mestre, compreendo as vossas observações divinas; no entanto, esses forasteiros desejavam apenas um sinal de Deus nos céus.

— Mas, se são incapazes de perceber a presença do Nosso Pai, como poderão reconhecer-lhe um simples sinal? — perguntou Jesus, com todo o vigor da sua convicção. Os pais humanos sabem que sem o seu esforço, ou sem a generosa cooperação de alguém que os substitua, á frente da familia, não seria possivel o desenvolvimento de seus filhos, no que se refere á assistencia material; contudo, os homens do mundo encontram a casa edificada da natureza, com a exatidão de suas leis, e timbram sempre em negar a assistencia da Providencia Divina. Vai, Tomé, e dize-lhes que o Evangelho do Reino não se destina aos que se encontrem satisfeitos e confortados na Terra; des-

tina-se justamente aos corações que aspiram a uma vida melhor!

Ante a firmeza das elucidações, o apóstolo não mais insistiu. Ainda, porém, interrogou, hesitante:

— Mestre, qual será então a nossa senha? como provar às criaturas que o nosso esforço está com Deus?

— Uma só lagrima, que console e esclareça um coração atormentado — explicou Jesus — vale mais do que um sinal imenso no céu, destinado tão somente a impressionar os miseráveis sentidos da criatura. A nossa senha, Tomé, é a nossa própria exemplificação, na humildade e no trabalho. Quando quizeres esclarecer o espirito de alguém, nunca lhe mostres que sabes alguma coisa; sofre, porém, com as suas dores e colherás resultado. A redenção consiste em amar intensamente. Se te interessas por um amigo, suporta os seus infortúnios e imperfeições, anda em sua companhia nos dias amargos e dolorosos! O nosso sinal é o do amor que eleva e santifica, porque só ele tem a luz que atravessa os grandes abismos. Vai e não descreias, porque não triunfaremos no mundo somente pelo que fizermos, mas também pelo que deixarmos de fazer, no âmbito das suas falsas grandezas!...

Desde esse dia, o apóstolo Tomé reformou a sua concepção sobre as mensagens do céu, no capítulo dos milagres; entretanto, não conseguia escapar a pequeninas indecisões, em matéria de fé. Não podia excluir de sua imaginação o desejo de uma vitória ampla e fácil do Evangelho, pela renovação imediata do mundo.

Dentro em pouco, porém, a onda das perseguições vinha desfazer a suave e divina ventura. O Mestre fôra preso. Com exceção de João, que

se conservara junto de sua mãe, todos os discípulos se afastaram espavoridos.

Também ele não resistiu às grandes vacilações do triste momento. Debandara. Todavia, depois, sentira o coração pungido de remorsos acerbos. Almejava contemplar o Mestre querido, ouvir, se possível, pela última vez, uma palavra de exprobração dos seus lábios divinos. Disfarçando-se, então de maneira a tornar-se irreconhecível, afim de se livrar das iras da multidão, incorporou-se, nas ruas movimentadas, ao ruidoso cortejo. Seu coração batia acelerado. Rompeu a massa popular e aproximou-se do Messias, que caminhava sob a cruz a passos vacilantes, seguido de perto pelos soldados que o protegiam contra os ataques da plebe. Sentiu que uma grande angustia lhe dilacerava as fibras mais delicadas da alma. Contudo, seguiu sempre, até que o madeiro se ergueu exibindo o sentenciado sob os raios do sol claro, no topo de uma colina, como para apresentar o espetáculo às vistas do mundo inteiro.

Tomé contemplou fixamente o Mestre e notou que o espirito se lhe mantinha firme. Sua fisionomia serena, não obstante o martírio daquela hora, não refletia senão o amor profundo que lhe conhecera nos dias mais lindos e mais tranquilos. Seus pés, que tanto haviam caminhado para a sementeira do bem, estavam ensanguentados. Suas mãos generosas e acariciadoras eram duas rosas vermelhas, gotejando o sangue do suplicio. Sua fronte, em que se haviam abrigado os pensamentos mais puros do mundo, se mostrava aureolada de espinhos.

Tomé se poz a chorar discretamente; logo, porém, como se o olhar do Mestre o buscasse, entre os milhares de criaturas reunidas, observou que Jesus o fitara e, magnetizado pela sua feição divina, avançou hesitante. Desejava escutar daqueles lábios adorados a reprovação franca e sincera que merecia o seu condenável procedimento, fugindo ao testemunho da hora extrema. Aproximou-se ofe-

gante da cruz e, deixando perceber que apenas cedia a uma necessidade espiritual naquele instante supremo, ouviu Jesus dizer-lhe em voz quasi imperceptível:

— Tomé, no Evangelho do Reino, o sinal do céu tem de ser o completo sacrificio de nós mesmos!...

O apostolo compreendeu-lhe as palavras e chorou amargamente.

*

Não obstante a advertencia do Messias, feita do cimo da cruz da humilhação e do sofrimento, o discipulo continuava naquela attitude que se caracterizava por duvidas quasi invencíveis. Considerava o Cristo a mais alta figura da humanidade, em se tratando do amor que ilumina as estradas escabrosas da vida material; mas, no que se referia ao raciocinio, Tomé mantinha certas restricções. Sua alma se deixava empolgar por inumeras indecisões, quando a noticia fulgurante da ressurreição estalou em Jerusalém, por entre vivas manifestações de alegria.

Maria de Magdala, Pedro, João, bem como outros companheiros, tinham visto o Senhor, tinham-lhe escutado a palavra consoladora e divina. Incerto de si mesmo, quasi vencido na sua escassa fé, o discipulo procurou os amigos diletos, ansiando pela manifestação do Mestre adorado. Reunida a pequena comunidade, depois das preces habituais, Jesus penetrou na sala humilde com sereno sorriso, desejando aos companheiros paz e bom animo, como nos dias venturosos e risonhos da Galiléia. Tomé, sentindo o coração bater-lhe precipitado, ergueu os olhos. O Senhor, percebendo-lhe os pensamentos mais ocultos, aproximou-se do discipulo de fé vacilante e o convidou a tocar-lhe as chagas.

Depois de pronunciar as palavras que as narrativas apostolicas registraram, acrescentou bondosamente: — “Tomé, põe a tua mão nas minhas chagas e não te esqueças de que este é o sinal!...”

Então, a razão fria do apostolo notou que um clarão novo o invadia e lhe penetrava a alma. Compreendeu finalmente que o martirio do coração que ama se reveste de misterioso poder. Tocado pela humildade do Mestre redivivo, prosternou-se e chorou. Suas lagrimas eram de ventura e lhe proporcionavam ao espirito um jubilo para cujo prego todos os tronos da Terra eram miseraveis e pequeninos. Sua alma acabava de vencer uma grande batalha. O coração triunfara do cerebro, o sentimento lhe acrisolara a fé.

XVII

JESUS NA SAMÁRIA

Descendo Jesus de Jerusalém para Cafarnaum, seguido de alguns dos discipulos, nas suas habituais jornadas a pé, alcançou a Samária, quando o crepusculo já se fazia mais sombrio.

Felipe, André e Tiago, estando com muita fome, deixaram o Mestre a repousar junto de uma pequena herdade e demandaram o lugarejo mais proximo, em busca de alimentos.

O Messias, olhando em torno de si, reconheceu que se encontrava ao lado da fonte de Jacob. Envolvida nos revérberos do sol que ia ceder lugar ás sombras da noite que se aproximavam, uma mulher acercou-se do antigo pôço e observou que o Mestre lhe ia ao encontro, com a bela e costumeira placidez do seu semblante e lhe pedia de beber.

— Como, sendo tu judeu, me pedes um favor a mim que sou samaritana? — interrogou, surpreendida.

Jesus descansou na interlocutora o olhar tranquillo e redarguiu:

— Os judeus e samaritanos terão, porventura, necessidades diversas entre si? Bem se vê que não conheces os dons de Deus, porquanto, se houvesse guardado os mandamentos divinos, compreenderias que te posso dar da agua viva.

— Que vem a ser essa agua viva? — inquiriu a samaritana, impressionada. Onde a tens, se a agua aqui existente é apenas a deste pôço?! Acaso serias maior do que o nosso pai Jacob que no-lo deu desde o principio?

— Mulher, a agua viva é aquela que sacia toda sede; vem do amor infinito de Deus e santifica as creaturas.

E, envolvendo a samaritana no doce magnetismo de seu olhar, continuou:

— Este pôço de Jacob secará um dia. No leito de terra, onde agora repousam suas aguas claras, a serpente poderá fazer seu ninho. Não sentes a verdade de minhas afirmativas, ante a tua sede de todos os dias? Não obstante levars cheio o cantaro, voltarás logo mais ao pôço, com uma nova sede. Entretanto, os que beberem da agua viva estarão eternamente saciados. Para esses não mais haverá a necessidade material que se renova a cada instante da vida. Perene conforto lhes refrescará os corações, através dos caminhos mais acidentados, sob o sol ardente dos desertos do mundo!...

A mulher escutava, presa de funda impressão, aquelas palavras que lhe chegavam ao santuario do espirito, com a solenidade de uma nova revelação.

— Senhor, dá-me dessa agua! — exclamou, interessada.

— Mas, ouve! — disse-lhe Jesus. E o Mestre passou a esclarece-la sobre factos e circunstancias intimas de sua vida particular, explicando-lhe o que se fazia necessario para que a sagrada emoção do amor divino lhe iluminasse a alma, afastando-a de todas as necessidades penosas da existencia material.

Observando que não havia segredos para Jesus, a samaritana chorou e respondeu:

— Senhor, agora vejo que és de facto um profeta de Deus. Meu espirito está cheio de boa

vontade e, desde muito, penso na melhor maneira de purificar minha vida e santificar os meus atos. Entretanto, é tal a confusão que observo em torno de mim, que não sei como adorar a Deus. Os meus familiares e vizinhos afirmam que é indispensável celebrar o culto ao Todo-Poderoso neste monte; os judeus nos combatem e asseveram que nenhuma cerimonia terá valor fóra dos muros de Jerusalém. As discordias nesta região têm chegado ao cumulo. Ainda ha pouco tempo, um judeu feriu um dos nossos, por causa das suas opiniões acerca da comida impura. Já que tenho a felicidade de ouvir as tuas palavras, ensina-me o melhor caminho.

O Mestre observou-a compadecido e exclamou:

— Tens razão. As divergencias religiosas têm implantado a maior desunião entre os membros da grande familia humana. Entretanto, o Pastor vem ao redil para reunir as ovelhas que os lobos dispersaram. Em verdade, afirmo-te que virá um tempo em que não se adorará a Deus nem neste monte, nem no templo suntuoso de Jerusalém, porque o Pai é Espirito e só em espirito deve ser adorado. Por isso, venho abrir o templo dos corações sinceros para que todo culto a Deus se converta em intima comunhão entre o homem e o seu Creador!

Suave silencio se fez entre ambos. Enquanto Jesus parecia sondar o invisível com o seu luminoso olhar, a samaritana meditava.

*

Daí a alguns instantes, acompanhados de grande numero de populares, chegavam os discipulos, admirando-se todos de encontrarem o Messias em conversação intima com uma mulher. Nenhum deles, todavia, aventurou qualquer observação menos

digna ou imprudente. Observando que o Messias se preparava para retirar-se em busca da aldeia mais proxima, a samaritana, eminentemente impressionada com as suas revelações, solicitou a presença de todos os seus familiares e vizinhos, afim de que o conhecessem e lhe ouvissem a palavra.

Tiago e André haviam trazido pão e algumas frutas e insistiam com Jesus para que se alimentasse. O Mestre, porém, aproveitou o instante para mais uma vez ensinar o caminho do Reino, com as suas palavras amigas, compondo apólogos singelos. Muita gente se aglomerara para ouvi-lo. Eram viajantes que demandavam regiões diferentes, a par de grande grupo de samaritanos de opiniões exaltadas. A enorme assembléia se poz a caminho, mas o Messias continuou espalhando as suas promessas de esperança e de consolação.

Nesse interim, Felipe consultou os companheiros e, aproximando-se de Jesus, rogou-lhe carinhosamente:

— Mestre, por favor, aceitai um pouco de pão! E' indispensável cuidardes do sustento! Descansai e comei!...

— Não te preocupes, Felipe — disse o Messias, com reconhecimento — não tenho fome. Aliás, recebo um alimento que talvez os meus proprios discipulos ainda não puderam conhecer.

— Qual? — atalhou o apostolo, com interesse.

— Antes de tudo, meu alimento é fazer a vontade daquele Pai misericordioso e justo que a este mundo me enviou, afim de ensinar o seu amor e a sua verdade. Meu sustento é realizar a sua obra.

— E' verdade — observou o discipulo, olhando a multidão que os acompanhava — vêdes melhor os corações e não podemos perder esta oportunidade de divulgação da Boa Nova. Levaremos para Cafarnaum mais este triunfo, porque é incontestá-

vel que obtivestes aqui, entre os samaritanos, um dos nossos maiores exitos!...

Tiago e André ouviam selenciosos o diálogo.

A's palavras entusiasticas do apostolo, o Mestre sorriu e acrescentou:

— Não é isso propriamente o que me interessa. O exito mundano pode ser uma ondulação de superficie. O de que necessitamos, em toda as situações, é de entender o que o Pai deseja de nós. Como todo o seu anhelos é o do bem, eu trabalho, mas sem me prender ao anseio das vitorias immediatas.

E, dirigindo o olhar para a turba compacta de seus seguidores, exclamou para os companheiros:

— Acaso poderemos admitir que já somos comprehendidos? Calemo-nos por alguns instantes, afim de ouvirmos a opinião dos que nos seguem os passos.

Fez-se silencio entre ele e os tres discipulos, de modo que podiam ouvir distintamente os dialogos travados entre os que os acompanhavam.

— Acreditas que seja este homem o Cristo prometido? — perguntava um samaritano de boa figura aos seus amigos. De minha parte, não aceito semelhante impostura. Este nazareno é um explorador da piedade popular.

— E' certo — concordava o interpelado — mesmo porque, em sua terra, não chega a valer um denario. Pelos proprios parentes é tido como inimigo do trabalho e ha quem duvide da sua preguiçosa cabeça.

— E' um louco de boa apparencia — exclamava uma mulher idosa para a filha — pelo menos essa é a opinião que já ouvi de habitantes de Cafarnaum; entretanto, cá para mim, acredito seja um grande velhaco. Porque se meteu com pescadores, quando alega ser tão sabio? Porque não se transfere para Jerusalém, ou mesmo para o Tiberiades? Bem sabe a razão disso. Lá encontraria homens cultos que lhe confundiriam a presunção.

Mais proximo de Jesus, um rapaz sentenciava em voz discreta:

— Quando chegamos, foi ele achado sozinho com uma mulher. Que te parece esta circumstancia? — perguntava a um companheiro da caminhada.

— Certamente desejava salva-la a seu modo — replicou com malicioso riso o inquirido.

Num grupo vizinho, falava-se acaloradamente.

— Este homem é um espertalhão orgulhoso — dizia convicto um velhote — só faz milagres junto das grandes multidões, para que sintam virtudes sobrenaturais nas suas mágicas.

— E não tem caridade — acrescentou outro, — pois ainda ha pouco tempo, quando o procuraram em Cafarnaum para um sinal do céu, fugiu para o monte, sob o pretexto de fazer orações.

A noite começava a cair de todo. No alto já brilhavam as primeiras estrelas. Jesus sentou-se com os discipulos, á margem do caminho, para um momento de repouso.

*

André, Tiago e Felipe estavam espantados com o que tinham visto e ouvido. Apparentemente, o Mestre fôra aureolado de imenso exito; entretanto, verificaram a profunda incompreensão do povo. Foi então que Jesus, com a serenidade de todos os instantes, os esclareceu cheio da sua bondade imperturbavel:

— Não vos admireis da lição deste dia. Quando veiu o Batista, procurou o deserto, nutrindo-se de mel selvagem. Os homens alegaram que em sua companhia estava o espirito de Satanaz. A mim, pelo motivo de participar das alegrias do Evangelho, chamam-me glutão e beerrão. Esta é a imagem do campo onde temos de operar. Por

toda parte encontraremos samaritanos discutidores, atentos aos exitos e referencias do mundo. Observai a estrada para não cairdes, porque o discipulo do Evangelho não se pode preocupar senão com a vontade de Deus, com o seu trabalho sob as vistas do Pai e com a aprovação da sua consciencia.

XVIII

A ORAÇÃO DOMINICAL

Curada pelo Mestre Divino, a sogra de Simão Pedro ficara maravilhada com os poderes ocultos do Nazareno humilde, que falava em nome de Deus, enlaçando os corações com a sua fé profunda e ardente. Restabelecida em sua saude, passou a reflexionar mais atentamente acerca do Pai que está nos céus, sempre pronto a atender ás supplicas dos filhos. Chamando certo dia o genro para um exame detido do assunto, consultou-o sobre a possibilidade de pedirem a Jesus favores excepcionais para a sua familia. Lembrava-lhe a circumstancia de ser o Mestre um emissario poderoso do Reino de Deus que parecia muito proximo. Concitava-o a ponderar ao Messias que eles eram dos seus primeiros colaboradores sinceros e a enumerar-lhe as necessidades prementes da familia, a exiguidade do dinheiro, o peso dos serviços domesticos, a casa pobre de recursos, situação a que as imensas possibilidades de Jesus, cheio de poderes prodigiosos, seriam capazes de remediar.

O pescador simples e generoso, tentado em seus sentimentos humanos, examinou aquelas observações destinadas a lhe abrir os olhos com referencia ao futuro. Entretanto, refletiu que Jesus era Mestre e nunca desprezava qualquer ensejo de

bem ensinar o que era realmente proveitoso aos discípulos. Acaso, não saberia ele o melhor caminho? Não viam em sua presença alguma coisa da própria presença de Deus? Guardando, contudo, indeciso o espirito, em face das ponderações familiares, buscou uma oportunidade de falar com o Messias acerca do assunto.

*

Chegada que foi a ocasião, o apóstolo procurou provocar muito de leve a solução do problema, perguntando a Jesus, com a sua sinceridade ingenua:

— Mestre, será que Deus nos ouve todas as orações?

— Como não, Pedro? — respondeu Jesus sollicitamente. — Desde que começou a raciocinar, observou o homem que acima de seus poderes reduzidos, havia um poder ilimitado, que lhe creara o ambiente da vida. Todas as criaturas nascem com tendencia para o mais alto e experimentam a necessidade de comungar com esse plano elevado, donde o Pai nos acompanha com o seu amor, todo justa e sabedoria, onde as preces dos homens o procuram sob nomes diversos. Acreditarias, Simão, que, em todos os seculos da vida humana, recorreriam as almas, incessantemente, a uma porta silenciosa e inflexível, se nenhum resultado obtivessem?... Não tenhas duvida: todas as nossas orações são ouvidas!...

— No entanto — exclamou respeitoso o discípulo — se Deus ouve as supplicas de todos os seres, porque tamanhas diferenças na sorte? Por que razão sou obrigado a pescar para prover á subsistencia, quando Leví ganha bom salario no serviço dos impostos, com a sabedoria dos livros? Como explicar que Joana disponha de servas nu-

merasas, quando minha mulher é obrigada a plantar e cuidar a nosso horta?

Jesus ouviu atento essas suas palavras e retrucou:

— Pedro, precisamos não esquecer que o mundo pertence a Deus e que todos nós somos seus servidores. Os trabalhos variam, conforme a capacidade do nosso esforço. Hoje pescas, amanhã pregarás a palavra divina do Evangelho. Todo trabalho honesto é de Deus. Quem escreve com a sabedoria dos pergaminhos não é maior do que aquele que traça a leira laboriosa e fértil, com a sabedoria da terra. O escriba sincero, que cuida dos dispositivos da lei, é irmão do lavrador bem intencionado, que cuida do sustento da vida. Um cultiva as flores do pensamento, outro as do trigo que o Pai protege e abençoa. Achas que uma casa estaria completa sem as mãos abnegadas que lhe varrem os detritos? Se todos os filhos de Deus se dispuzessem a cobrar impostos, quem os pagaria? Vês, portanto, que, antes de qualquer consideração, é preciso santificar todo trabalho útil, como quem sabe que o mundo é morada de Deus.

Já pensaste que, se a tua esposa cuida das plantas de tua horta, Joana de Khouza educa as suas servas?! A qual das duas cabe responsabilidade maior, á tua mulher que cultiva os legumes, ou á nossa irmã que tem algumas filhas de Deus sob sua proteção? Quem poderá garantir que Joana terá essa responsabilidade por toda a vida? No mundo, ha grandes generais que apesar das suas vitorias passam tambem pelas duras experiencias de seus soldados. Assim, Pedro, precisamos considerar, em definitiva, que somos filhos e servos de Deus, antes de qualquer outro titulo convencional, dentro da vida humana. Necessario é, pois, que disponhamos o nosso coração a bem servi-lo, seja como rei ou como escravo, certos de que o Pai nos conhece a todos e nos conduz ao trabalho ou á posição que mereçamos.

O discípulo ouviu aquelas explicações judiciosas e, confortado com os esclarecimentos recebidos, interrogou:

— Mestre, como deveremos interpretar a oração?

— Em tudo — elucidou Jesus — deve a oração constituir o nosso recurso permanente de comunhão ininterrupta com Deus. Nesse intercambio incessante, as criaturas devem apresentar ao Pai, no segredo das intimas aspirações, os seus anelos e esperanças, dúvidas e amargores. Essas confidências lhes atenuarão os cansaços do mundo, restaurando-lhes as energias, porque Deus lhes concederá de sua luz. E' necessario, portanto, cultivar a prece, para que ela se torne um elemento natural da vida, como a respiração. E' indispensavel conheçamos o meio seguro de nos identificarmos com o Nosso Pai.

Entretanto, Pedro, observamos que os homens não se lembram do céu, senão nos dias de incerteza e angustia do coração. Se a ameaça é cruel e iminente o desastre, se a morte do corpo é irremediavel, os mais fortes dobram os joelhos. Mas, quanto não deverá sentir-se o Pai amoroso e leal de que somente o procurem os filhos nos momentos do infortunio, por eles creados com as suas proprias mãos? Em face do relaxamento dessas relações sagradas, por parte dos homens, indiferentes ao carinho paternal da Providencia que tudo lhes concede de util e agradável, improficuamente desejará o filho uma solução imediata para as suas necessidades e problemas, sem remediar ao longo afastamento em que se conservou do Pai no percurso, postergando-lhe os designios, respeito às suas questões intimas e profundas.

Simão Pedro ouvia o Mestre com uma compreensão nova. Não podia apreender a amplitude daqueles conceitos que transcendiam o ambito da educação que recebera, mas procurava perceber o alcance daquelas elucidações, afim de cultivar

o intercambio perfeito com o Pai sábio e amoroso, cuja assistencia generosa Jesus lhes revelara, dentro da luz dos seus divinos ensinamentos.

*

Decorridos alguns dias, estando o Mestre a ensinar aos companheiros uma nova lição referente ao impulso natural da prece, Simão lhe observou:

— Senhor tenho procurado, por todos os modos, manter inalteravel a minha comunhão com Deus, mas não tenho alcançado o objeto de minhas supplicas.

— E o que tens pedido a Deus? — interrogou o Mestre, sem se perturbar.

— Tenho implorado á sua bondade que aplaine os meus caminhos, com a solução de certos problemas materiais.

Jesus contemplou longamente o discípulo, como se examinasse a fragilidade dos elementos intellectuais de que podia dispor para a realização da obra evangelica. Contudo, evidenciando mais uma vez o seu profundo amor e boa vontade, esclareceu com brandura e convicção:

— Pedro, enquanto orares pedindo ao Pai a satisfação de teus desejos e caprichos, é possivel que te retires da prece inquieto e dasalentado. Mas, sempre que solicitares as benções de Deus, afim de comprehenderes a sua vontade justa e sábia, a teu respeito, receberás pela oração os bens divinos do consolo e da paz.

O apostolo guardou silencio, demonstrando haver, afinal, comprehendido. Um dos filhos de Alfeu, porém, reconhecendo que o assunto interessava sobremaneira á pequena comunidade ali reunida, adiantou-se para Jesus, pedindo:

— Senhor, ensina-nos a orar!...

Dispondo-os então em circulo e como se mer-

gulhasse o pensamento num invisível oceano de luz, o Messias pronunciou, pela primeira vez, a oração que legaria á humanidade.

Elevando o seu espirito magnanimo ao Pai Celestial e colocando o seu amor acima de todas as coisas, exclamou:

“Pai Nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome” e, ponderando que a redenção da creatura nunca se poderá efetuar sem a misericórdia do Creador, considerada a imensa bagagem das imperfeições humanas, continuou: — “Venha a nós o teu reino”. Dando a entender que a vontade de Deus, amorosa e justa, deve cumprir-se em todas as circunstancias, acrescentou: — “Seja feita a tua vontade, assim na Terra como nos céus”. Esclarecendo que todas as possibilidades de saúde, trabalho e experiencia chegam invariavelmente, para os homens, da fonte sagrada da proteção divina, prosseguiu: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Mostrando que as creaturas estão sempre sob a ação da lei de compensações e que cada uma precisa desvencilhar-se das penosas algemas do passado obscuro pela exemplificação sublime do amor, acentuou: — “Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Conhecedor, porém, das fragilidades humanas, para estabelecer o principio da luta eterna dos cristãos contra o mal, terminou a sua oração, dizendo com infinita simplicidade: — “Não nos deixes cair em tentação e livra-nos de todo mal, porque teus são o reino, o poder e a gloria para sempre. Assim seja”.

Leví, o mais intelectual dos discipulos, tomou nota das sagradas palavras, para que a prece do Senhor fosse guardada em seus corações humildes e simples. A rogativa de Jesus continha, em síntese, todo o programa de esforço e edificação do Cristianismo nascente. Desde aquele dia memorável, a oração singela de Jesus se espalhou como um perfume dos céus pelo mundo inteiro.

XIX

COMUNHÃO COM DEUS

As elucidações do Mestre, relativamente á oração, sempre encontravam nos discipulos certa perplexidade, quasi que invariavelmente em virtude das idéias novas que continham, acerca da concepção de Deus como pai carinhoso e amigo. Aquela necessidade de comunhão com o seu amor, que Jesus não se cansava de salientar, lhes aparecia como problema obscuro, que o homem do mundo não conseguiria realizar.

A esse tempo, os essenios constituíam um agrupamento de estudiosos das ciencias da alma, caracterizando as suas atividades de modo diferente, porque sem públicas manifestações de seus principios. Desejoso de satisfazer á curiosidade propria, João procurou conhecer-lhes, de perto, os pontos de vista, em materia das relações da comunidade com Deus e, certo dia, procurou o Senhor, de modo a ouvi-lo mais amplamente sobre as duvidas que lhe atormentavam o coração:

— Mestre — disse ele, solícito — tenho desejado sinceramente compreender os meus deveres atinentes á oração; entretanto, sinto que minh'alma está tomada de certas hesitações; anseio por esta comunhão perene com o Pai; todavia, as idéias mais antagonicas se opõem aos meus desejos.

Ainda agora, manifestando meu pensamento a um amigo que se instrue com os essênios, acerca de minhas necessidades espirituais, asseverou-me ele que necessito compreender que toda edificação espiritual se deve processar num plano oculto. Mas, suas observações me confundiram ainda mais. Como poderei entender isso? Devo então ocultar o que haja de mais santo em meu coração?

O Messias, arrancado de suas meditações, respondeu, com brandura:

— João, todas as dúvidas que te assaltam se verificam pelo motivo de não haveres compreendido, até agora, que cada creatura tem um santuário no próprio espirito, onde a sabedoria e o amor de Deus se manifestam, através das vozes da consciencia. Os essênios levam muito longe a teoria do labor oculto, pois, antes de tudo, precisamos considerar que a verdade e o bem devem ser patrimonio de toda a humanidade em comum. No entanto, o que é indispensável é saber dar a cada creatura, de acordo com as suas necessidades próprias. Nesse capítulo, estão acertados, quanto ao zelo que os caracteriza, porque os unguentos reservados a um ferido não se ofertam ao faminto que precisa de pão. Também eu tenho afirmado que não poderei ensinar tudo o que desejara aos meus discípulos, sendo compelido a reservar outras lições do Evangelho do Reino para o futuro, quando a magnanimidade divina permitir que a voz do Consolador se faça ouvir, entre os homens sequiosos de conhecimento. Não tens observado o numero de vezes em que necessito recorrer a parábolas para que a revelação não ofusque o entendimento geral? No que se refere á comunhão de nossas almas com Deus, não me esqueci de recomendar que cada espirito ore no segredo do seu intimo, no silencio de suas esperanças e aspirações mais sagradas. E' que cada creatura deve estabelecer o seu proprio caminho para mais alto, erguendo em si mesma o santuario divino da

fé e da confiança, onde interprete sempre a vontade de Deus, com respeito ao seu destino. A comunhão da creatura com o Creador é, portanto, um imperativo da existencia e a prece é o luminoso caminho entre o coração humano e o Pai de infinita bondade.

✱

O apóstolo escutou as observações do Mestre, parecendo meditar austeramente. Entretanto, obtemperou:

— Mas, a oração deve ser louvor ou supplica?

Ao que Jesus respondeu com bondade:

— Por prece devemos interpretar todo ato de relação entre o homem e Deus. Devido a isso mesmo, como expressão de agradecimento ou de rogativa, a oração é sempre um esforço da creatura em face da Providencia Divina. Os que apenas suplicam podem ser ignorantes, os que louvam podem ser somente preguiçosos. Todo aquele, porém, que trabalha pelo bem, com as suas mãos e com o seu pensamento, esse é o filho que aprendeu a orar, na exaltação ou na rogativa, porque em todas as circunstancias será fiel a Deus, consciente de que a vontade do Pai é mais justa e sábia do que a sua propria.

— E como ser leal a Deus, na oração? — interrogou o apóstolo, evidenciando as suas dificuldades intellectuais. — A prece já não representa em si mesma um sinal de confiança?

Jesus contemplou-o com a sua serenidade imperturbavel e retrucou:

— Será que também tu não entendes? Não obstante a confiança expressa na oração e a fé tributada á providencia superior, é preciso colocar acima delas a certeza de que os designios celestiais são mais sabios e misericordiosos do que o capricho

proprio; é necessario que cada um se una ao Pai, comungando com a sua vontade generosa e justa, ainda que seja contrariado em determinadas ocasiões. Em suma, é imprescindível que sejamos de Deus. Quanto ás lições dessa fidelidade, observemos a propria natureza, em suas manifestações mais simples. Dentro dela, agem as leis de Deus e devemos reconhecer que todas essas leis correspondem á sua amorosa sabedoria, constituindo-se suas servas fieis, no trabalho universal. Já ouviste falar, alguma vez, que o sol se afastou do céu, cansado da paisagem escura da Terra, alegando a necessidade de repousar? As aguas teriam privado o globo de seus beneficios, em certos anos, a titulo de repouso indispensavel? Por desagradavel que seja em suas caracteristicas, a tempestade jamais deixou de limpar as atmosferas; apesar das lamentações dos que não suportam a humidade, a chuva não deixa de fecundar a terra! João, é preciso aprender com as leis da natureza a fidelidade a Deus!... Quem as acompanha no mundo planta e colhe com abundancia e observar a lealdade para com o Pai é semear e atingir as mais formosas searas da alma no infinito!... Vê, pois, que todo problema da oração está em edificarmos o reino do céu entre os sentimentos do nosso intimo, compreendendo que os atributos divinos se encontram tambem em nós.

O apóstolo guardou aqueles esclarecimentos, cheio de boa vontade no sentido de alcançar a sua perfeita compreensão.

— Mestre — exclamou, respeitoso — vossas elucidações abrem uma estrada nova para minh'alma; contudo, eu vos peço com a sinceridade da minha afeição me ensineis, na primeira oportunidade, como deverei entender que Deus está igualmente em nós.

O Messias fixou nele o olhar translucido e, deixando perceber que não poderia ser mais explicito, com o recurso das palavras, disse apenas:

— Eu to prometo.

*

A conversação que vimos de narrar verificara-se nas cercanias de Jerusalém, numa das ausencias eventuais do Mestre do circulo bem amado de sua familia espiritual em Cafarnaum.

No dia seguinte, Jesus e João demandaram Jericó, afim de atender ao programa de viagem organizado pelo primeiro.

Na excursão a pé, ambos se entretinham em admirar as poucas belezas do caminho, escassamente favorecido pela natureza. A paisagem era árida e as arvores existentes apresentavam as frondes recurvadas, entremostrando a pobreza da região, que não lhes incentivava o desenvolvimento.

Não longe de uma pequena herdade, o Mestre e o apóstolo encontraram um rude lavrador, cavando grande pôço, á beira do caminho. Bagas de suor lhe desciam da fronte; mas, seus braços fortes iam e vinham á terra, na ansia de procurar o liquido precioso.

Ante aquele quadro, Jesus estacionou com o discipulo, a pretexto de breve descanso, e, revelando o interesse que aquele esforço lhe despertava, perguntou ao trabalhador:

— Amigo, que fazes?

— Busco a agua que nos falta — redarguiu com um sorriso o interpelado.

— A chuva é assim tão escassa nestas paragens? — tornou Jesus, evidenciando afetuoso cuidado.

— Sim, nas proximidades de Jericó, ultimamente, a chuva se vem tornando uma verdadeira graça de Deus.

O homem do campo prosseguiu no seu trabalho exaustivo; mas, apontando para ele, o Messias disse a João, em tom amigo:

— Este quadro da natureza é bastante singelo; porém, é na simplicidade que encontramos os

simbolos mais puros. Observa, João, que este homem compreende que sem a chuva não haveria mananciais na Terra; mas, não pára em seu esforço, procurando o reservatorio que a Providencia Divina armazenou no sub-solo. A imagem é palida; todavia, chega para comprehenderes como Deus reside tambem em nós. Dentro do simbolo, temos de entender a chuva como o favor de sua misericordia, sem o qual nada possuiriamos. Esta paisagem deserta de Jericó pode representar a alma humana, vasia de sentimentos santificadores. Este trabalhador simboliza o cristão ativo, cavando junto dos caminhos áridos, muitas vezes, com sacrificio, suor e lagrimas, para encontrar a luz divina em seu coração. E a agua é o simbolo mais perfeito da essencia de Deus, que tanto está nos céus, como na Terra.

O discipulo guardou aquelas palavras, sabendo que realizara uma aquisição de claridades imorredoiras. Contemplou o grande pôço, onde a agua clara começava a surgir, depois de imenso esforço do humilde trabalhador que a procurava desde muitos dias, e teve nítida comprehensão do que constituia a necessaria comunhão com Deus. Experimentando indefinivel jubilo no coração, tomou das mãos do Messias e as osculou, com a alegria do seu espirito alvoroçado. Confortado, como alguem que vencera grande combate intimo, João sentiu que finalmente comprehendera.

XX

MARIA DE MAGDALA

Maria de Magdala ouvira as pregações do Evangelho do Reino, não longe da Vila principesca onde vivia á conta de prazeres, em companhia de patricios romanos, e tomara-se de admiração profunda pelo Messias.

Que novo amor era aquele apregoado aos pescadores singelos, pelos seus labios divinos? Até ali, caminhara sobre as rosas rubras do desejo, embriagando-se com o vinho de condenaveis alegrias. Contudo, seu coração estava sequioso e em desalento. Era jovem e formosa, emancipara-se dos preconceitos férreos de sua raça; sua beleza lhe escravizava aos caprichos de mulher os mais ardentes admiradores; mas, seu espirito tinha fome de amor. O profeta nazareno havia plantado em sua alma novos pensamentos. Depois que lhe ouvira a palavra, observou que as facilidades da vida lhe traziam agora um tédio mortal ao espirito sensível. As musicas volutuosas não lhe encontravam eco no intimo, os enfeites romanos de sua habitação se tornaram áridos e tristes. Maria chorou longamente, embora não comprehendesse ainda o que pleiteava o profeta desconhecido; entretanto, seu convite amoroso parecia ressoar-lhe nas fibras

mais sensíveis de mulher. Jesus chamava os homens para uma vida nova.

Decorrida uma noite de grandes meditações e antes do famoso banquete em Naim, onde ela ungiria publicamente os pés de Jesus com os balsamos perfumados de seu afeto, notou-se que uma barca tranquila conduzia a pecadora a Cafarnaum. Dispuzera-se a procurar o Messias, após muitas hesitações. Como a receberia o Senhor, na residência de Simão? Seus conterraneos nunca lhe haviam perdoado o abandono do lar e a vida de aventuras. Para todos, era ela a mulher perdida, que teria de encontrar a lapidação na praça pública. Sua consciencia, porém, lhe pedia que fosse. Jesus tratava a multidão com especial carinho. Jamais lhe observara qualquer expressão de desprezo para com as numerosas mulheres de vida equivocada que o cercavam. Além disso, sentia-se seduzida pela sua generosidade. Se possível, desejaria trabalhar na execução de suas idéias puras e redentoras. Propunha-se a amar, como Jesus amava, sentir com os seus sentimentos sublimes. Se necessario, saberia renunciar a tudo. Que lhe valiam as joias, as flores raras, os banquetes suntuosos, se, ao fim de tudo isso, conservava a sua sede de amor?!...

Envolvida por esses pensamentos profundos, Maria de Magdala penetrou o umbral da humilde residência de Simão Pedro, onde Jesus parecia esperá-la, tal a bondade com que a recebeu num grande sorriso. A recém-chegada sentou-se com indefinível emoção a estrangular-lhe o peito.

*

Vencendo, contudo, as suas mais fortes impressões, assim falou, em voz suplice, feitas as primeiras saudações:

— Senhor, ouvi a vossa palavra consoladora e venho ao vosso encontro!... Tendes a clarivi-

dencia do céu e podeis adivinhar como tenho vivido! Sou uma filha do pecado. Todos me condenam. Entretanto, Mestre, observai como tenho sede do verdadeiro amor!... Minha existencia, com todos os prazeres, tem sido estéril e amargurada...

As primeiras lagrimas lhe borbulharam dos olhos, enquanto Jesus a contemplava, com bondade infinita. Ela, porém, continuou:

— Ouvi o vosso amoroso convite ao Evangelho! Desejava ser das vossas ovelhas; mas, será que Deus me aceitaria?

O Profeta nazareno fitou-a, enternecido, sondando as profundezas de seu pensamento e respondeu bondoso:

— Maria, levanta os olhos para o céu e regosija-te no caminho, porque escutaste a Boa Nova do Reino e Deus te abençoa as alegrias! Acaso, poderias pensar que alguém no mundo estivesse condenado ao pecado eterno? Onde, então, o amor de Nosso Pai? Nunca viste a primavera dar flores sobre uma casa em ruínas? As ruínas são as criaturas humanas; porém, as flores são as esperanças em Deus. Sobre todas as falencias e desventuras proprias do homem as bençãos paternais de Deus descem e chamam. Sentes hoje esse novo sol a iluminar-te o destino! Caminha, agora, sob a sua luz, porque o amor cobre a multidão dos pecados.

A pecadora de Magdala escutava o Mestre, bebendo-lhe as palavras. Homem algum havia falado assim á sua alma incompreendida. Os mais levianos lhe pervertiam as boas inclinações, os aparentemente virtuosos a desprezavam sem piedade. Engolfada em pensamentos confortadores e ouvindo as referencias de Jesus ao amor, Maria acentuou levemente:

— No entanto, Senhor, tenho amado e tenho sede de amor!...

— Sim — redarguiu Jesus — tua sede é real.

O mundo viciou todas as fontes de redenção e é imprescindível compreenda que em suas sendas a virtude tem de marchar por uma estrada difícil e demandar o Reino através de uma porta muito estreita. Geralmente, um homem deseja ser bom como os outros, ou honesto como os demais, olvidando que o caminho onde todos passam é de fácil acesso e de marcha sem edificações. A virtude no mundo foi transformada na porta larga da conveniência própria. Ha os que amam aos que lhe pertencem ao circulo pessoal, os que são sinceros com os seus amigos, os que defendem seus familiares, os que adoram os deuses do favor. O que verdadeiramente ama, porém, conhece a renuncia suprema a todos os bens do mundo e vive feliz, na sua senda de trabalhos para o difícil acesso ás luzes da redenção. O amor sincero não exige satisfações passageiras, que se extinguem no mundo com a primeira ilusão: trabalha sempre, sem amargura e sem ambições, com os jubilos do sacrificio. Só o amor que renuncia sabe caminhar para a vida suprema!...

Maria o escutava, embevecida. Ansiosa por compreender inteiramente aqueles ensinamentos novos, interrogou atenciosamente:

— Só o amor pelo sacrificio poderá saciar a sede do coração?...

Jesus teve um gesto afirmativo e continuou:

— Somente o sacrificio contém o divino misterio da vida. Viver bem é saber imolar-se. Acreditadas que o mundo pudesse manter o equilibrio proprio tão só com os caprichos antagonicos e por vezes criminosos dos que se elevam á galeria dos triunfadores? Toda luz humana vem do coração experiente e brando dos que foram sacrificados. Um guerreiro coberto de louros ergue os seus gritos de vitoria sobre os cadaveres que juncam o chão; mas, apenas os que tombaram fazem bastante silencio, para que se ouça no mundo a mensagem de Deus. O primeiro pode fazer a experiencia

para um dia; os segundos constroem a estrada definitiva na eternidade.

Na tua condição de mulher, já pensaste no que seria o mundo, sem as mães exterminadas no silencio e no sacrificio? Não são elas as cultivadoras do jardim da vida, onde os homens travam a batalha?!... Muitas vezes, o campo enflorido se cobre de lama e sangue; mas, na sua tarefa silenciosa, os corações maternais não desesperam e reedificam o jardim da vida, imitando a Providencia Divina que espalha sobre um cemiterio os lirios perfumados de seu amor!...

Maria de Magdala, ouvindo aquelas advertencias, começou a chorar, a sentir no intimo o deserto da mulher sem filhos. Por fim, exclamou:

— Desgraçada de mim, Senhor, que não poderei ser mãe!...

Então, atraindo-a, brandamente, a si, o Mestre acrescentou:

— E qual das mães será maior aos olhos de Deus? A que se devotou somente aos filhos de sua carne, ou a que se consagrou, pelo espirito, aos filhos das outras mães?

Aquella interrogação pareceu despertar a para meditações mais profundas. Maria sentiu-se amparada por uma energia interior diferente, que até então desconhecia. A palavra de Jesus lhe honrava o espirito; convidava-a a ser mãe de seus irmãos em humanidade, aquinhoando-os com os bens supremos das mais elevadas virtudes da vida. Experimentando radiosa felicidade em seu mundo intimo, contemplou o Messias com os olhos nevoados de lagrimas e, no extase de sua imensa alegria, murmurou comovidamente:

— Senhor, doravante renunciarei a todos os prazeres transitorios do mundo, para adquirir o amor divino que me ensinastes!... Acolherei como filhas as minhas irmãs no sofrimento, procurarei os infortunados para aliviar-lhes as feridas do coração, estarei com os aleijados e leprosos...

Nesse instante, Simão Pedro passou pelo aposento, demandando o interior, e a observou com certa estranheza. A convertida de Magdala lhe sentiu o olhar glacial, quasi denotando desprezo, e, já receiosa de um dia perder a convivência do Mestre, perguntou com interesse:

— Senhor, quando partirdes deste mundo, como ficaremos?

Jesus compreendeu o motivo e o alcance de sua palavra e esclareceu:

— Certamente que partirei, mas estaremos eternamente reunidos em espirito. Quanto ao futuro, com o infinito de suas perspectivas, é necessário que cada um tome sua cruz, em busca da porta estreita da redenção, colocando acima de tudo a fidelidade a Deus e, em segundo lugar, a perfeita confiança em si mesmo.

Observando que Maria, ainda oprimida pelo olhar estranho de Simão Pedro, se preparava a regressar, o Mestre lhe sorriu com bondade e disse:

— Vai, Maria!... Sacrifica-te e ama sempre. Longo é o caminho, difícil a jornada, estreita a porta; mas, a fé remove os obstáculos... Nada temas, é preciso crer somente!

*

Mais tarde, depois de sua gloriosa visão do Cristo ressuscitado, Maria de Magdala voltou de Jerusalém para a Galiléia, seguindo os passos dos companheiros queridos.

A mensagem da ressurreição espalhara uma alegria infinita.

Após algum tempo, quando os apóstolos e seguidores do Messias procuravam reviver o passado junto ao Tiberiades, os discípulos diretos do Senhor abandonaram a região, a serviço da Boa

Nova. Ao disporem-se os dois últimos companheiros a partir em definitiva para Jerusalém, Maria de Magdala, temendo a solidão da saudade, rogou fervorosamente lhe permitissem acompanhá-los à cidade dos profetas; ambos, no entanto, se negaram a anuir aos seus desejos. Temiam-lhe o preterito de pecadora, não confiavam em seu coração de mulher. Maria compreendeu, mas lembrou-se do Mestre e resignou-se.

Humilde e sózinha, resistiu a todas as propostas condenáveis que a solicitavam para uma nova queda de sentimentos. Sem recursos para viver, trabalhou pela própria manutenção, em Magdala e Dalmanuta. Foi forte nas horas mais asperas, alegre nos sofrimentos mais escabrosos, fiel a Deus nos instantes escuros e pungentes. De vez em quando, ia às sinagogas, desejosa de cultivar a lição de Jesus; mas, as aldeias da Galiléia estavam novamente subjugadas pela intransigência do judaísmo. Ela compreendeu que palmilhava agora o caminho estreito, onde ia só, com a sua confiança em Jesus. Por vezes, chorava de saudade, quando passeava no silêncio da praia, recordando a presença do Messias. As aves do lago, ao crepúsculo, vinham pousar, como outrora, nas alcaparreiras mais próximas, o horizonte oferecia, como sempre, o seu banquete de luz. Ela contemplava as ondas mansas e lhes confiava suas meditações.

Certo dia, um grupo de leprosos veio à Dalmanuta; procediam da Iduméia aqueles infelizes, cansados e tristes, em supremo abandono. Perguntavam por Jesus Nazareno, mas todas as portas se lhes fechavam. Maria foi ter com eles e, sentindo-se isolada, com amplo direito de empregar a sua liberdade, reuniu-os sob as árvores da praia e lhes transmitiu as palavras de Jesus, enchendo-lhes os corações das claridades do Evangelho. As autoridades locais, entretanto, ordenaram a expulsão imediata dos enfermos. A grande convertida

percebeu tamanha alegria no semblante dos infortunados, em face de suas fraternas revelações, com respeito às promessas do Senhor, que se poz em marcha para Jerusalém, na companhia deles. Todo o grupo passou a noite ao relento, mas sentia-se que os jubilos do Reino de Deus agora os dominavam. Todos se interessavam pelas descrições de Maria, devoravam-lhe as exortações, contagiados de sua alegria e de sua fé. Chegados á cidade, foram conduzidos ao vale dos leprosos, que ficava distante, onde a Magdalena penetrou com espontaneidade de coração. Seu espirito recordava as lições do Messias e uma coragem indefinível se assenhoreara de sua alma.

Dali em diante, todas as tardes, a mensageira do Evangelho reunia a turba de seus novos amigos e lhes dizia o ensinamento de Jesus. Rostos ulcerados enchiam-se de alegria; olhos sombrios e tristes tocavam-se de nova luz. Maria lhes explicava que Jesus havia exemplificado o bem até á morte, ensinando que todos os seus discipulos deviam ter bom animo para vencer o mundo. Os agonizantes arrastavam-se até junto dela e lhe beijavam a tunica singela. A filha de Magdala, lembrando o amor do Mestre, tomava-os em seus braços fraternos e carinhosos.

Em breve tempo, sua epiderme apresentava, igualmente, manchas violaceas e tristes. Ela compreendeu a sua nova situação e recordou a recomendação do Messias de que somente sabiam viver os que sabiam imolar-se. E experimentou grande gozo, por haver levado aos seus companheiros de dor uma migalha de esperança. Desde a sua chegada, em todo o vale se falava daquele Reino de Deus que a creatura devia edificar no proprio coração. Os moribundos esperavam a morte com um sorriso ditoso nos labios, os que a lepra deformara ou abatera guardavam bom animo, nas fibras mais sensiveis.

Sentindo-se ao termo de sua tarefa meritoria,

Maria de Magdala desejou rever antigas afeições de seu circulo pessoal, que se encontravam em Efeso. Lá estavam João e Maria, além de outros companheiros dos jubilos cristãos. Adivinhava que as suas ultimas dores terrestres vinham muito proximas; todavia, deliberou pôr em prática o seu humilde desejo.

Nas despedidas, seus companheiros de infortunio material vinham suplicar-lhe os derradeiros conselhos e recordações. Envolvendo-os no seu carinho, a emissaria do Evangelho lhes dizia apenas:

— Jesus deseja intensamente que nos amemos uns aos outros e que participemos de suas divinas esperanças, na mais extrema lealdade a Deus!...

Dentre aqueles doentes, os que ainda se equilibravam pelos caminhos lhe traziam o fruto das esmolas escassas, as crianças abandonadas vinham beijar-lhe as mãos.

Na fortaleza de sua fé, a ex-pecadora abandonou o vale, afastando-se de suas choupanas miserrimas, através das estradas asperas. A peregrinação foi-lhe difficil e angustiosa. Para satisfazer aos seus intentos recorreu á caridade, sofreu penosas humilhações, submeteu-se ao sacrificio. Observando as feridas pustulentas, que substituiam a sua antiga beleza, alegrava-se em reconhecer que seu espirito não tinha motivos para lamentações. Jesus a esperava e sua alma era fiel.

Realizada a sua aspiração, por entre dificuldades infinitas, Maria achou-se, um dia, ás portas da cidade; mas, invencivel abatimento lhe dominava os centros de força fisica. No justo momento de suas efusões afetuosas, quando o casario de Efeso se lhe desdobrava á vista, seu corpo alquebrado negou-se a caminhar. Uma modesta familia de cristãos do suburbio recolheu-a á uma tenda humilde, por caridade. A Magdalena poude ainda rever amizades bem caras, consoante seus desejos. Entretanto, por largos dias de padecimento, debateu-se entre a vida e a morte.

Uma noite, atingiram o auge as profundas dores que sentia. Sua alma estava iluminada por brandas reminiscências e, não obstante seus olhos se acharem selados pelas palpebras entumescidas, via com os olhos da imaginação o lago querido, os companheiros de fé, o Mestre bem amado. Seu espírito parecia transpor as fronteiras da eternidade radiosa. De minuto a minuto, ouvia-se-lhe um gemido surdo, enquanto os irmãos de crença lhe rodeavam o leito de dor, com as preces sinceras de seus corações amigos e desvelados.

Em dado instante, observou-se que seu peito não mais arfava. Maria, no entanto, experimentava consoladora sensação de alívio. Sentia-se sob as árvores de Cafarnaum e esperava o Messias. As aves cantavam nos ramos próximos e as ondas sussurrantes vinham beijar-lhe os pés. Foi quando viu Jesus aproximar-se, mais belo do que nunca. Seu olhar tinha o reflexo do céu e no semblante trazia um júbilo indefinível. O Mestre estendeu-lhe as mãos e ela se prosternou, exclamando, como antigamente:

— Senhor!...

Jesus recolheu-a, brandamente nos braços e murmurou:

— Maria, já passaste a porta estreita!... Amaste muito! Vem! Eu te espero aqui!

XXI

A LIÇÃO DA VIGILANCIA

Aproximando-se o termo de sua passagem pelos caminhos da Terra, reuniu Jesus os doze discípulos, com o fim de lhes consolidar nos corações os santificados princípios de sua doutrina de redenção.

Naquele crepúsculo de ouro, por feliz coincidência, todos se achavam em Cesaréia de Felipe, onde a paisagem maravilhosa descansava sob as bênçãos do céu.

Jesus fitou serenamente os companheiros e, ao cabo de longa conversação, em que lhes falara confidencialmente dos serviços grandiosos do futuro, perguntou com afetuoso interesse:

— E que dizem os homens a meu respeito? De alguma sorte, terão compreendido a substância de minhas pregações?!...

João respondeu que seus amigos o tinham na conta de Elias, que regressara ao cenário do mundo depois de se haver elevado ao céu num carro flamejante; Simão, o Zelota, relatou os dizeres de alguns habitantes de Tiberiades, que acreditavam ser o Mestre o mesmo João Batista ressuscitado; Tiago, filho de Cleofas, contou o que ouvira dos judeus na Sinagoga, os quais presumiam no Senhor o profeta Jeremias.

Jesus escutou-lhe as observações com o habitual carinho e inquiriu:

— Os homens se dividem nas suas opiniões; mas, vós, os que tendes comungado comigo a todos os instantes, quem dizeis que eu sou?

Certa perplexidade abalou a pequena assembleia; Simão Pedro, porém, deixando perceber que estava impulsionado por uma energia superior, exclamou, comovidamente:

— Tu és o Cristo, o Salvador, o Filho de Deus Vivo.

— Bemaventurado sejas tu, Simão — disse-lhe Jesus, envolvendo-o num amoroso sorriso — porque não foi a carne que te revelou estas verdades, mas meu Pai que está nos céus. Neste momento, entregaste a Deus o coração e falaste a sua voz. Bendito sejas, pois comesas a edificar no espirito a fonte da fé viva. Sobre essa fé, edificarei a minha doutrina de paz e esperança, porque contra ela jamais prevalecerão os enganos desastrosos do mundo.

Enquanto Simão sorria confortado com o que considerava um triunfo espiritual, o Mestre prosseguia, esclarecendo a comunidade quanto á revelação divina, no santuario interior do espirito do homem, sobre cuja grandeza desconhecida o Cristianismo assentaria suas bases no futuro.

*

No mesmo instante, preparando os companheiros para os acontecimentos proximos, o Messias continuou, dizendo:

— Amados, importa que eu vos esclareça o coração, afim de que as horas tormentosas que se aproximam não cheguem a vos confundir o entendimento. Através da palavra de Simão, tivestes a

clareza reveladora. Cumprindo as profecias da Escritura, sou aquele Pastor que vem a Israel com o proposito de reunir as ovelhas tresmalhadas do imenso rebanho. Venho buscar as drachmas perdidas do tesouro de Nosso Pai. E qual o pagueiro que não dá testemunho de sua tarefa ao dono do redil? E' indispensavel, pois, que eu sofra. Não tardará muito o escandalo que me ha de envolver em suas malhas sombrias. Faz-se mistér o cumprimento da palavra dos grandes instrutores da revelação dos céus, que me precederam no caminho!... Está escrito que eu padeça e não fugirei ao testemunho.

Havendo pequena pausa na sua alocução, Felipe aproveitou-a para interrogar, emocionado:

— Mestre, como pode ser isso, se sois o modelo supremo da bondade? O sofrimento será, então, o premio ás vossas obras de amor e sacrificio?

Jesus, no entanto, sem trair a serenidade do seu sentimento, retrucou:

— Vim ao mundo para o bom trabalho e não posso ter outra vontade, senão a que corresponda aos sabios designios d'Aquele que me enviou. Além de tudo, minha ação se dirige aos que estão escravizados, no cativeiro do sofrimento, do pecado, da expiação. Instituinto, na Terra, a luta perene contra o mal, tenho de dar o legitimo testemunho dos meus esforços. Na consideração de meus trabalhos, necessitamos ponderar que as palavras dos ensinamentos são justas, quando seladas com a plena demonstração dos valores intimos. Acreditaes que um naufrago pudesse sentir o conforto de um companheiro que apenas se limitasse a dirigir-lhe a voz amiga, lá da praia, em segurança? Para salva-lo, será indispensavel ensinar-lhe o melhor caminho de livrar-se da voragem destruidora, nunca tão só com exortações, mas atirando-se igualmente ás ondas, partilhando dos mesmos perigos e sofrimentos. O fardo que sobrecarrega os ombros de

um amigo será sempre mais agravado em seu peso, se nos pomos a examina-lo, muitas vezes guiados por observações inoportunas; ele, entretanto, se tornará suave e leve para aquele a quem amamos, se o tomarmos com os nossos esforços sinceros, ensinando-lhe como se pode atenuar-lhe o peso, nas curvas do caminho.

Os apóstolos entreolharam-se surpresos e o Messias continuou:

— Não espereis por triunfos, que não os tereis sobre a Terra de agora. Nosso reino ainda não é, nem pode ser, deste mundo... Por essa razão, em breves dias, não obstante as minhas aparentes vitórias, entrarei em Jerusalém para sofrer as mais penosas humilhações. Os príncipes dos sacerdotes me coroarão a fronte com suprema ironia, serei arrastado pela turba como um simples ladrão! cuspirão nas minhas faces, dar-me-ão fel e vinagre, quando manifestar sêde, para que se cumpram as Escrituras; experimentarei as angustias mais dolorosas, mas sentirei, em todas as circunstancias, o amparo d'Aquele que me enviou!... Nos derradeiros e mais difíceis testemunhos, terei meu espirito voltado para o seu amor e conquistarei com o sofrimento a vitória sagrada, porque ensinarei aos menos fortes a passagem pela porta estreita da redenção, revelando a cada creatura que sofre o que é preciso fazer, afim de atravessar as sendas do mundo, demandando as claridades eternas do plano espiritual.

O Mestre calou-se comovido. A pequena assembléia deixava transparecer sua surpresa indefinível, sem compreender a amplitude das advertências divinas.

Foi aí que Simão Pedro, modificando a atitude mental do primeiro momento e deixando-se conduzir na esteira das concepções falíveis do seu sentimento de homem, aproximou-se do Messias e lhe falou em particular:

— Mestre, convem não exagerardes as vossas

palavras. Não podemos acreditar que tereis de sofrer semelhantes martírios... Onde estaria Deus, então, com a justiça dos céus? Os factos que nos deixais entrever viriam demonstrar que o Pai não é tão justo!...

— Pedro, retira estas palavras! — exclamou Jesus, com serenidade energica. — Queres também tentar-me, como os adversarios do Evangelho? Será que também tu não me entendes, compreendendo somente as coisas dos homens, longe das revelações de Deus?! Aparta-te de mim, pois, neste instante, falas pelo espirito do mal!...

Verificando que o pescador se emocionara até as lágrimas, o Mestre preparou-se para a retirada e disse aos companheiros:

— Se alguém quizer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga os meus passos.

*

No dia seguinte, a pequena comunidade se punha a caminho, vivamente impressionada com as revelações da véspera. Simão seguia humilde e cabisbaixo. Não conseguia compreender por que motivo fôra Jesus tão severo para com ele. Em verdade, ponderara melhor suas expressões irrefletidas e reconhecera que o Mestre lhe perdoara, pois observava que eram sinceros o sorriso e o olhar compassivo que o envolviam numa alegria nova. Mas, sem poder sopitar suas emoções, o velho discípulo aproximou-se novamente de Jesus e interrogou:

— Mestre, por que razão me mandastes retirar as palavras em que vos demonstrei o meu zelo de discípulo sincero? Alguns minutos antes, não haviéis afirmado que eu trazia aos companheiros a inspiração de Deus? Por que motivo, logo após,

me designáveis como interprete dos inimigos da luz?

— Simão — respondeu o Messias, bondosamente — ainda não apreendeste toda a extensão da necessidade de vigilância. A creatura na Terra precisa aproveitar todas as oportunidades de iluminação interior, em sua marcha para Deus. Vigia o teu espirito ao longo do caminho. Basta um pensamento de amor para que te eleves ao céu; mas, na jornada do mundo, também basta, às vezes, uma palavra fútil ou uma consideração menos digna, para que a alma do homem seja conduzida ao campo do estacionamento e do desespero das trevas, por sua própria imprevidencia! Nesse terreno, Pedro, o discípulo do Evangelho terá sempre imenso trabalho a realizar, porque, pelo Reino de Deus, é preciso resistir às tentações dos entes mais amados na Terra, os quais, embora ocupando o nosso coração, ainda não podem entender as conquistas santificadas do céu.

Acabando o Cristo de falar, Simão Pedro calou-se e passou a meditar.

XXII

A MULHER E A RESSURREIÇÃO

As aguas alegres do Tiberiades se aquietavam, de manso, como tocadas por uma força invisível da natureza, quando a barca de Simão, conduzindo o Senhor, atingiu docemente a praia.

O velho apóstolo, abandonando os remos, deixava transparecer nos traços fisionomicos as emoções contraditorias de sua alma, enquanto Jesus o observava, adivinhando-lhe os pensamentos mais recônditos.

— Que tens tu, Simão? — perguntou o Mestre, com o seu olhar penetrante e amigo.

Surpreendido com a palavra do Senhor, o velho Cephas deu, por um gesto, a perceber os seus receios e as suas apreensões, como se encontrasse dificuldade em esquecer totalmente a lei antiga, para penetrar os umbrais da idéia nova, no seu caminho largo de amor, de luz e de esperança.

— Mestre — respondeu, com timidez — a lei que nos rege manda lapidar a mulher que perverteu a sua existencia.

Conhecendo, por antecipação, o pensamento do pescador e observando os seus escrúpulos em lhe atirar uma leve advertencia, Jesus lhe respondeu com brandura:

— Quasi sempre, Simão, não é a mulher que se perverte a si mesma; é o homem, que lhe destrói a vida.

— Entretanto — tornou o apóstolo, respeitosamente — os nossos legisladores sempre ordenaram severidade e rispidez para com todas as decaídas. Observando os nossos costumes, Senhor, é que temo por vós, acolhendo tantas meretrizes e mulheres de má vida, nas pregações do Tiberiades...

— Nada temas por mim, Simão, porque eu venho de meu Pai e não devo ter outra vontade, a não ser a de cumprir os seus designios sábios e misericordiosos.

Assim falou o Mestre, cheio de bondade, e, espalhando o olhar compassivo sobre as águas, levemente encrespadas pelo beijo dos ventos do crepúsculo, continuou, num mixto de energia e doçura:

— Mas, ouve, Pedro! A lei antiga manda apedrejar a mulher que foi pervertida e desamparada pelos homens; entretanto, também determina que amemos aos nossos semelhantes, como a nós mesmos. E o meu ensino é o cumprimento da lei, pelo amor mais sublime sobre a Terra. Poderíamos culpar a fonte, quando um animal lhe polue as águas? De acordo com a lei, devemos amar a uma e a outro, seja pela expressão de sua ignorância, seja pela de seus sofrimentos. E o homem é sempre fraco e a mulher sempre sofredora!...

O velho pescador recebia a exortação com um brilho novo nos olhos, como se fôra tocado nas fibras mais íntimas do seu espírito.

— Mestre — retrucou, altamente surpreendido — vossa palavra é a da revelação divina. Quereis dizer, então, que a mulher é superior ao homem, na sua missão terrestre?

— Uma e outro são iguais perante Deus — esclareceu o Cristo, amorosamente — e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, com-

pletando-se perfeitamente, para que haja, em todas as ocasiões, o mais santo respeito mútuo. Precisamos considerar, todavia, que a mulher recebeu a sagrada missão da vida. Tendo avançado mais do que o seu companheiro na estrada do sentimento, está, por isso, mais perto de Deus que, muitas vezes, lhe toma o coração por instrumento de suas mensagens, cheias de sabedoria e de misericórdia. Em todas as realizações humanas, há sempre o traço da ternura feminina, levantando obras imperecíveis na edificação dos espíritos. Na história dos homens, ficam somente os nomes dos políticos, dos filósofos e dos generais; mas, todos eles são filhos da grande heroína que passa, no silêncio, desconhecida de todos, muita vez dilacerada nos seus sentimentos mais íntimos ou exterminada nos sacrifícios mais pungentes. Mas, também Deus, Simão, passa ignorado em todas as realizações do progresso humano e nós sabemos que o ruído é próprio dos homens, enquanto que o silêncio é de Deus, síntese de toda a verdade e de todo o amor.

Por isso, as mulheres mais desventuradas ainda possuem no coração o germen divino, para a redenção da humanidade inteira. Seu sentimento de ternura e humildade será, em todos os tempos, o grande roteiro para a iluminação do mundo, porque, sem o tesouro do sentimento, todas as obras da razão humana podem perecer como um castelo de falsos esplendores.

Simão Pedro ouvia o seu Mestre, tomado de profundo enlevo e santificado fervor admirativo:

— Tendes razão, Senhor! — murmurou, entre humilde e satisfeito.

— Sim, Pedro, temos razão — replicou Jesus, com bondade. — E será ainda a mulher que buscaremos confiar a missão mais sublime na construção evangelica, dentro dos corações, no supremo esforço de iluminar o mundo.

O apóstolo do Tiberiades ouvira as derradeiras palavras do Divino Mestre, tomado de surpresa.

Conservou-se, no entanto, em silencio, ante o sorriso doce do Messias.

Muito distante, o ultimo beijo do Sol punha um reflexo dourado no leque movel das aguas, que as correntes claras do Jordão enriqueciam. Simão Pedro, fatigado do labor diario, preparou-se para descansar, com sua alma clareada pelas novas revelações da palavra do Senhor, as quais, cheias de luz e de esperança divinas, dissipavam as obscuridades da lei de Moisés.

*

Dois dias tinham passado sobre o doloroso drama do Calvário, em cuja cruz de inominavel martirio se sacrificara o Mestre, pelo bem de todos os homens. Penosa situação de dúvida reinava dentro da pequena comunidade dos discipulos. Quasi todos haviam vacilado na hora extrema. O raciocinio fragil do homem lutava por compreender a finalidade daquele sacrificio. Não era Jesus o poderoso Filho de Deus que consolara os tristes, ressuscitara mortos, sarara enfermos de doenças incuraveis? Porque não conjurara a traição de Judas, com as suas forças sobrenaturais? Porque se humilhara assim, sangrando de dor, nas ruas de Jerusalém, submetendo-se ao ridiculo e á zombaria? Então, o emissario do Pai Celestial deveria ser crucificado entre dois ladrões.

Enquanto essas questões eram examinadas, de boca em boca, a lembrança do Messias ficava relegada a um plano inferior, olvidada a sua exemplificação e a grandeza dos seus ensinamentos. O barco da fé não sossobrara inteiramente, porque ali estavam as lagrimas do coração materno, trespassado de amarguras.

O Messias redivivo, porém, observava a in-

compreensão de seus discipulos, como o pastor que contempla o seu rebanho desarvorado. Desejava fazer ouvida a sua palavra divina, dentro dos corações atormentados; mas, só a fé ardente e o ardente amor conseguem vencer os abismos de sombra entre a Terra e o Céu. E todos os companheiros se deixavam abater pelas idéias negativas.

Foi então, quando, na manhã do terceiro dia, a ex-pecadora de Magdala se acercou do sepulcro com perfumes e flores. Queria, ainda uma vez, aromatizar aquelas mãos inertes e frias, ainda uma vez, queria contemplar o Mestre adorado, para cobri-lo com o pranto de seu amor purificado e ardoroso. No seu coração estava aquela fé radiosa e pura que o Senhor lhe ensinara e, sobretudo, aquela dedicação divina, com que pudera renunciar a todas as paixões que a seduziam no mundo. Maria Magdalena ia ao tumulto com amor e só o amor pode realizar os milagres supremos.

Estupefacta, por não encontrar o corpo bem amado, já se retirava entristecida, para dar ciencia do que verificara aos companheiros, quando uma voz carinhosa e meiga exclamou brandamente aos seus ouvidos:

— Maria!...

Ela se supoz admoestada pelo jardineiro; mas, em breves instantes reconhecia a voz inesquecível do Mestre e lhe contemplava o inolvidavel sorriso. Quiz atirar-se-lhe aos pés, beijar-lhe as mãos num suave transporte de afetos, como fazia nas pregações do Tiberíades; porém, com um gesto de soberana ternura, Jesus a afastou, esclarecendo:

— Não me toques, pois ainda não fui a meu Pai que está nos céus!...

Instintivamente, a Magdalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lagrimas de inexcédível ventura. Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição era a essencia divina, que manteria eternidade ao Cristianismo.

A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e jubilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o animo em todos os espiritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam vê-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulçurosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum.

Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias.

A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Magdalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os seculos terrestres.

*

E' por isso que todos os historiadores das origens do Cristianismo param a pena, assombrados ante a fé profunda dos primeiros discipulos que se dispersaram pelo deserto das grandes cidades, para a pregação da Boa Nova e, observando a confiança serena de todos os martires que se têm sacrificado na esteira infinita do tempo pela idéia de Jesus, perguntam espantados, como Ernesto Renan, numa de suas obras:

— Onde está o sabio da Terra que já deu ao mundo tanta alegria, como a carinhosa Maria de Magdala?

XXIII

O SERVO BOM

A condenação das riquezas se firmara no espirito dos discipulos com profundas raizes, a tal ponto que, por varias vezes, foi Jesus obrigado a intervir, de maneira a pôr termo a contendas injustificaveis. De vez em quando, Tadeu parecia querer impor aos assistentes das pregações do lago a entrega de todos os bens aos necessitados; Felipe não vacilava em afiançar que ninguém deveria possuir mais que uma camisa, constituindo uma obrigação tudo dividir com os infortunados, privando-se cada qual do indispensavel á vida.

— E quando o pobre nos surge somente nas apparencias? — replicava judiciosamente Levi. — Conheço homens abastados que choram na coletoria de Cafarnaum, como miseraveis mendigos, apenas com o fim de se eximirem dos impostos. Sei de outros que estendem as mãos á caridade publica e são proprietarios de terras dilatadas. Estariamos edificando o Reino de Deus, se favorecessemos a exploração?

— Tudo isso é verdade — redarguia Simão Pedro. Entretanto, Deus nos inspirará sempre, nos momentos oportunos, e não é por essa razão que deveremos abandonar os realmente desamparados.

Leví, porém, não se dava por vencido e re-trucava:

— A necessidade sincera deve ser objeto incessante de nosso carinhoso interesse; mas, em se tratando dos falsos mendigos, é preciso considerar que a palavra de Deus nos tem vindo pelo Mestre, que nunca se cansa de nos aconselhar vigilância. E' imprescindível não viciarmos o sentimento de piedade, ao ponto de prejudicarmos os nossos irmãos no caminho da vida.

O antigo cobrador de impostos expunha assim a sua maneira de ver; mas Felipe, agarrando-se á letra dos ensinamentos, obtemperava com enfase:

— Continuarei acreditando que é mais facil a passagem de um camelo pelo fundo de uma agulha do que a entrada de um rico no Reino do Céu.

Jesus não participava dessas discussões, porém sentia as duvidas que pairavam no coração dos discipulos e, deixando-os entregues aos seus raciocinios proprios, aguardava oportunidade para um esclarecimento geral.

*

Passava-se o tempo e as pequenas controversias continuavam acesas.

Chegara, porém, o dia em que o Mestre se ausentaria da Galiléia para a derradeira viagem a Jerusalém. A sua ultima ida a Jericó, antes do suplicio, era aguardada com curiosidade imensa. Grandes multidões se apinhavam nas estradas.

Um publicano abastado, de nome Zaqueu, conhecia o renome do Messias e desejava vê-lo. Chefe prestigioso na sua cidade, homem rico e energico, Zaqueu era, porém, de pequena estatura, tanto assim que, buscando satisfazer ao seu desejo ar-

dente, procurou acomodar-se sobre um sicômoro, levado pela ansiosa expectativa com que esperava a passagem de Jesus. Coração inundado de curiosidade e de sensações alegres, o chefe publicano, ao aproximar-se o Messias, admirou-lhe o porte nobre e simples, sentindo-se magnetizado pela sua indefinível simpatia. Altamente surpreendido, verificou que o Mestre estacionara a seu lado e lhe dizia com acento intimo:

— Zaqueu, desce dessa arvore, porque hoje necessito de tua hospitalidade e de tua companhia.

Sem que pudesse traduzir o que se passava em seu coração, o publicano de Jericó desceu de sua improvisada galeria, possuido de imenso jubilo. Abraçou a Jesus com prazer espontaneo e ordenou todas as providencias para que o querido hospede e sua comitiva fossem recebidos em casa com a maior alegria. O Mestre deu o braço ao publicano e escutava atento as suas observações mais insignificantes, com grande escandalo da maioria dos discipulos. Não se tratava de um rico que devia ser condenado? perguntava Felipe a si proprio. E Simão Pedro refletia intimamente: — "Como justificar tudo isto, se Zaqueu é um homem de de dinheiro e pecador perante a lei?"

A breves instantes, porém, toda a comitiva penetrava a residencia do publicano, que não ocultava o seu contentamento inexcédível. Jesus lhe seduzira as atenções, tocando-lhe as fibras mais intimas do Espirito, com a sua presença generosa. Tratava-se de um hospede bem amado, que lhe ficaria eternamente no coração.

Aproximava-se o crepusculo, quando Zaqueu mandou oferecer uma leve refeição a todo o povo, em sinal de alegria, sentando-se com Jesus e os seus discipulos sob um vasto alpendre. A palestra versava sobre a nova doutrina e, sabendo que o Mestre não perdia ensejo de condenar as riquezas criminosas do mundo, o publicano esclarecia, com toda a sinceridade de sua alma:

— Senhor, é verdade que tenho sido observado como um homem de vida reprovável; mas, desde muitos anos, venho procurando empregar o dinheiro de modo que represente benefícios para todos os que me rodeiem na vida. Compreendendo que aqui em Jericó havia muitos pais de família sem trabalho, organizei multiplos serviços de criação de animais e de cultivo incessante da terra. Até de Jerusalém, muitas famílias já vieram buscar, em meus trabalhos, o indispensavel recurso á vida!...

— Abençoado seja o teu esforço! — replicou Jesus cheio de bondade.

Zaqueu ganhou novas forças e murmurou:

— Os servos de minha casa nunca me encontraram sem a sincera disposição de servi-los.

— Regosijo-me contigo — exclamou o Messias — porque todos nós somos servos de Nosso Pai.

O publicano, que tantas vezes fôra injustamente acusado, experimentou grande satisfação. A palavra de Jesus era uma recompensa valiosa á sua consciencia dedicada ao bem coletivo. Extasiado, levantou-se e, estendendo ao Cristo as mãos, exclamou alegremente:

— Senhor, Senhor, tão profunda é a minha alegria, que repartirei hoje com todos os necessitados a metade dos meus bens e se nalguma coisa tenho prejudicado a alguém, indeniza-lo-ei, quadruplicadamente!...

Jesus o abraçou com um formoso sorriso e respondeu:

— Bemaventurado és tu que agora contemplas em tua casa a verdadeira salvação.

Alguns dos discipulos, notadamente Felipe e Simão, não conseguiam ocultar as suas deduções desagradaveis. Mais ou menos aferrados ás leis judaicas e atentando somente no sentido literal das lições do Messias, estranhavam aquela afabilidade de Jesus, aprovando os atos de um rico do mundo, confessadamente publicano e pecador. E, como o dono da casa se ausentasse da reunião por

alguns minutos, afim de providenciar sobre a vinda de seus filhos para conhecerem o Messias, Pedro e outros prorromperam numa chuva de pequeninas perguntas. Porque tamanha aprovação a um rico mesquinho? As riquezas não eram condenadas pelo Evangelho do Reino? Porque não se hospedarem numa casa humilde e sim naquela vivenda suntuosa, em contraposição aos ensinios da humildade? Poderia alguém servir a Deus e ao mundo de pecados?

O Mestre deixou que cessassem as interrogações e esclareceu, com generosa firmeza:

— Amigos, acreditais, porventura, que o Evangelho tenha vindo ao mundo para transformar todos os homens em miseraveis mendigos? Qual a esmola maior: a que socorre as necessidades de um dia ou a que adota providencias para uma vida inteira? No mundo vivem os que entesouram na terra e os que entesouram no céu. Os primeiros escondem suas possibilidades no cofre da ambição e do egoismo e, por vezes, atiram uma moeda dourada ao faminto que passa, procurando livrar-se de sua presença; os segundos ligam suas existencias a vidas numerosas, fazendo de seus servos e auxiliares de esforço a continuação de sua propria familia. Estes ultimos sabem empregar o sagrado deposito de Deus e são seus mordomos fieis, á face do mundo.

Os apostolos ouviam-no espantados. Felipe, desejoso de se justificar, depois da argumentação incisiva do Cristo, exclamou:

— Senhor, eu não compreendia bem, porque trazia o meu pensamento fixado nos pobres que a vossa bondade nos ensinou a amar.

— Entretanto, Felipe — elucidou o Mestre — é necessario não nos perdemos em viciações do sentimento. Nunca ouviste falar numa terra pobre, numa arvore pobre, em animais desamparados? E, acima de tudo, nesses quadros da natureza a que Zaqueu procura atender, não vês o homem, nosso

irmão? Qual será o mais infeliz: o mendigo sem responsabilidade, a não ser a de sua própria manutenção, ou um pai carregado de filhinhos a lhe pedirem pão?

Como André o observasse, com grande brilho nos olhos, maravilhado com as suas explicações, o Mestre acentuou:

— Sim, amigos! ditosos os que repartirem os seus bens com os pobres; mas, bemaventurados também os que consagrarem suas possibilidades aos movimentos da vida, cientes de que o mundo é um grande necessitado, e que sabem assim servir a Deus com as riquezas que lhes foram confiadas!

*

Em seguida, Zaqueu mandou servir uma grande mesa ao Senhor e aos discípulos, onde Jesus partiu o pão, partilhando do contentamento geral. Impulsionado por um júbilo insopitável, o chefe publicano de Jericó apresentou seus filhos a Jesus e mandou que seus servos festejassem aquela noite memorável para o seu coração.

Nos terreiros amplos da casa, crianças e velhos felizes cantaram hinos de cariciosa ventura, enquanto jovens em grande numero tocavam flautas, enchendo de harmonias o ambiente.

Foi então que Jesus, reunidos todos, contou a formosa parábola dos talentos, conforme a narrativa dos apóstolos, e foi também que, pousando enternecido e generoso olhar sobre a figura de Zaqueu, seus lábios divinos pronunciaram as imorredoiras palavras: — “Bemaventurado sejas tu, servo bom e fiel!”

XXIV

A ILUSÃO DO DISCIPULO

Jesus havia chegado a Jerusalém sob uma chuva de flores.

De tarde, após a consagração popular, caminhava Tiago e Judas, lado a lado, por uma estrada antiga, marginada de oliveiras, que conduzia às casinhas alegres de Betania.

Judas Iscariote deixava transparecer no semblante intima inquietação, enquanto no olhar sereno do filho de Zebedeu fulgurava a luz suave e branda que consola o coração das almas crentes.

— Tiago — exclamou Judas, entre ansioso e atormentado — não achas que o Mestre é demasiado simples e bom para quebrar o jugo tirânico que pesa sobre Israel, abolindo a escravidão que oprime o povo eleito de Deus?

— Mas — replicou o interpelado — poderias admitir no Mestre as disposições destruidoras de um guerreiro do mundo?

— Não tanto assim. Contudo, tenho a impressão de que o Messias não considera as oportunidades. Ainda hoje, tive a atenção reclamada por doutores da lei que me fizeram sentir a inutilidade das pregações evangelicas, sempre levadas a efeito entre as pessoas mais ignorantes e desclassifica-

das. Ora, as reivindicações do nosso povo exigem um condutor energico e altivo.

— Israel — retrucou o filho de Zebedeu, de olhar sereno — sempre teve orientadores revolucionarios; o Messias, porém, vem efetuar a verdadeira revolução, edificando o seu reino sobre os corações e nas almas!...

Judas sorriu algo ironico e acrescentou:

— Mas, poderemos esperar renovações, sem conseguirmos o interesse e a atenção dos homens poderosos?

— E quem haverá mais poderoso do que Deus, de quem o Mestre é o Enviado divino?

Em face dessa invocação, Judas mordeu os labios, mas prosseguiu:

— Não concordo com os principios de inação e creio que o Evangelho somente poderá vencer com o amparo dos prepostos de Cesar, ou das autoridades administrativas de Jerusalém, que nos governam o destino. Acompanhando o Mestre nas suas pregações em Cesaréia, em Sebaste, em Corazin e Betsaida, quando das suas ausencias de Cafarnaum, jamais o vi interessado em conquistar a atenção dos homens mais altamente colocados na vida. E' certo que de seus labios divinos sempre brotaram a verdade e o amor, por toda parte; mas, só observei leprosos e cegos, pobres e ignorantes, abeirando-se de nossa fonte.

— Jesus, porém, já nos esclareceu — obtemperou Tiago, com brandura — que o seu reino não é deste mundo.

Imprimindo aos olhos inquietos um fulgor estranho, o discipulo impaciente revidou com energia:

— Vimos hoje o povo de Jerusalém atapetar o caminho do Senhor com as palmas da sua admiração e do seu carinho; precisamos, todavia, impor a figura do Messias ás autoridades da Côte Provincial e do Templo, de modo a aproveitarmos esse surto de simpatia. Notei que Jesus recebia as homenagens populares sem partilhar do entusiasmo

febril de quantos o cercavam, razão por que necessitamos multiplicar esforços, em lugar dele, afim de que a nossa posição de superioridade seja reconhecida em tempo oportuno.

— Recordo-me, entretanto, de que o Mestre nos asseverou certa vez que o maior na comunidade será sempre aquele que se fizer o menor de todos.

— Não podemos levar em conta esses excessos de teoria. Interpelado que vou ser hoje por amigos influentes na politica de Jerusalém, farei o possivel por estabelecer acordos com os altos funcionarios e homens de importancia, afim de imprimirmos novo movimento ás idéias do Messias.

— Judas! Judas!... — observou-lhe o irmão de apostolado, com doce veemencia — vê lá o que fazes! Socorreres-te dos poderes transitorios do mundo, sem um motivo que justifique esse recurso, não será desrespeito á autoridade de Jesus? Não terá o Mestre visão bastante para sondar e reconhecer os corações? O habito dos sacerdotes e a toga dos dignitarios romanos são roupagens para a Terra... As idéias do Mestre são do céu e seria sacrilegio misturarmos a sua pureza com as organizações viciadas do mundo!... Além de tudo, não podemos ser mais sabios, nem mais amorosos do que Jesus e ele sabe o melhor caminho e a melhor oportunidade para a conversão dos homens!... As conquistas do mundo são cheias de ciladas para o espirito e, entre elas, é possivel que nos transformemos em órgão de escandalo para a verdade que o Mestre representa.

Judas silenciou, atormentado.

No firmamento, os derradeiros raios de Sol batiam nas nuvens distantes, enquanto os dois discipulos tomavam rumos diferentes.

*

Sem embargo das carinhosas exortações de

Tiago, Judas Iscariote passou a noite tomado de angustiosas inquietações.

Não seria melhor apressar o triunfo mundano do Cristianismo? Israel não esperava um Messias que enfeixasse nas mãos todos os poderes? Valendo-se da doutrina do Mestre, poderia tomar para si as rédeas do movimento renovador, enquanto Jesus, na sua bondade e simplicidade, ficaria entre todos, como um símbolo vivo da idéia nova.

Recordando suas primeiras conversações com as autoridades do Sinédrio, meditava na execução de seus sombrios designios.

A madrugada o encontrou decidido, na embriaguez de seus sonhos ilusorios. Entregaria o Mestre aos homens do poder, em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilegios politicos. Satisfaria ás suas ambições, aparentemente justas, afim de organizar a vitoria cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria a Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utiliza-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos.

O Mestre, a seu ver, era demasiadamente humilde e generoso para vencer sózinho, por entre a maldade e a violencia.

Ao desabrochar a alvorada, o discipulo impudente demandou o centro da cidade e, após horas, era recebido pelo Sinédrio, onde lhe foram hipotecadas as mais relevantes promessas.

Apesar de satisfeito com a sua mesquinha gratificação e desvairado no seu espirito ambicioso, Judas amava ao Messias e esperava, ansiosamente, o instante do triunfo, para lhe dar a alegria da vitoria cristã, através das manobras politicas do mundo.

O premio da vaidade, porém, esperava a sua desmedida ambição.

Humilhado e escarnecido, seu Mestre bem

amado foi conduzido á cruz da ignominia, sob vilipendios e flagelações.

Daqueles labios, que haviam ensinado a verdade e o bem, a simplicidade e o amor, não chegou a escapar-se uma queixa. Martirizado na sua estrada de angustias, o Messias só teve o maximo de perdão para seus algozes.

Observando os acontecimentos, que lhe contrariavam as mais intimas suposições, Judas Iscariote se dirigiu a Caifaz, reclamando o cumprimento de suas promessas. Os sacerdotes, porém, ouvindo-lhe as palavras tardias, sorriram com sarcasmo. Debalde recorreu ás suas prestigiosas relações de amizade: teve de reconhecer a falibilidade das promessas humanas. Atormentado e aflito, buscou os companheiros de fé. Encontrou-os vencidos e humilhados; pareceu-lhe, porém, descobrir em cada olhar a mesma exprobração silenciosa e dolorida.

*

Já se havia escoado a hora sexta, em que o Mestre expirara na cruz, implorando perdão para seus verdugos.

De longe, Judas contemplou todas as cenas angustiosas e humilhantes do Calvario. Atroz remorso lhe pungia a consciencia dilacerada. Lagrimas ardentes lhe rolavam dos olhos tristes e amorticados. Mau grado á vaidade que o perdera, ele amava intensamente ao Messias.

Em breves instantes, o céu da cidade impiedosa se cobriu de nuvens escuras e borrascosas. O mau discipulo, com um oceano de dor na consciencia, peregrinou em derredor do casario maldito, acaalentando o proposito de desertar do mundo, numa

suprema traição aos compromissos mais sagrados de sua vida.

Antes, porém, de executar seus planos tenebrosos, junto á figueira sinistra, ouvia a voz amargurada do seu tremendo remorso.

Relampagos terríveis rasgavam o firmamento; trovões cavernosos pareciam lançar sobre a terra criminosa a maldição do céu vilipendiado e esquecido.

Mas, sobre todas as vozes confusas da natureza, o discípulo infeliz escutava a voz do Mestre, consoladora e inesquecível, penetrando-lhe os refolhos mais íntimos da alma:

— “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir ao Pai, senão por mim!...”

XXV

A ÚLTIMA CEIA

Reunidos os discípulos em companhia de Jesus, no primeiro dia das festas da Pascoa, como de outras vezes, o Mestre partiu o pão com a costureira ternura. Seu olhar, contudo, embora sem trair a serenidade de todos os momentos, apresentava misterioso fulgor, como se sua alma, naquele instante, vibrasse ainda mais com os altos planos do invisível.

Os companheiros comentavam com simplicidade e alegria os sentimentos do povo, enquanto o Mestre meditava, silencioso.

Em dado instante, tendo-se feito longa pausa entre os amigos palradores, o Messias acentuou com firmeza impressionante:

— Amados, é chegada a hora em que se cumprirá a profecia da Escritura. Humilhado e ferido, terei de ensinar em Jerusalém a necessidade do sacrificio proprio, para que triunfe definitivamente a verdade. O mundo ha conhecido apenas uma especie de vitoria, tão passageira quanto as edificações do egoismo ou do orgulho humano. Os homens têm aplaudido, em todos os tempos, as tribunas douradas, as marchas retumbantes dos exercitos que se glorificaram com despojos sangrentos, os grandes ambiciosos que dominaram á

força o espirito inquieto das multidões; entretanto, eu vim de meu Pai afim de ensinar como triunfam os que tombam no mundo, cumprindo um sagrado dever de amor, como mensageiros de um mundo melhor, onde reinam o bem e a verdade. Minha vitória é a dos que sabem ser derrotados entre os homens, para triunfarem com Deus, na divina construção de suas obras, imolando-se, com alegria, para gloria de uma vida maior.

Ante a resolução expressa naquelas palavras firmes, os companheiros se entrecolhiam, ansiosos.

O Messias continuou:

— Não vos perturbeis com as minhas afirmativas, porque, em verdade, um de vós outros me ha de trair!... As mãos, que eu acariciei, voltam-se agora contra mim. Todavia, minh'alma está pronta para a execução dos designios de meu Pai.

A pequena assembléia fez-se livida. Com exceção de Judas, que entablara negociações particulares com os doutores do Templo, faltando apenas o ato do beijo, afim de consumir-se a sua defeccção, ninguém poderia contar com as palavras amargas do Messias. Penosa sensação de mal-estar se estabelecera entre todos. O filho de Iscariote fazia o possível por dissimular as suas angustiosas impressões, quando os companheiros se dirigiam ao Cristo com perguntas angustiadas.

— Quem será o traidor? — disse Felipe, com estranho fulgor nos olhos.

— Serei eu? — exclamou André, ingenuamente.

— Mas, afinal — objetou Tiago, filho de Alfeu, em voz alta — onde está Deus que não conjura semelhante perigo?

Jesus, que se mantivera em silencio ante as primeiras interrogações, ergueu o olhar para o filho de Cleofas e advertiu:

— Tiago, fazes calar a voz de tua pouca confiança na sabedoria que nos rege os destinos. Uma

das maiores virtudes do discípulo do Evangelho é a de estar sempre pronto ao chamado da Providencia Divina. Não importa onde e como seja o testemunho de nossa fé. O essencial é revelarmos a nossa união com Deus, em todas as circunstancias. E' indispensavel não esquecer a nossa condição de servos de Deus, para bem lhe atendermos ao chamado, nas horas de tranquillidade ou de sofrimento.

A esse tempo, havendo-se o Messias calado de novo, João interveiu, perguntando:

— Senhor, compreendo a vossa exortação e rogo ao Pai a necessaria fortaleza de animo; mas, por que motivo será justamente um dos vossos discípulos o traidor de vossa causa? Já nos ensinastes que, para se eliminarem do mundo os escandalos, outros escandalos se tornam necessarios; contudo, ainda não pude atinar com a razão de um possivel traidor, em nosso proprio collegio de edificação e de amizade.

Jesus, pousou no interlocutor os olhos serenos e acentuou:

— Em verdade, cumpre-me afirmar que não me será possivel dizer-vos tudo agora; entretanto, mais tarde, enviarei o Consolador, que vos esclarecerá em meu nome, como agora vos falo em nome de meu Pai.

E, detendo-se um pouco a refletir, continuou para o discípulo em particular:

— Ouve, João. Os designios de Deus, se são insondaveis, tambem são invariavelmente justos e sabios. O escandalo desabrochará em nosso proprio circulo bem amado, mas servirá de lição a todos aqueles que vierem depois de nossos passos, no divino serviço do Evangelho. Eles compreenderão que para atingirem a porta estreita da renuncia redentora hão de encontrar, muitas vezes, o abandono, a ingratidão e o desentendimento dos seres mais queridos. Isso revelará a necessidade de cada

qual firmar-se no seu caminho para Deus, por mais espinhoso e sombrio que ele seja.

O apóstolo impressionara-se vivamente com as derradeiras palavras do Mestre e passou a meditar sobre seus ensinamentos.

•

As sensações de estranheza perduravam em toda a assembléia. Jesus então levantou-se e, oferecendo a cada companheiro um pedaço de pão, exclamou:

— Tomai e comei! Este é o meu corpo.

Em seguida, servindo a todos de uma pequena bilha de vinho, acrescentou:

— Bebei! porque este é o meu sangue, dentro do Novo Testamento, a confirmar as verdades de Deus.

Os discípulos lhe acolheram a suave recomendação, naturalmente surpreendidos, Simão Pedro, sem dissimular a sua incompreensão do símbolo, interrogou:

— Mestre, que vem a ser isso?

— Amados — disse Jesus, com emoção — está muito próximo o nosso último instante de trabalho em conjunto e quero reiterar-vos as minhas recomendações de amor, feitas desde o primeiro dia do apostolado. Este pão significa o do banquete do Evangelho, este vinho é o sinal do espírito renovador dos meus ensinamentos. Constituirão o símbolo de nossa comunhão perene, no sagrado idealismo do amor, com que operaremos no mundo até o último dia. Todos os que partilharem conosco, através do tempo, desse pão eterno e desse vinho sagrado da alma, terão o espírito fecundado pela luz gloriosa do Reino de Deus que representa o objetivo santo dos nossos destinos.

Ponderando a intensidade do esforço a ser

empregado e aludindo ás multidões espirituais que se conservam sob a sua amorosa direção, fora dos círculos da carne, nas esferas mais próximas da Terra, o Cristo acrescentou:

— Imenso é o trabalho da redenção, mesmo porque tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; mas, o Reino nos espera com a sua eternidade luminosa!...

Altamente tocados pelas suas exortações solenes, porém, maravilhados ainda mais com as promessas daquele reinado venturoso e sem fim, que ainda não podiam compreender claramente, a maioria dos discípulos começou a discutir as aspirações e conquistas do futuro.

Enquanto Jesus se entretinha com João, em observações afetuosas, os filhos de Alfeu examinavam com Tiago as possíveis realizações dos tempos vindouros, antecipando opiniões sobre qual dos companheiros poderia ser o maior de todos, quando chegasse o Reino com as suas inauditas grandiosidades. Felipe afirmava a Simão Pedro que depois do triunfo deveriam entrar em Nazaré para revelar aos doutores e aos ricos da cidade a sua superioridade espiritual. Levi dirigia-se a Tomé e lhe fazia sentir que, verificada a vitória, se lhes constitua uma obrigação a marcha para o Templo ilustre, onde exigiriam seus poderes supremos. Tadeu esclarecia que o seu intento era dominar os mais fortes e impenitentes do mundo, para que aceitassem, de qualquer modo, a lição de Jesus.

O Mestre interrompera a sua palestra íntima com João e os observava. As discussões iam acirradas. As palavras "maior de todos" soavam insistentemente aos seus ouvidos. Parecia que os componentes do sagrado collegio estavam na véspera da divisão de uma conquista material e, como os triunfadores do mundo, cada qual desejava a maior parte da presa. Com exceção de Judas, que se fechava num silêncio sombrio, quasi todos discutiam com veemência. Sentindo-lhes a incompreensão, o

Mestre pareceu contempla-los com entristecida piedade.

*

Nesse instante, os apóstolos observaram que ele se erguia. Com espanto de todos, despiu a túnica singela e cingiu-se com uma toalha em torno dos rins, á moda dos escravos mais infimos, a serviço dos seus senhores. E, como se fossem dispensáveis as palavras naquela hora decisiva de exemplificação, tomou de um vaso de agua perfumada e, ajoelhando-se, começou a lavar os pés dos discípulos. Ante o protesto geral em face daquele ato de suprema humildade, Jesus repetiu o seu imorredoiro ensinamento:

— Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, Senhor e Mestre, vos lavo os pés, deveis igualmente lavar os pés uns aos outros no caminho da vida, porque no Reino do Bem e da Verdade o maior será sempre aquele que se fez sinceramente o menor de todos.

XXVI

A NEGAÇÃO DE PEDRO

O ato do Messias, lavando os pés de seus discípulos, encontrou certa incompreensão da parte de Simão Pedro. O velho pescador não concordava com semelhante ato de extrema submissão. E, chegada a sua vez, obtemperou, resolutos:

— Nunca me lavareis os pés, Mestre; meus companheiros estão sendo ingratos e duros neste instante, deixando-vos praticar esse gesto, como se fosseis um escravo vulgar.

Em seguida a essas palavras, lançou á assembléa um olhar de reprovação e desprezo, enquanto Jesus lhe respondia:

— Simão, não queiras ser melhor que os teus irmãos de apostolado, em nenhuma circunstancia da vida. Em verdade, assevero-te que, sem o meu auxilio, não participarás com o meu espirito das alegrias supremas da redenção.

O antigo pescador de Cafarnaum aquietou-se um pouco, fazendo calar a voz de sua generosidade quasi infantil.

Terminada a lição e retomando o seu lugar á mesa, o Mestre parecia meditar gravemente. Logo após, todavia, dando a entender que sua visão

espiritual devassava os acontecimentos do futuro, sentenciou:

— Aproxima-se a hora do meu derradeiro testemunho! Sei, por antecipação, que todos vós estareis dispersados nesse instante supremo. E' natural, porquanto ainda não estais preparados senão para aprender. Antes, porém, que eu parta, quero deixar-vos um novo mandamento, o de amar-vos uns aos outros como eu vos tenho amado; que sejais conhecidos como meus discipulos, não pela superioridade no mundo, pela demonstração de poderes espirituais, ou pelas vestes que envergueis na vida, mas pela revelação do amor com que vos amo, pela humildade que deverá ornar as vossas almas, pela boa disposição no sacrificio proprio.

Vendo que Jesus repetia, mais uma vez, aquelas recomendações de despedida, Pedro, dando expansão ao seu temperamento irrequieto, adiantou-se, indagando:

— Afinal, Senhor, para onde ides?

O Mestre lhe lançou um olhar sereno, fazendo-lhe sentir o interesse que lhe causava a sua curiosidade e redarguiu:

— Ainda não te encontras preparado para seguir-me. O testemunho é de sacrificio e de extrema abnegação e somente mais tarde entrarás na posse da fortaleza indispensavel.

Simão, no entanto, desejando provar por palavras aos companheiros o valor da sua dedicação, acrescentou, com certa enfase, no proposito de se impor á confiança do Messias:

— Não posso seguir-vos? Acaso, Mestre, poderéis duvidar de minha coragem? Então, não sou um homem? Por vós darei a minha propria vida.

O Cristo sorriu e ponderou:

— Pedro, a tua inquietação se faz credora de novos ensinamentos. A experiencia te ensinará melhores conclusões, porque, em verdade, te afirmo que esta noite o galo não cantará, sem que me tenhas negado por tres vezes.

— Jurgais-me, então, um espirito máu e endurecido a esse ponto? — indagou o pescador, sentindo-se ofendido.

— Não, Pedro — adiantou o Mestre, com doçura — não te supponho ingrato ou indifferente aos meus ensinamentos. Mas, vais aprender, ainda hoje, que o homem do mundo é mais fragil do que perverso.

*

Pedro não quiz acreditar nas afirmações do Messias e tão logo se verificara a sua prisão, no pressuposto de demonstrar o seu desassombro e boa disposição para a defesa do Evangelho do Reino, atacou com a espada um dos servos do sumo sacerdote de Jerusalém, compelindo o Mestre a mais severas observações. Consoante as afirmativas de Jesus, o collegio dos apostolos se dispersara, naquele momento de supremas resoluções. A humildade com que o Cristo se entregava desapontara a alguns deles, que não conseguiam compreender a transcendencia daquele Reino de Deus, sublimado e distante.

Pedro e João, observando que a detenção do Mestre pelos emissarios do Templo era facto consumado, combinaram, entre si, acompanhar, de longe, o grupo que se afastava, conduzindo o Messias. Debalde, procuraram os demais companheiros que, receiosos da perseguição, haviam debandado.

Ambos, no entanto, desejavam prestar a Jesus o auxilio necessario. Quem sabe poderiam encontrar um recurso de salva-lo? Era mistér certificarem-se de todas as occurrencias. Mobilizariam suas humildes relações em Jerusalém, a favor do Mestre querido. Compreendiam a extensão do perigo e as ameaças que lhes pesavam sobre a fronte. De instante a instante, eram surpreendidos por homens

do povo que, em palestras de caminho, acusavam a Jesus de feiticeiro e heretico.

A noite caíra sobre a cidade.

Os dois discípulos observaram que a expedição de servos e soldados chegava á residência de Caifaz, onde o Cristo foi recolhido a uma cela humida, cujas grades davam para um pateo extenso.

O prisioneiro fôra trancafiado, por entre zombarias e improperios. Ao grupo reduzido, juntava-se agora a massa popular, então em pleno alvoroço festivo, nas comemorações da Pascoa. O pateo amplo foi invadido por uma aluvião de pessoas alegres.

Pedro e João compreenderam que as autoridades do Templo imprimiam caracter popular ao movimento de perseguição ao Messias, vingando-se de sua vitoria na entrada triunfal em Jerusalém, como uma nova esperança para o coração dos desalentados e oprimidos.

Depois de ligeiro entendimento, o filho de Zebedeu voltou á Betania, afim de colocar a mãe de Jesus ao corrente dos factos, enquanto Pedro se misturava á aglomeração, de maneira a observar em que poderia ser util ao Messias.

O ambiente estava já preparado pelo farisaísmo para os tristes acontecimentos do dia immediato. Em todas as rodas, falava-se do Cristo como de um traidor ou revolucionario vulgar. Alguns commentadores mais exaltados o denunciavam como ladrão. Ridiculizava-se o seu ensinamento, zombava-se de sua exemplificação e não faltavam os que diziam, em voz alta, que o Profeta Nazareno havia chegado á cidade chefiando um bando de salteadores.

O velho pescador de Cafarnaum sentiu a hostilidade com que teria de lutar, afim de socorrer o Messias e experimentou um frio angustioso no coração. Sua resolução parecia vencida. A alma ansiosa se deixava dominar por duvidas e aflições.

Começou a pensar nos seus familiares, em suas necessidades comuns, nas convenções de Jerusalém que ele não poderia afrontar sem pesados castigos. Com o cerebro fervilhando de expectativas e cogitações de defesa propria, penetrou no pateo estenso, onde se adensava a multidão.

Para logo, uma das servas da casa se aproximou dele e exclamou, surpreendida:

— Não és tu um dos companheiros deste homem? — indagou, designando a cela onde Jesus se achava encarcerado.

O pescador refletiu um momento e, reconhecendo que o instante era decisivo, respondeu, dissimulando a propria emoção:

— Estás enganada. Não sou.

O apóstolo ponderou aquella primeira negativa e poz-se a considerar que semelhante procedimento, aos seus olhos, era o mais razoavel, porquanto tinha de empregar todas as possibilidades ao seu alcance, a favor de Jesus.

Fingindo despreocupação, o irmão de André se dirigiu a uma pequena aglomeração de populares, onde cada qual procurava esquivar-se ao frio intenso da noite, aquecendo-se junto de um brazeiro. Novamente um dos circunstantes, reconhecendo-o, o interpelou nestes termos:

— Então, vieste socorrer o teu Mestre?

— Que Mestre? — perguntou o pescador de Cafarnaum, entre receioso e assustado. — Nunca fui discípulo desse homem.

Fornecida essa explicação, todo o grupo se sentiu á vontade para comentar a situação do prisioneiro. Longas horas passaram-se para Simão Pedro, que tinha o coração a duelar-se com a propria consciencia, naqueles instantes penosos em que fôra chamado ao testemunho. A noite ia adiantada, quando alguns servidores vieram servir bilhas de vinho. Um deles, encarando o discípulo com certo espanto, exclamou de súbito:

— E' este!... E' bem aquele discípulo que

nos atacou á espada, entre as arvores do horto!...

Simão ergueu-se palido e protestou:

— Estás enganado, amigo! Vê que isso não seria possível!...

Logo que pronunciou sua derradeira negativa, os galos da vizinhança cantaram em vozes estridentes, anunciando a madrugada.

Pedro recordou as palavras do Mestre e sentiu-se perturbado por infinita angustia. Levantou-se cambaleante e, voltando-se instintivamente para a cela em que o Mestre se achava prisioneiro, viu o semblante sereno de Jesus a contempla-lo através das grades singelas.

*

Presas de indizível remorso, o apóstolo retirou-se envergonhado de si mesmo. Dando alguns passos, alcançou os muros exteriores, onde se deteve a chorar amargamente. Ele, que fôra sempre homem ríspido e resoluto, que condenara invariavelmente os transviados da verdade e do bem, que nunca conseguira perdoar as mulheres mais infelizes, ali se encontrava, abatido como uma criança, em face de sua própria falta. Começava a entender a razão de certas experiencias dolorosas de seus irmãos em humanidade. Em seu espirito como que desabrochava uma fonte de novas considerações pelos infortunados da vida. Desejava, ansiosamente, ajoelhar-se ante o Messias e suplicar-lhe perdão para a sua queda dolorosa.

Através do véu de lagrimas que lhe obscurecia os olhos, Simão Pedro experimentou uma visão consoladora e generosa. Figurou-se-lhe que o Mestre vinha ve-lo, em espirito, na solidão da noite, trazendo nos labios aquele mesmo sorriso sereno de todos os dias. Ante a emoção confortadora e divina, Pedro ajoelhou-se e murmurou:

— Senhor, perdoai-me!

Mas, nesse instante, nada mais viu, na confusão de seus angustiados pensamentos. Luar alvissimo enfeitava de luz as vielas desoladas. Foi aí que o antigo pescador refletiu mais austera e, lembrando as advertencias amigas de Jesus, quando lhe dizia: — “Pedro, o homem do mundo é mais fragil do que perverso!...”

XXVII

A ORAÇÃO DO HORTO

Depois do ato de humildade extrema, de lavar os pés a todos os discípulos, Jesus retomou o lugar que ocupava á mesa do banquete singelo e, antes de se retirarem, elevou os olhos ao céu e orou assim, fervorosamente, conforme relata o Evangelho de João:

— Pai santo, eis que é chegada a minha hora! Acolhe-me em teu amor, eleva o teu filho, para que ele possa elevar-te, entre os homens, no sacrificio supremo. Glorifiquei-te na Terra, testemunhei tua magnanimidade e sabedoria e consumo agora a obra que me confiaste. Neste instante, pois, meu Pai, ampara-me com a luz que me deste, muito antes que este mundo existisse!...

E, fixando o olhar amoroso sobre a comunidade dos discípulos que silenciosos lhe acompanhavam a rogativa, continuou:

— Manifestei o teu nome aos amigos que me deste; eram teus e tu mos confiaste, para que recebessem a tua palavra de sabedoria e de amor. Todos eles sabem agora que tudo quanto lhes dei provém de ti! Neste instante supremo, Pai, não rogo pelo mundo, que é obra tua e cuja perfeição se verificará algum dia, porque está nos teus desígnios insondáveis; mas, peço-te particularmente

por eles, pelos que me confiaste, tendo em vista o esforço a que os obrigará o Evangelho, que ficará no mundo sobre os seus ombros generosos. Eu já não sou da Terra; mas rogo-te que os meus discípulos amados sejam unidos uns aos outros, como eu sou um contigo! Dei-lhes a tua palavra para o trabalho santo da redenção das creaturas; que, pois, eles compreendam que, nessa tarefa grandiosa, o maior testemunho é o do nosso proprio sacrificio pela tua causa, compreendendo que estão neste mundo, sem pertencerem ás suas illusorias convenções, por pertencerem só a ti, de cujo amor viemos todos para regressar á tua magnanimidade e sabedoria, quando houvermos edificado o bom trabalho e vencido na luta proveitosa. Que os meus discípulos, Pai, não façam da minha presença pessoal o motivo de sua alegria imediata; que me sintam sinceramente em suas aspirações, afim de experimentarem o meu jubilo completo em si mesmos. Junto deles, outros trabalhadores do Evangelho despertarão para a tua verdade. O futuro estará cheio desses operarios dignos do salario celeste. Será, de algum modo, a posteridade do Evangelho do Reino que se perpetuará na Terra, para glorificar a tua revelação! Protege-os a todos, Pai! Que todos recebam a tua benção, abrindo seus corações ás claridades renovadoras! Pai justo, o mundo ainda não te conheceu; eu, porém, te conheci e lhes fiz conhecer o teu nome e a tua bondade infinita, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu neles esteja!...

*

Terminada a oração, acompanhada em religioso silencio por parte dos discípulos, Jesus se retirou em companhia de Simão Pedro e dos dois filhos

de Zebedeu para o Monte das Oliveiras, onde costumava meditar. Os demais companheiros se dispersaram, impressionados, enquanto Judas, afastando-se com passos vacilantes, não conseguia aplacar a tempestade de sentimentos que lhe devastava o coração.

O crepúsculo começava a cair sobre o céu claro. Apesar do sol radioso da tarde a iluminar a paisagem, soprava o vento em rajadas muito frias.

Dai a alguns instantes, o Mestre e os tres companheiros alcançavam o monte, povoado de arvores frondosas, que convidavam ao pensamento contemplativo.

Acomodando os discípulos em bancos naturais que as ervas do caminho se incumbiam de adornar, falou-lhes o Mestre, em tom sereno e resoluto:

— Esta é a minha derradeira hora convosco! Orai e vigiai comigo, para que eu tenha a glorificação de Deus no supremo testemunho!

Assim dizendo, afastou-se á pequena distancia, onde permaneceu em prece, cuja sublimidade os apóstolos não podiam observar. Pedro, João e Tiago estavam profundamente tocados pelo que viam e ouviam. Nunca o Mestre lhes parecera tão solene, tão convicto, como naquele instante de penosas recomendações. Rompendo o silencio que se fizera, João ponderou:

— Oremos e vigiemos, de acordo com a recomendação do Mestre, pois, se ele aqui nos trouxe, apenas nós tres, em sua companhia, isso deve significar para o nosso espirito a grandeza da sua confiança em nosso auxilio.

Puzeram-se a meditar silenciosamente. Entretanto, sem que lograssem explicar o motivo, adormeceram no decurso da oração.

Passados alguns minutos, acordavam, ouvindo o Mestre que lhes observava:

— Despertai! Não vos recomendei que vigiaíeis? Não podereis velar comigo, um minuto?

João e os companheiros esfregaram os olhos, reconhecendo a propria falta. Então, Jesus, cujo olhar parecia iluminado por estranho fulgor, lhes contou que fôra visitado por um anjo de Deus que o confortara para o martirio supremo. Mais uma vez lhes pediu que orassem com o coração e novamente se afastou. Contudo, os discípulos, insensivelmente, cedendo aos imperativos do corpo e olvidando as necessidades do espirito, de novo adormeceram em meio da meditação. Despertaram com o Mestre a lhes repetir:

— Não conseguistes, então, orar comigo?

Os tres discípulos acordaram estremunhados. A paisagem desolada de Jerusalém mergulhava na sombra.

Antes, porém, que pudessem justificar de novo a sua falta, um grupo de soldados e populares aproximou-se, vindo Judas á frente.

O filho de Iscariote avançou e depoz na fronte do Mestre o beijo combinado, ao passo que Jesus, sem denotar nenhuma fraqueza e deixando a lição de sua coragem e de seu afeto aos companheiros, perguntou:

— Amigo, a que vieste?

Sua interrogação, todavia, não recebeu qualquer resposta. Os mensageiros dos sacerdotes prenderam-no e lhe manietaram as mãos, como se o fizessem a um salteador vulgar.

*

Depois das cenas descritas com fidelidade nos Evangelhos, observemos as disposições psicologicas dos discípulos, no momento doloroso. Pedro e João foram os ultimos a se separarem do Mestre bem amado, depois de tentarem fracos esforços pela sua libertação.

No dia seguinte, os movimentos criminosos da turba arrefeceram o entusiasmo e o devotamento dos companheiros mais energicos e decididos na fé. As penas impostas a Jesus eram excessivamente severas para que fossem tentados a segui-lo. Da Côte Provincial ao palacio de Antipas, viu-se o condenado exposto ao insulto e á zombaria. Com exceção do filho de Zebedeu, que se conservou ao lado de Maria, até ao instante derradeiro, todos os que integravam o reduzido collegio do Senhor debandaram. Receiosos da perseguição, alguns se occultaram nos sitios proximos, enquanto outros, trocando as tunicas habituais, seguiam, de longe, o inesquecivel cortejo, vacilando entre a dedicação e o temor.

O Messias, no entanto, coroando a sua obra com o sacrificio maximo, tomou a cruz sem uma queixa, deixando-se imolar, sem qualquer reprovação aos que o haviam abandonado, na hora ultima. Conhecendo que cada creatura tem o seu instante de testemunho, no caminho de redenção da existencia, observou ás piedosas mulheres que o cercavam banhadas em lagrimas: — "Filhas de Jerusaleém, não choreis por mim, chorai por vós mesmas e por vossos filhos!..."

Exemplificando a sua fidelidade a Deus, aceitou serenamente os designios do céu, sem que uma expressão menos branda contradissem a sua tarefa purificadora.

Apesar da demonstração de heroismo e de inextinguivel amor, que ofereceu do cimo do madeiro, os discipulos continuaram subjugados pela dúvida e pelo temor, até que a ressurreição lhes trouxesse incomparaveis hinos de alegria.

João, todavia, em suas meditações acerca do Messias entrou a refletir maduramente sobre a oração do Horto das Oliveiras, perguntando a si proprio a razão daquelle sono inesperado, quando desejava atender ao desejo de Jesus, orando em seu espirito até o fim das provas rispidas. Porque

dormira ele, que tanto o amava, no momento em que o seu coração amoroso mais necessitava de assistencia e de afeto? Porque não acompanhara a Jesus naquela prece derradeira, onde sua alma parecia apunhalada por intraduzivel angustia, nas mais dolorosas expectativas? A visão do Cristo ressuscitado veio encontra-lo absorto nesses amargurados pensamentos. Em oração silenciosa, João se dirigia muitas vezes ao Mestre adorado, quasi em lagrimas, implorando-lhe perdoasse o seu descuido da hora extrema.

*

Algun tempo passou, sem que o filho de Zebedeu conseguisse esquecer a falta de vigilancia da vespera do martirio.

Certa noite, após as reflexões costumeiras, sentiu ele que um sono brando lhe anesthesiava os centros vitais. Como numa atmosfera de sonho, verificou que o Mestre se aproximava. Toda a sua figura se destacava da sombra, com divino resplendor. Precedendo suas palavras o sereno sorriso dos tempos idos, disse-lhe Jesus:

— João, a minha soledade no horto é tambem um ensinamento do Evangelho e uma exemplificação! Ela significará, para quantos vierem nos nossos passos, que cada espirito na Terra tem de ascender sózinho ao calvario de sua redenção, muitas vezes com a despreocupação dos entes mais amados do mundo. Em face dessa lição, o discipulo do futuro compreenderá que a sua marcha tem que ser solitaria, estando seus familiares e companheiros de confiança a dormir o sono da indiferença! Do-ravante, pois, aprendendo a necessidade do valor individual no testemunho, nunca deixes de orar e vigiar!...

XXVIII

O BOM LADRAO

Alguns dias antes da prisão do Mestre, os discípulos, nas suas discussões naturais, comentavam o problema da fé, com o desejo desordenado de quantos se atiram aos assuntos graves da vida, tentando apressadamente forçar uma solução.

— Como será essa virtude? de que modo conserva-la-emos intacta no coração? — inquiria Levi, com atormentado pensamento. — Tenho a convicção de que somente o homem culto pode conhecer toda a extensão de seus benefícios.

— Não tanto assim — aventava Tiago, seu irmão — acredito que basta a nossa vontade, para que a confiança em Deus esteja viva em nós.

— Mas, a fé será virtude para os que apenas desejam? — perguntava um dos filhos de Zebedeu.

A um canto, como distante daqueles duelos da palavra, Jesus parecia meditar. Em dado instante, solicitado ao esclarecimento, respondeu com suavidade:

— A fé pertence, sobretudo, aos que trabalham e confiam. Te-la no coração é estar sempre pronto para Deus. Não importam a saúde ou a enfermidade do corpo, não têm significação os infortúnios ou os sucessos felizes da vida material. A alma fiel trabalha confiante nos desígnios do

Pai, que pode dar os bens, retira-los e restitui-los, em tempo oportuno, e caminha sempre com serenidade e amor, por todas as sendas pelas quais a mão generosa do Senhor a queira conduzir.

— Mas, Mestre — redarguiu Levi, em respeitosa atitude — como discernir a vontade de Deus, naquilo que nos acontece? Tenho observado grande numero de creaturas criminosas que atribuem á Providencia os seus feitos delituosos e uma legião de pessoas inertes que classificam a preguiça como fatalidade divina.

— A vontade de Deus, além da que conhecemos através de sua lei e de seus profetas, através do conselho sabio e das inclinações naturais para o bem, é também a que se manifesta, a cada instante da vida, misturando a alegria com as amarguras, concedendo a doçura ou retirando-a, para que a creatura possa colher a experiencia luminosa no caminho mais espinhoso. Ter fé, portanto, é ser fiel a essa vontade, em todas as circunstancias, executando o bem que ela nos determina e seguindo-lhe o roteiro sagrado, nas menores sinuosidades da estrada que nos compete percorrer.

— Entretanto — observou Tomé — creio que essa qualidade excepcional deve ser atributo do espirito mais cultivado, porque o homem ignorante não poderá cogitar da aquisição de semelhante patrimonio.

O Mestre fitou o apostolo com amor e esclareceu:

— Todo homem de fé será, agora ou mais tarde, o irmão dileto da sabedoria e do sentimento; porém, essa qualidade será sempre a do filho leal ao Pai que está nos céus.

O discípulo sorriu e obtemperou:

— Todavia, quem possuirá no mundo lealdade perfeita como essa?

— Ninguém pode julgar em absoluto — disse o Cristo com bondade — a não ser o criterio definitivo de Deus; mas, se essa conquista da alma

não é comum ás creaturas de conhecimento parco ou de posição vulgar, é bem possível que a encontremos no peito exausto dos mais infelizes ou desclassificados do mundo.

O apóstolo sorriu desapontado, no seu ceticismo de homem prático. Dentro em pouco, a pequena comunidade se dispersava, á aproximação do manto escuro da noite.

*

Na hora sombria da cruz, disfarçado com vestes diferentes, Tomé acompanhou, passo a passo, o corajoso Messias.

Estranhas reflexões surgiam-lhe no espirito. Sua razão de homem do mundo não lhe proporcionava elementos para a compreensão da verdade toda. Onde estava aquele Deus amoroso e bom, sobre quem repousavam as suas esperanças? Seu amor possuiria apenas uma cruz para oferecer ao filho dileto? Por que motivo não se rasgavam os horizontes, para que as legiões dos anjos salvassem do crime da multidão inconsciente e furiosa o Mestre amado? Que providencia era aquela que se não manifestava no momento oportuno? Durante tres anos consecutivos haviam acreditado que Deus guardava todo o poder sobre o mundo; não conseguia, pois, explicar como tolerava aquele espectáculo sangrento de ser o seu enviado, amavel e carinhoso, conduzido para o madeiro infamante, sob improperios e pedradas. O premio do Cristo era então aquele monte da desolação, reservado aos criminosos?

Ansioso, o discipulo contemplou aquelas mãos, que haviam semeado o bem e o amor, agora agarradas á cruz, como duas flores ensanguentadas. A fronte aureolada de espinhos era uma nota

ironica, na sua figura sublime e respeitavel. Seu peito tremia, ofegante, seus ombros deveriam estar pisados e doloridos. Valera a pena haver distribuido, entre os homens, tantas graças do céu? O malfeitor que assaltava o proximo era, agora, a seu ver, o dono de mais duradouras compensações.

Tomé se sentia como que afogado. Desejou encontrar algum dos companheiros para trocar impressões; entretanto, não viu um só deles. Procurou observar se os beneficiados pelo Messias lhe assistiam ao martirio humilhante, na hora final, lembrado de que ainda na vespera se mostravam tão reconhecidos e felizes com sua presença santa. A ninguem encontrou. Aqueles leprosos que haviam recuperado o dom precioso da saude, os cegos que conseguiram rever o quadro caricioso da vida, os aleijados que haviam cantado hosanas á cura de seus corpos defeituosos, estavam agora ausentes, fugiam ao testemunho. Valera a pena praticar o bem? O apóstolo, mergulhado em dolorosos e sombrios pensamentos, se deixava absorver em estranhas interrogações.

Reparou que em torno da cruz estrugiam gargalhadas e ironias. O Mestre, contudo, guardava no semblante uma serenidade inextinguivel. De vez em quando, seu olhar se alongava por sobre a multidão, como querendo descobrir um rosto amigo.

Sob as vociferações da turba amotinada, a Tomé parecia-lhe escutar ainda o ruido inolvidavel dos cravos do suplicio. Enquanto as lanças e os vituperios se cruzavam nos ares, fixou os dois malfeitores que a justiça do mundo havia condenado á pena ultima. Aproximou-se da cruz e notou que o Messias punha nele os olhos amorosos, como nos tempos mais tranquilos. Viu que um suor empastado de sangue lhe corria do rosto veneravel, misturando-se com o vermelho das chagas vivas e dolorosas. Com aquele olhar inesquecivel, Jesus lhe mostrou as ulceras abertas, como o sinal do sacrificio. O discipulo experimentou penosa emo-

ção a lhe dominar a alma sensível. Olhos nevoados de pranto, recordou os dias radiosos do Tiberiades.

As cenas mais singelas do apostolo ressurgiam ante a sua imaginação. Subitamente, lembrou-se da tarde em que haviam comentado o problema da fé, parecendo-lhe ouvir ainda as elucidações do Mestre, com respeito á perfeita lealdade a Deus. Reflexões instantaneas lhe empolgaram o coração. Quem teria sido mais fiel ao Pai do que Jesus? Entretanto, a sua recompensa era a cruz do martírio! Absorto em singulares pensamentos, o apostolo observou que o Messias lançava agora os olhos enternecidos sobre um dos ladrões que o fixava afetuosamente.

Nesse instante, percebeu que a voz debil do celerado se elevava para o Mestre, em tom de profunda sinceridade:

— Senhor! — disse ele, ofegante — lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino!...

O discípulo reparou que Jesus lhe endereçava, então, o olhar caricioso, ao mesmo tempo que aos seus ouvidos chegavam os écos de sua palavra suave e esclarecedora:

— Vês, Tomé? Quando todos os homens da lei não me compreenderam e quando os meus próprios discípulos me abandonaram, eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!...

*

Inquieto, o discípulo meditou a lição recebida e, horas a fio, contemplou o espetáculo penoso, até ao momento em que o Mestre foi retirado da cruz da derradeira agonia. Começava, então, a compreender a essência profunda de seus ensinamentos imortais.

Como se o seu espirito fôra transportado ao

cume de alto monte, pareceu-lhe observar daí a pesada marcha humana. Viu conspicuos homens da lei, sobraçando os livros divinos; doutores enfatuados de orgulho passavam erectos, exibindo os mais complicados raciocínios. Homens de convicções sólidas integravam o quadro, entremostrando a fisionomia satisfeita. Mulheres vaidosas ou fanáticas lá iam, igualmente, revelando seus títulos diletos. Em seguida, vinham os diretamente beneficiados pelo Mestre Divino. Era a legião dos que se haviam levantado da miséria física e das ruínas morais. Eram os leprosos de Jerusalém, os cegos de Cafarnaum, os doentes de Sidon, os seguidores aparentemente mais sinceros, ao lado dos proprios discípulos que desfilavam envergonhados e se dispersavam, indecisos, na hora extrema.

Possuido de viva emoção, Tomé se poz a chorar intimamente. Foi então que presumiu escutar uns passos delicados e quasi imperceptiveis. Sem poder explicar o que se dava, julgou divisar, a seu lado, a inolvidável figura do Mestre, que lhe colocou as mãos leves e amigas sobre a fronte atormentada, repetindo-lhe ao coração as palavras que lhe havia endereçado da cruz:

— Vês, Tomé? Quando todos os homens da lei não me compreenderam e os proprios discípulos me abandonaram, eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!...

XXIX

OS QUINHENTOS DA GALILÉIA

Depois do Calvario, verificadas as primeiras manifestações de Jesus no cenáculo singelo de Jerusalém, apossara-se de todos os amigos sinceros do Messias uma saudade imensa de sua palavra e de seu convívio. A maioria deles se apegava aos discípulos, como querendo reter as últimas expressões de sua mensagem carinhosa e imortal.

O ambiente era um repositório vasto de adoráveis recordações. Os que eram agraciados com as visões do Mestre se sentiam transbordantes das mais puras alegrias. Os companheiros inseparáveis e íntimos se entretinham em longos comentários sobre as suas reminiscências inapagáveis.

Foi quando Simão Pedro e alguns outros salientaram a necessidade do regresso a Cafarnaum, para os labores indispensáveis da vida.

Em breves dias, as velhas rêdes mergulhavam de novo no Tiberiades, por entre as cantigas rústicas dos pescadores.

Cada onda mais larga, cada detalhe do serviço sugeriam recordações sempre vivas no tempo. As refeições ao ar livre lembravam o contentamento de Jesus ao partir o pão; o trabalho, quando mais

intenso, como que avivava a sua recomendação de bom animo; a noite silenciosa reclamava a sua benção amiga.

Embebidos na poesia da natureza, os apóstolos organizavam os mais elevados projetos, com relação ao futuro do Evangelho. A residência modesta de Cefas, obedecendo às tradições dos primitivos ensinamentos, continuava a ser o parlamento amistoso, onde cada um expunha os seus princípios e as suas confidências mais reconditas. Mas, ao pé do monte, onde o Cristo se fizera ouvir algumas vezes, exaltando as belezas do Reino de Deus e da sua justiça, reuniam-se invariavelmente todos os antigos seguidores mais fieis, que se haviam habituado ao doce alimento de sua palavra inesquecível. Os discípulos não eram estranhos a essas lembranças carinhosas e, ao cair da tarde, acompanhavam a pequena corrente popular pela via das recordações afetuosas.

Falava-se vagamente de que o Mestre voltaria ao monte a despedir-se. Alguns dos apóstolos aludiam às visões em que o Senhor prometia fazer de novo ouvida a sua palavra num dos lugares prediletos das suas pregações de outros tempos.

Numa tarde de azul profundo, a reduzida comunidade de amigos do Messias, ao lado da pequena multidão, reuniu-se em preces, no sítio solitário. João havia comentado as promessas do Evangelho, enquanto na encosta se amontoava a assembléia dos fieis seguidores do Mestre. Viam-se ali algumas centenas de rostos embevecidos e ansiosos. Eram romanos de mistura com judeus desconhecidos, mulheres humildes conduzindo os filhos pobres e descalços, velhos respeitáveis, cujos cabelos alvejavam da neve dos repetidos invernos da vida.

*

Nesse dia, como que a antiga atmosfera se

fazia sentir mais fortemente. Por instinto, todos tinham a impressão de que o Mestre voltaria a ensinar as bemaventuranças celestiais. Os ventos rescendiam suave perfume, trazendo as harmonias do lago proximo. Do céu muito azul, como em festa para receber a claridade das primeiras estrelas, parecia descer uma tranquilidade imensa que envolvia todas as coisas. Foi nesse instantes de indizível grandiosidade, que a figura do Cristo assomou no cume iluminado pelos derradeiros raios do sol.

Era Ele.

Seu sorriso desabrochava tão meigo, como ao tempo glorioso de suas primeiras pregações, mas, de todo o seu vulto se irradiava luz tão intensa que os mais fortes dobraram os joelhos. Alguns soluçavam de júbilo, presas das emoções mais belas de sua vida. As mãos do Mestre tomaram a atitude de quem abençoava, enquanto um divino silencio parecia penetrar a alma das coisas. A palavra articulada não tomou parte naquele banquete de luz imaterial; todos, porém, lhe perceberam a amorosa despedida e, no mais intimo da alma, lhe ouviram a exortação magnanima e profunda:

— “Amados — a cada um se afigou escutar na camara secreta do coração — eis que retomo a vida em meu Pai para regressar á luz do meu Reino!... Enviei meus discipulos como ovelhas ao meio de lobos e vos recomendo que lhes sigais os passos no escabroso caminho. Depois deles, é a vós que confio a tarefa sublime da redenção pelas verdades do Evangelho. Eles serão os semeadores, vós sereis o fermento divino. Instituo-vos os primeiros trabalhadores, os herdeiros iniciais dos bens divinos. Para entrardes na posse desse tesouro celestial, muita vez experimentareis o martirio da cruz e o fel da ingratidão.. Em conflito permanente com o mundo, estareis na Terra, fóra de suas leis implacaveis e egoisticas, até que as bases do meu Reino de concordia é justiça se estabeleçam no

espirito das creaturas. Negai-vos a vós mesmos, como neguei a minha propria vontade na execução dos designios de Deus, e tomai a vossa cruz para seguir-me.

“Seculos de luta nos esperam na estrada universal. E' preciso imunizar o coração contra todos os enganos da vida transitoria, para a soberana grandeza da vida imortal. Vossas sendas estarão repletas de fantasmas de aniquilamento e de visões de morte. O mundo inteiro se levantará contra vós, em obediencia espontanea ás forças tenebrosas do mal, que ainda lhe dominam as fronteiras. Sereis escarnecidos e aparentemente desamparados, a dor vos assolará as esperanças mais caras, andareis esquecidos na Terra, em supremo abandono do coração. Não participareis do venenoso banquete das posses materiais, sofrereis a perseguição e o terror, tereis o coração coberto de cicatrizes e de ultrajes. A chaga é o vosso sinal, a corôa de espinhos o vosso simbolo, a cruz o recurso ditoso da redenção. Vossa voz será a do deserto, provocando, muitas vezes, o escarneo e a negação da parte dos que dominam na carne perecível.

“Mas, no desenrolar das batalhas, sem sangue, do coração, quando todos os horizontes estiverem abafados pelas sombras da crueldade, dar-vos-ei da minha paz, que representa a agua viva. Na existencia ou na morte do corpo, estareis unidos ao meu Reino. O mundo vos cobrirá de golpes terríveis e destruidores, mas, de cada uma das vossas feridas, retirarei o trigo luminoso para os celeiros infinitos da graça, destinados ao sustento das mais infimas creaturas!... Até que o meu Reino se estabeleça na Terra, não conhecereis o amor no mundo; eu, no entanto, encherei a vossa solidão com a minha assistencia incessante. Gozarei em vós, como gozareis em mim, o jubilo celeste da execução fiel dos designios de Deus. Quando tombardes, sob as arremetidas dos homens

ainda pobres e infelizes, eu vos levantarei no silêncio do caminho, com as minhas mãos dedicadas ao vosso bem. Sereis a união onde houver separatividade, sacrifício onde exista o falso gozo, claridade onde campeiem as trevas, porto amigo, edificado na rocha da fé viva, onde parem as sombras da desorientação. Sereis meu refugio nas igrejas mais estranhas da Terra, minha esperança entre as loucuras humanas, minha verdade onde se perturbe a ciência incompleta do mundo!...

"Amados, eis que também vos envio como ovelhas aos caminhos obscuros e ásperos. Entretanto, nada temais! Sêde fieis ao meu coração, como vos sou fiel e o bom animo representará a vossa estrela! Ide ao mundo, onde teremos de vencer o mal! Aperfeiçoemos a nossa escola milenaria, para que aí seja interpretada e posta em prática a lei de amor do nosso Pai, em obediência feliz à sua vontade augusta!"

Sagrada emoção senhoreara-se das almas em extase de ventura. Foi então que observaram o Mestre, rodeado de luz, como a elevar-se ao céu, em demanda de sua gloriosa esfera do Infinito.

*

Os primeiros astros da noite brilhavam no alto, como flores riosas do paraíso. No monte galileu, cinco centenas de corações palpitavam arrebatados de intraduzível júbilo. Velhos tremulos e encarquilhados desceram a encosta, unidos uns aos outros, como solidários para sempre, no mesmo trabalho de grandeza imperecível. Anciãs de passo vacilante, coroadas pela neve das experiências da vida, abraçavam-se às filhas e netas, jovens e ditosas, tomadas de indefinível embriaguez d'alma. Romanos e judeus, ricos e pobres, confr-

ternizavam felizes, adivinhando a necessidade de cooperação na tarefa santa. Os antigos discípulos, cercando a figura de Simão Pedro, choravam de contentamento e esperança.

Naquela noite de imperecível recordação, foi confiada aos quinhentos da Galiléia o serviço glorioso da evangelização das coletividades terrestres, sob a inspiração de Jesus Cristo. Mal sabiam eles, na sua mísera condição humana, que a palavra do Mestre alcançaria os séculos do porvir. E foi assim que, representando o fermento renovador do mundo, eles reincarnaram em todos os tempos, nos mais diversos climas religiosos e políticos do planeta, ensinando a verdade e abrindo novos caminhos de luz, através dos bastidores eternos do tempo.

Foram eles os primeiros a transmitir a sagrada vibração de coragem e confiança aos que tombaram nos campos do martírio, semeando a fé no coração pervertido das criaturas. Nos circos da vaidade humana, nas fogueiras e nos suplicios, ensinaram a lição de Jesus, com resignado heroísmo. Nas artes e nas ciências, plantaram concepções novas de desprendimento do mundo e de belezas do céu e, no seio das mais variadas religiões da Terra, continuavam revelando o desejo do Cristo, que é de união e de amor, de fraternidade e concordia.

Na qualidade de discípulos sinceros e bem amados, desceram aos abismos mais tenebrosos, ridimindo o mal com os seus sacrifícios purificadores, convertendo os espíritos mais empedernidos à corrente da redenção, com as luzes do Evangelho. Abandonados e desprotegidos na Terra, eles passam, edificando no silêncio as magnificências do Reino de Deus, nos palcos dos corações e, multiplicando as notas de seu cântico de glória por entre os que se constituem instrumentos sinceros do bem com Jesus Cristo, formam a caravana sublime que nunca se dissolverá.

XXX

MARIA

Junto da cruz, o vulto agoniado de Maria produzia dolorosa e indelevel impressão. Com o pensamento ansioso e torturado, olhos fixos no madeiro das perfidias humanas, a ternura materna regredia ao passado em amarguradas recordações. Ali estava o filho bem amado, na hora extrema.

Maria deixava-se ir na corrente infinda das lembranças. Eram as circunstancias maravilhosas em que o nascimento de Jesus lhe fôra anunciado, a amizade de Isabel, as profecias do velho Simeão, reconhecendo que a assistencia de Deus se tornara incontestavel, nos menores detalhes de sua vida. Naquele instante supremo, revia a mangedoura, na sua beleza agreste, sentindo que a natureza parecia desejar redizer aos seus ouvidos o cantico de gloria daquela noite inolvidavel. Através do véu espesso das lagrimas, repassou, uma por uma, as cenas da infancia do filho estremecido, observando o alarma interior das mais doces reminiscencias.

Nas menores coisas, reconhecia a intervenção da Providencia celestial; entretanto, naquela hora, seu pensamento vagava tambem pelo vasto mar das mais aflitivas interrogações.

Que fizera Jesus por merecer tão amargas penas? Não o vira crescer de sentimentos immaculados, sob o calor de seu coração? Desde os mais tenros anos, quando o conduzia á fonte tradicional de Nazaré, observava o carinho fraterno que dispensava a todas as creaturas. Frequentemente, ia busca-lo nas ruas empedradas, onde a sua palavra carinhosa consolava os transeuntes desamparados e tristes. Viandantes miserrimos vinham á sua casa modesta louvar o filhinho idolatrado, que sabia distribuir as benções do Céu. Com que enlevo recebia os hospedes inesperados que suas mãos minúsculas conduziam á carpintaria de José!... Lembrava-se bem que, um dia, a divina criança guiara á casa dois malfeteiros, publicamente reconhecidos como ladrões do vale de Mizhep. E era de ver-se a amorosa solicitude com que seu vulto pequenino cuidava dos desconhecidos, como se fossem seus irmãos. Muitas vezes, comentara a excelencia daquela virtude santificada, receiando pelo futuro de seu adoravel filhinho.

Depois da cariciosa paisagem domestica, era a missão celestial, dilatando-se em colheitas de frutos maravilhosos. Eram paraliticos que retomavam os movimentos da vida, cegos que se reintegravam nos sagrados dons da vista, creaturas famintas de luz e de amor que se saciavam na sua lição de infinita bondade.

Que profundos designios haviam conduzido seu filho adorado á cruz do suplicio?

Uma voz amiga lhe falava ao espirito, dizendo das determinações insondaveis e justas de Deus, que precisam ser aceitas para a redenção divina das creaturas. Seu coração rebentava em tempestades de lagrimas irreprimiveis; contudo, no santuario da consciencia, repetia a sua afirmação de sincera humildade: — "Faça-se na escrava a vontade do Senhor!"

De alma angustiado, notou que Jesus atingira o ultimo limite dos padecimentos inenarraveis. Al-

guns dos populares mais exaltados multiplicavam as pancadas, enquanto as lanças riscavam o ar, em ameaças audaciosas e sinistras. Ironias mordazes eram proferidas a esmo, dilacerando-lhe a alma sensível e afetuosa.

Em meio de algumas mulheres compadecidas, que lhe acompanhavam o angustioso transe, Maria reparou que alguém lhe pousara as mãos, de leve, sobre os ombros.

Deparou-se-lhe a figura de João que, vencendo a pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros, lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se áquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo discípulo querido e ambos, ao pé do madeiro, em gesto suplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cumulo dos tormentos. Foi aí que a fronte do divino supliciado se moveu vagarosamente, revelando perceber a ansiedade daquelas duas almas em extremo desalento.

— “Meu filho! Meu amado filho!...” — exclamou ela, em aflição, frente á serenidade daquele olhar de melancolia intraduzível.

O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quizesse demonstrar, no instante derradeiro, a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes:

— “Mãe, eis aí teu filho!...” — e, dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: — “Filho, eis aí tua mãe!”

Maria envolveu-se no véu de seu pranto doloroso, mas o grande evangelista compreendeu que o Mestre, na sua derradeira lição, ensinava que o amor universal era o sublime coroamento de sua obra. Entendeu que, no futuro, a claridade do Reino de Deus revelaria aos homens a necessidade da cessação de todo egoísmo e que, no santuario de

cada coração, deveria existir a mais abundante quota de amor, não só para o circulo familiar, senão para todos os necessitados do mundo, e que no templo de cada habitação permaneceria a fraternidade real, para que a assistencia reciproca se praticasse na Terra, sem serem precisos os edificios exteriores, consagrados a uma solidariedade claudicante.

Por muito tempo, conservaram-se ainda ali, em preces silenciosas, até que o Mestre, exanime, fosse arrancado á cruz, antes que a tempestade mergulhasse a paisagem castigada de Jerusalém num dilúvio de sombras.

*

Após a separação dos discípulos, que se dispersaram por lugares diferentes, para a difusão da Boa Nova, Maria retirou-se para a Batanéia, onde alguns parentes mais proximos a esperavam com especial carinho.

Os anos começaram a rolar, silenciosos e tristes, para a angustiada saudade de seu coração.

Tocada por grandes dissabores, observou que, em tempo rapido, as lembranças do filho amado se convertiam em elementos de asperas discussões, entre os seus seguidores. Na Batanéia, pretendia-se manter uma certa aristocracia espiritual, por efeito dos laços consanguíneos que ali a prendiam, em virtude dos élos que a ligavam a José. Em Jerusalém, degladiavam-se os cristãos e os judeus, com veemencia e acrimonia. Na Galiléia, os antigos cenaculos simples e amovíveis da natureza estavam tristes e desertos.

Para aquela mãe amorosa, cuja alma digna observava que o vinho generoso de Caná se transformara no vinagre venenoso do martirio, o tempo

assinalava sempre uma saudade maior no mundo e uma esperança cada vez mais elevada no céu.

Sua vida era uma devoção incessante ao rosário imenso da saudade, às lembranças mais queridas. Tudo o que o passado feliz edificara em seu mundo interior revivia na tela de suas lembranças, com minúcias somente conhecidas do amor, e lhe alimentavam a seiva da vida.

Relembrava o seu Jesus pequenino, como naquela noite de beleza prodigiosa, em que o recebera nos braços maternos, iluminado pelo mais doce misterio. Figurava-se-lhe escutar ainda o balido das ovelhas que vinham apressadas acercar-se do berço que se formara de improviso. E aquele primeiro beijo, feito de carinho e de luz? As reminiscências envolviam a realidade longínqua de singulares belezas para o seu coração sensível e generoso. Em seguida, era o rio das recordações desaguando, sem cessar, na sua alma rica de sentimentalidade e ternura. Nazaré lhe voltava à imaginação, com as suas paisagens de felicidade e de luz. A casa singela, a fonte amiga, a sinceridade das afeições, o lago majestoso e, no meio de todos os detalhes, o filho adorado, trabalhando e amando, no erguimento da mais elevada concepção de Deus, entre os homens da Terra. De vez em quando, parecia vê-lo em seus sonhos repletos de esperança. Jesus lhe prometia o júbilo encantador de sua presença e participava da carícia de suas recordações.

A esse tempo, o filho de Zebedeu, tendo presentes as observações que o Mestre lhe fizera da cruz, surgiu na Batanéia, oferecendo àquele espírito saudoso de mãe o refúgio amoroso de sua proteção. Maria aceitou o oferecimento, com satisfação imensa.

E João lhe contou a sua nova vida. Instalara-se definitivamente em Efeso, onde as idéias cristãs ganhavam terreno entre almas devotadas e sinceras. Nunca olvidara as recomendações do Senhor e, no íntimo, guardava aquele título de filiação

como das mais altas expressões de amor universal para com aquela que recebera o Mestre nos braços veneráveis e carinhosos.

Maria escutava-lhe as confidências, num misto de reconhecimento e de ventura.

João continuava a expor-lhe os seus planos mais insignificantes. Leva-la-ia consigo, andariam ambos na mesma associação de interesses espirituais. Seria seu filho desvelado, enquanto que receberia de sua alma generosa a ternura maternal, nos trabalhos do Evangelho. Demorara-se a vir, explicava o filho de Zebedeu, porque lhe faltava uma choupana, onde se pudessem abrigar; entretanto, um dos membros da família real de Adiabene, convertido ao amor do Cristo, lhe doara uma casinha pobre, ao sul de Efeso, distando três leguas aproximadamente da cidade. A habitação simples e pobre demorava num promontório, de onde se avistava o mar. No alto da pequena colina, distante dos homens e no altar imponente da natureza, se reuniriam ambos para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Estabeleceriam um pouso e refúgio aos desamparados, ensinariam as verdades do Evangelho a todos os espíritos de boa vontade e, como mãe e filho, iniciariam uma nova era de amor, na comunidade universal.

Maria aceitou alegremente.

Dentro de breve tempo, instalavam-se no seio amigo da natureza, em frente do oceano. Efeso ficava pouco distante; porém, todas as adjacências se povoavam de novos núcleos de habitações alegres e modestas. A casa de João, ao cabo de algumas semanas, se transformou num ponto de assembléias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por espíritos humildes e sinceros.

Maria externava as suas lembranças. Falava dele com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas, apreciando os ensinamentos recebidos. Vezes inúmeras, a reunião somente terminava noite alta, quando as

estrelas tinham maior brilho. E não foi só. Decorridos alguns mezes, grandes fileiras de necessitados acorriam ao sítio singelo e generoso. A notícia de que Maria descansava agora entre eles espalhara um clarão de esperança por todos os soffredores. Ao passo que João pregava na cidade as verdades de Deus, ela atendia, no pobre santuario domestico, aos que a procuravam, exhibindo-lhe suas ulceras e necessidades.

Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de "Casa da Santissima".

O facto tivera origem em certa ocasião, quando um miseravel leproso, depois de aliviado em suas chagas, lhe osculou as mãos, reconhecidamente, murmurando:

— "Senhora, sois a mãe de nosso Mestre e nossa Mãe Santissima!"

A tradição creou raizes em todos os espiritos. Quem não lhe devia o favor de uma palavra maternal nos momentos mais duros? E João consolidava o conceito, acentuando que o mundo lhe seria eternamente grato, pois fôra pela sua grandeza espiritual que o Emissario de Deus pudera penetrar a atmosfera escura e pestilenta do mundo para balsamizar os sofrimentos da creatura. Na sua humildade sincera, Maria se esquivava ás homenagens afetuosas dos discipulos de Jesus, mas aquella confiança filial com que lhe reclamavam a presença era para sua alma um brando e delicioso tesouro do coração. O titulo de maternidade fazia vibrar em seu espirito os canticos mais doces. Diariamente, acorriam os desamparados, suplicando a sua assistencia espiritual. Eram velhos trôpegos e desenganados do mundo, que lhe vinham ouvir as palavras confortadoras e afetuosas, enfermos que invocavam a sua proteção, mães infelizes que pediam a benção de seu carinho.

— "Minha mãe — dizia um dos mais aflitos — como poderei vencer as minhas dificuldades? Sinto-me abandonado na estrada escura da vida..."

Maria lhe enviava o olhar amoroso da sua bondade, deixando nele transparecer toda a dedicação enterneçada de seu espirito maternal.

— "Isso também passa! — dizia ela, carinhosamente — só o Reino de Deus é bastante forte para nunca passar de nossas almas, como eterna realização do amor divino".

Seus conceitos abrandavam a dor dos mais desesperados, desanuviavam o pensamento obscuro dos mais acabrunhados.

A igreja de Efeso exigia de João a mais alta expressão de sacrificio pessoal, pelo que, com o decorrer do tempo, quasi sempre Maria estava só, quando a legião humilde dos necessitados descia o promontorio desataviado, rumo aos lares mais confortados e felizes. Os dias e as semanas, os mezes e os anos passaram incessantes, trazendo-lhe as lembranças mais ternas. Quando sereno e azulado, o mar lhe fazia voltar á memoria o Tiberiades distante. Surpreendia no ar aqueles perfumes vagos que enchiam a alma da tarde, quando seu filho, de quem nem um instante se esquecia, reunindo os discipulos amados, transmitia ao coração do povo as louçanias da Boa Nova. A velhice não lhe acarretara nem cansaços, nem amarguras. A certeza da proteção divina lhe proporcionava ininterrupto consolo. Como quem transpõe o dia em labores honestos e proveitosos, seu coração experimentava grato repouso, iluminado pelo luar da esperança e pelas estrelas fulgurantes da crença imorredoura. Suas meditações eram suaves colloquios com as reminiscencias do filho muito amado.

Subito recebeu noticias de que um periodo de dolorosas perseguições se havia aberto para todos os que fossem fieis á doutrina do seu Jesus divino. Alguns cristãos banidos de Roma traziam a Efeso as tristes informações. Em obediencia aos éditos mais injustos, escravisavam-se os seguidores do Cristo, destruiam-se-lhes os lares, metiam-nos a ferros nas prisões. Falava-se de festas publicas,

em que seus corpos eram dados como alimento a feras insaciáveis, em horrendos espetáculos.

Então, num crepusculo estrelado, Maria entregou-se às orações, como de costume, pedindo a Deus por todos aqueles que se encontrassem em angustias do coração, por amor de seu filho.

Embora a solenidade do ambiente, não se sentia só; uma como força singular lhe banhava a alma toda. Aragens suaves sopravam do oceano, espalhando os aromas da noite que se povoava de astros amigos e afetuosos e, em poucos minutos, a lua plena participava, igualmente, desse concerto de harmonia e de luz.

Enlevada nas suas meditações, Maria viu aproximar-se o vulto de um pedinte.

— “Minha mãe — exclamou o recém-chegado, como tantos outros que recorriam ao seu carinho — venho fazer-te companhia e receber a tua benção”.

Maternalmente, ela o convidou a entrar, impressionada por aquela voz que lhe inspirava profunda simpatia. O peregrino lhe falou do céu, confortando-a delicadamente. Comentou as bem-aventuranças divinas que aguardam a todos os devotados e sinceros filhos de Deus, dando a entender que lhe compreendia as mais ternas saudades do coração. Maria sentiu-se empolgada por tocante surpresa. Que mendigo seria aquele que lhe acalmava as dores secretas da alma saudosa, com balsamos tão dulcurosos? Nenhum lhe surgira até então para dar; era sempre para pedir alguma coisa. No entanto, aquele viandante desconhecido lhe derramava no íntimo as mais santas consolações. Onde ouvira aquela voz meiga e carinhosa, noutros tempos?! Que emoções eram aquelas que lhe faziam pulsar o coração de tanta carícia? Seus olhos se humedeceram de ventura, sem que conseguisse explicar a razão de sua terna emotividade.

Foi quando o hospede anônimo lhe estendeu

as mãos generosas e lhe falou com profundo acento de amor:

— “Minha mãe, vem aos meus braços!”

Nesse instante, fitou as mãos nobres que se lhe ofereciam, num gesto da mais bela ternura. Tomada de comoção profunda, viu nelas duas chagas, como as que seu filho revelava na cruz e, instintivamente, dirigindo o olhar ansioso para os pés do peregrino amigo, divisou também aí as úlceras causadas pelos cravos do suplicio. Não pôde mais. Compreendendo a visita amorosa que Deus lhe enviava ao coração, bradou com infinita alegria:

— “Meu filho! meu filho! as úlceras que te fizeram!...”

E, precipitando-se para ele, como mãe carinhosa e desvelada, quiz certificar-se, tocando a ferida que lhe fôra produzida pelo último lançaço, perto do coração. Suas mãos ternas e solícitas o abraçaram na sombra visitada pelo luar, procurando sofregamente a úlcera que tantas lágrimas lhe provocara ao carinho maternal. A chaga lateral também lá estava, sob a carícia de suas mãos. Não conseguiu dominar o seu intenso júbilo. Num ímpeto de amor, fez um movimento para se ajoelhar. Queria abraçar-se aos pés do seu Jesus e oscula-los com ternura. Ele, porém, levantando-se, cercado de um halo de luz celestial, se lhe ajoelhou aos pés e, beijando-lhe as mãos, disse em carinhoso transporte:

— “Sim, minha mãe, sou eu!... Venho buscar-te, pois meu Pai quer que sejas no meu reino a Rainha dos Anjos!...”

Maria cambaleou, tomada de inexprimível ventura. Queria dizer da sua felicidade, manifestar seu agradecimento a Deus; mas, o corpo como que se lhe paralizara, enquanto aos seus ouvidos chegavam os ecos suaves da saudação do Anjo, qual se a entoassem mil vozes cariciosas, por entre as harmonias do céu.

Ao outro dia, dois portadores humildes desciam a Efeso, de onde regressaram com João, para assistir aos ultimos instantes daquela que lhes era a devotada Mãe Santissima.

Maria já não falava. Numa inolvidavel expressão de serenidade, por longas horas ainda esperou a rutura dos derradeiros laços que a prendiam á vida material.

*

A alvorada desdobrava o seu formoso leque de luz, quando aquela alma eleita se elevou da Terra, onde tantas vezes chorara de jubilo, de saudade e de esperança. Não mais via seu filho bem amado, que certamente a esperaria, com as boas-vindas, no seu reino de amor; mas, estensas multidões de entidades angelicas a cercavam cantando hinos de glorificação.

Experimentando a sensação de se estar afastando do mundo, desejou rever a Galiléia com os seus sitios preferidos. Bastou a manifestação de sua vontade para que a conduzissem á região do lago de Genesaré, de maravilhosa beleza. Reviu todos os quadros do apostolado de seu filho e, só agora, observando do alto a paisagem, notava que o Tiberiades, em seus contornos suaves, apresentava a forma quasi perfeita de um alaúde. Lembrou-se, então, de que naquele instrumento da natureza, Jesus cantara o mais belo poema de vida e amor, em homenagem a Deus e á humanidade. Aquelas aguas mansas, filhas do Jordão marulhoso e calmo, haviam sido as cordas sonoras do cantico evangelico.

Dulcissimas alegrias lhe invadiam o coração e já a caravana espiritual se dispunha a partir, quando Maria se lembrou dos discipulos persegui-

dos pela crueldade do mundo e desejou abraçar os que ficariam no vale das sombras, á espera das claridades definitivas do Reino de Deus. Emitindo esse pensamento, imprimiu novo impulso ás multidões espirituais que a seguiam de perto. Em poucos instantes, seu olhar divisava uma cidade soberba e maravilhosa, espalhada sobre colinas enfeitadas de carros e monumentos que lhe provocavam assombro. Os marmores mais ricos esplendiam nas magnificentes vias publicas, onde as liteiras patricias passavam sem cessar, exibindo pedrarias e peles, sustentadas por miserrimos escravos. Mais alguns momentos e seu olhar descobria outra multidão guardada a ferros em escuros calabouços. Penetrou os sombrios carceres do Esquilino, onde centenas de rostos amargurados retratavam padecimentos atrozes. Os condenados experimentaram no coração um consolo desconhecido.

Maria se aproximou de um a um, participou de suas angustias e orou com as suas preces, cheias de sofrimento e confiança. Sentiu-se mãe daquela assembléia de torturados pela injustiça do mundo. Espalhou a claridade misericordiosa de seu espirito entre aquelas fisionomias palidas e tristes. Eram anciãos que confiavam no Cristo, mulheres que por ele haviam desprezado o conforto do lar, jovens que depunham no Evangelho do Reino toda a sua esperança. Maria aliviou-lhes o coração e, antes de partir, sinceramente desejou deixar-lhes nos espiritos abatidos uma lembrança perene. Que possuía para lhes dar? Deveria suplicar a Deus para eles a liberdade?! Mas, Jesus ensinara que com ele todo jugo é suave e todo fardo seria leve, parecendo-lhe melhor a escravidão com Deus do que a falsa liberdade nos desvãos do mundo. Recordou que seu filho deixara a força da oração como um poder incontrastavel entre os discipulos amados. Então, rogou ao Céu que lhe dêsse a possibilidade de deixar entre os cristãos oprimidos

a força da alegria. Foi então que, aproximando-se de uma jovem encarcerada, de rosto descarnado e macilento, lhe disse ao ouvido:

— "Canta, minha filha! Tenhamos bom animo!... Convertamos as nossas dores da Terra em alegrias para o Céu!..."

A triste prisioneira nunca saberia compreender o porque da emotividade que lhe fez vibrar subitamente o coração. De olhos extáticos, contemplando o firmamento luminoso, através das grades poderosas, ignorando a razão de sua alegria, cantou um hino de profundo e enternecido amor a Jesus, em que traduzia sua gratidão pelas dores que lhe eram enviadas, transformando todas as suas amarguras em consoladoras rimas de júbilo e esperança. Daí a instantes, seu canto melodioso era acompanhado pelas centenas de vozes dos que choravam no cárcere, aguardando o glorioso testemunho.

Logo, a caravana majestosa conduziu ao Reino do Mestre a bendita entre as mulheres e, desde esse dia, nos tormentos mais duros, os discípulos de Jesus têm cantado na Terra, exprimindo o seu bom animo e a sua alegria, guardando a suave herança de nossa Mãe Santíssima.

.....

Por essa razão, irmãos meus, quando ouvirdes o cântico nos templos das diversas famílias religiosas do Cristianismo, não vos esqueçais de fazer no coração um brando silêncio, para que a Rosa Mística de Nazaré espalhe aí o seu perfume!

FIM

ERNESTO BOZZANO

A CRISE DA MORTE

Haverá quem não tenha pensado nesse evento fatal?

Ela, a morte, a ninguém poupa, nem respeita. Crianças, flores em botão, urnas de esperanças, homens e mulheres, todos lhe receberão a sua visita.

E quantos a temem? — a maioria. Mesmo os que a procuram voluntariamente não o fazem sem um vago temor — o temor do desconhecido.

Depois... que será? E' como será? Sabido que a alma sobrevive ao corpo, ainda assim, o interesse, a curiosidade não diminuem, antes aumentam de valor.

Eis o assunto desta obra. O autor aí aprecia e comenta o testemunho dos que se foram, com detalhes curiosíssimos das impressões que experimentaram, em circunstâncias diversas.

Bozzano é sempre o observador arguto para o comentário incisivo e justo.

Lêr este livro é matar a morte com o seu cortejo de terrores, incertezas e mistérios.

CAIXA DE PROPAGANDA

Instituída com o fim principal de auxiliar a publicação de **Reformador** (Boletim mensal) e de folhetos de distribuição gratuita, aos contribuintes dessa Caixa, o mesmo **Reformador** será remetido regularmente, como o é aos socios das diversas categorias: contribuintes, inscritos, remidos, titulados e correspondentes.

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

HA DOIS MIL ANOS...

E

50 ANOS DEPOIS

são dois romances que ficarão célebres na literatura brasileira, pela dramaticidade do enredo, pela beleza da linguagem, pelo fundo moral — na exaltação da virtude e no castigo ao vício, pela verdade da narrativa — feita por quem viveu naqueles tempos da velha Roma.

O autor é *Emmanuel*, o inesquecível e erudito Espírito de quem o grande vespertino *O Globo*, desta Capital, obteve sensacional reportagem, em 1935, em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, registrando ensinamentos e revelações que encheram de espanto os mais endurecidos incrédulos e os mais abalisados pessimistas, e que, mais do que isso, converteram vários negadores dos fenômenos psíquicos.

Superior a todos os livros que descrevem a época de Néro, o martírio dos primeiros cristãos no Circo de Roma, esses livros valem por uma biblioteca sobre o assunto, pois resumem os aspectos da vida naqueles recuados tempos.

São romances e são livros de instrução, instrução para a inteligência e para a Alma, porque estão plenos de ensinamentos — prégados por Jesus, pelos Apóstolos e pelos eminentes cristãos contemporâneos do Mestre.

São, em suma, dois tesouros que valem por moedas de ouro na estante de qualquer leitor inteligente e de bom-gosto em assunto de bons livros.

Cada exemplar, em esmerada edição: Brochado, \$8\$000. — Em linda encadernação, 10\$000.

REEMBOLSO: — Facilita o intercambio entre vendedores e clientes. Por meio de simples cartão postal, contendo a relação das obras que pretende adquirir, recebe o cliente pelo Serviço Postal de Reembolso, a encomenda, pagando-a no ato de retirá-la da Agencia, depois de conferidas as notas que acompanham os pacotes.

J. W. ROCHESTER

O CHANCELER DE FERRO

HERCULANUM

A VINGANÇA DO JUDEU

São três magníficos romances mediúnicos, que se poderiam dizer tripétalo adorante de fecundo ramo literário, originalmente único no seu gênero.

De fato, o Espírito lucidíssimo de *J. W. Rochester*, que foi na terra o Conde desse nome, pela médium W. Krijanowsky imaginou e transmitiu ao mundo uma série de livros só possíveis, pela ascendência e unidade temática, como pela sequência do enredo, de factura extrahumana.

Para encadear essas páginas lítero-filosóficas, tanto quanto romântico-históricas, não bastaria um genial talento forrado de excepcional cultura, mas a sensibilidade exótica, a psicologia viva e peculiar às épocas e plenários através dos quais conduz os seus personagens, de feição nada fantasista, porque possivelmente reais, em conexidade de circunstâncias.

Assim, do antigo Egito aos nossos tempos, Rochester apresenta o mesmo grupo de Espíritos em sucessivas etapas terrenas, com as suas taras espirituais em conflito e amoldadas ao seu tempo.

No *Chanceler de Ferro*, temos um panorama soberbo dos tempos faraônicos, com as suas idéias e costumes, preconceitos de religião, de casta e de família, que a patina dos séculos esfumou, mas não estinguiu.

Em *Herculanum*, são duas civilizações a colidirem, é o Cristianismo em primícias de floração renovadora, com todas as suas misérias e grandezas.

Em *Vingança do Judeu*, é o cadinho temperante da evolução provisionada; é o vulcão flamívomo, o bátraco enfim, das místicas hodiernas.

Lêr Rochester não será, portanto, deleitar e instruir o espírito, mas firmar convicção nas balizas que norteiam providencialmente os destinos humanos, dos povos como dos indivíduos.

Cada volume em brochura, 9\$000; em ótima encadernação, 12\$000.

LÉON DENIS

NO INVISIVEL

Tratado de espiritualismo experimental — Os fatos e as leis. — Fenômenos espontâneos. — Tiptologia e Psicografia. — Os fantasmas dos vivos e os espíritos dos mortos. — Incorporações e materializações dos defuntos. — Métodos de experiência. — Formação e direção dos grupos, identidade dos espíritos. — A mediunidade através das idades.

O estudo do mundo invisível atrai e anima cada vez mais os seus pesquisadores. O campo de investigações se alarga cada dia mais e o número das pessoas que delas participam aumenta em proporções consideráveis; muitos, porém, se entregam às experiências sem a preparação indispensável, sem método, sem espírito de fiscalização, dando em resultado inúmeros abusos. A necessidade de precisar as condições da experiência, de fixar na medida dos conhecimentos adquiridos as regras que regem o funcionamento das faculdades mediúnicas, se faz sentir de maneira imperiosa. Essas regras, essas condições, Léon Denis as expõe na primeira parte deste livro com uma grande clareza e alta competência. Ele mostra que todas as manifestações do mundo invisível são regidas por leis fixas, precisas, rigorosas, cujo estudo jorra viva luz sobre os problemas da vida e da morte, da natureza e do destino dos seres.

Preço: Broch. 9\$000 — Enc. 12\$000.

NECESSIDADE DE LER

A crença cega é morta, comparável à luz mortua dos ambientes fechados. É preciso ler, estudar, perquirir sempre, como quem sabe que o progresso e verdade são infinitos. Procurem os bons livros e terão adquirido um cabedal de vida eterna, patrimônio de alma.

OBRAS DE

ERNESTO

BOZZANO :

**PENSAMENTO E
VONTADE**

Br. 4\$; enc. 6\$

**OS ENIGMAS DA
PSICOMETRIA**

Br. 5\$; enc. 8\$

**METAPSIQUICA
HUMANA**

Br. 5\$; enc. 8\$

**A CRISE DA
MORTE**

Br. 4\$; enc. 6\$

**XENOGLOSSIA
(MEDIUNIDADE
POLIGLOTA)**

Br. 5\$; enc. 8\$

**FENOMENOS
PSIQUICOS NO
MOMENTO DA
MORTE**

Br. 5\$; enc. 8\$

**ANIMISMO OU
ESPIRITISMO?**

Br. 9\$; enc. 12\$

CAMILLE FLAMMARION

Urânia

(Uranie)

Volume br. 5\$000 ; encadernado... 8\$000

Deus na Natureza

(Dieu dans la Nature)

Volume br. 9\$000 ; encadernado... 12\$000

Stella

(Stella)

Volume br. 9\$000 ; encadernado... 12\$000

O Fim do Mundo

(La fin du Monde)

Volume br. 7\$000 ; encadernado... 10\$000

O Desconhecido e os

Problemas Psíquicos

(L'inconnu et les Problèmes Psychiques)

Volume br. 12\$000; encadernado... 15\$000

Sonhos Esteláres

Rêves étoilés)

(Volume br. 7\$000; encadernado... 10\$000

As Casas Mal Assombradas

(Les Maisons hantées)

Narrações do Infinito

(Lumen)

Os Mundos imaginarios e

os mundos reais

(Les Mondes imaginaires et les mondes réels)

A pluralidade dos mundos habitados

(La pluralité des mondes habites)

As forças naturais desconhecidas

(Les forces naturelles inconnues)

REEMBOLSO: — Facilita o intercambio entre vendedores e clientes. Por meio de simples cartão postal, contendo a relação das obras que pretende adquirir, recebe o cliente pelo Serviço Postal de Reembolso, a encomenda, pagando-a no ato de retirá-la da Agencia, depois de conferidas as notas que acompanham os pacotes.